



Universidade Federal da Bahia – UFBA

Instituto de Psicologia – IPS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPSI



Eleonora Vaccarezza Santos

**“QUEM É BONITO É BOM”: INTERAÇÃO ENTRE ESTEREÓTIPOS RACIAIS
E ATRATIVIDADE FÍSICA FACIAL EM TAREFAS DE JULGAMENTO
MORAL**



Universidade Federal da Bahia – UFBA
Instituto de Psicologia – IPS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPSI



Eleonora Vaccarezza Santos

**“QUEM É BONITO É BOM”: INTERAÇÃO ENTRE ESTEREÓTIPOS RACIAIS
E ATRATIVIDADE FÍSICA FACIAL EM TAREFAS DE JULGAMENTO
MORAL**

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutora em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho.

Linha de Pesquisa: Cognição e Dinâmicas Interacionais

Orientador: Prof. Dr. Marcos Emanuel Pereira

Salvador

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237 Santos, Eleonora Vaccarezza

“Quem é bonito é bom”: interação entre estereótipos raciais e atratividade física facial em tarefas de julgamento moral / Eleonora Vaccarezza Santos, 2023.

372 f.: il.

Orientador: Pro^o. Dr^o. Marcos Emanuel Pereira

Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

1. Psicologia Social. 2. Atração interpessoal. 3. Estereótipos (Psicologia social) – Raças. 4. Atitude (Psicologia). 5. Comportamento humano. I. Pereira, Marcos Emanuel.

II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD: 152.4



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
Instituto de Psicologia - IPS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI
MESTRADO ACADEMICO E DOUTORADO



TERMO DE APROVAÇÃO

“QUEM É BONITO É BOM”: INTERAÇÃO ENTRE ESTEREÓTIPOS RACIAIS E A ATRATIVIDADE FÍSICA FACIAL EM TAREFAS DE JULGAMENTO MORAL.

Eleonora Vaccarezza Santos

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Marcos Emanuel Pereira (Orientador)
Universidade Federal da Bahia, UFBA

Profª. Dra. Elza Maria Techio
Universidade Federal da Bahia, UFBA

Profº. Dr. Raimundo Gouveia
Universidade Federal da Bahia, UFBA

Profº. Dr. Marcus Eugênio Oliveira Lima
Universidade Federal de Sergipe, UFS

Profª. Dra. Elizabeth Hordge-Freeman
University of South Florida (USF, EUA)

Salvador, 19 de junho de 2023.

Dou fé.

Profº Dr. Marcos Emanuel Pereira

À Madalena (*in memória*), Walter (*in memória*),
Rosalia (*in memória*), Carlos Morathi e Havy
Luiz.

AGRADECIMENTOS

Escrever esta tese foi um extenso percurso que me rendeu ao longo dele alegrias, tristezas, (re)encontros e desencontros. Assim, uso este espaço para agradecer alguns dos seres humanos e não humanos que me acompanharam nessa trajetória.

Primeiramente, agradecer a todas aquelas que vieram antes de mim, aos meus guias e mentores espirituais que tornaram esse meu percurso possível, a minha mãe Conça, por todo cuidado com meu orì, aos meus pais Walter Santos e Rosalia Francisca de Souza (*in memoria*), aos meus avós Almerita Conceição de Souza e Trazíbio Francisco de Souza (*in memoria*) por acreditarem no meu potencial e investirem na minha formação educacional.

Agradeço, também, por todo o suporte que encontrei na família baiana, enquanto estive por aqui, vocês foram muito importantes para meu bem-estar físico e emocional durante a estada na terrinha!

Agradeço aos meus pimpolhos Carlos Morathi e Havy Luiz, que chegaram em minha vida durante esse doutoramento e já encontraram uma mãe que precisou se ausentar em muitos momentos por conta da escrita deste trabalho, saibam que cada um ao seu jeito contribuiu para a conquista deste projeto! A Elizângela Araújo (Eli), que se dedicou à tarefa de zelar pelo meu bem-estar e dos meus filhos durante as minhas ausências, seu trabalho e cuidados foram fundamentais para que eu pudesse seguir nessa jornada. A Ketilin, que por um período possibilitou que essa mãe-pesquisadora executasse tarefas que seriam impossíveis sem a sua colaboração.

Agradecer todas as pessoas que se incumbiram de facilitar meu processo de aprendizagem escolar, desde a base até a pós-graduação, vocês foram fundamentais para a constituição desta pesquisadora!

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Marcos Emanuel, que teve sabedoria e paciência, ao atentar-se ao meu processo pessoal de produzir este trabalho e por todo apoio e incentivo durante minhas atividades discentes e docentes, muito grata!

Agradeço, também, às professoras Dra. Patrícia da Silva e Profa. Dra. Elza Techio pelas contribuições para aprimorar este trabalho no exame de qualificação. Agradeço a Aline, cujo trabalho de suporte na parte burocrática do programa foi de suma relevância, sempre solícita e assertiva nas orientações, muito grata!!

Como parte deste percurso, também devo agradecer aos (re)encontros felizes e às amigas e aos amigos que fizeram parte dessa minha estada na terrinha, meus compadres Diego Ramon e Anderson Fontes, sou muito grata pelo apoio de vocês! A Stephanny e a Hilda, companheiras de vários rolês por Salvador.

Ao pessoal das disciplinas: Cultura e Diversidade no Pensamento Social Brasileiro e Antropologia Urbana, muito grata por vocês terem existido nessa minha trajetória, pois todos os nossos encontros foram muito enriquecedores para mim.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFBA, por enriquecerem ainda mais minha experiência enquanto pesquisadora e discente.

Agradeço as minhas e aos meus colegas pela oportunidade de ter representado as/os discentes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFBA no Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia. Aos colegas do LEPPS, que tornaram essa experiência de pesquisa e de fazer ciência mais significativa. Aos estudantes das disciplinas que lecionei enquanto estive como professora substituta do IPS, vocês impulsionaram ainda mais o desejo de ser docente.

A FAPESB, por ter financiado integralmente este trabalho, através da Bolsa de Estudo, muito grata!

Enfim, a todas e todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão desta tese, meus mais sinceros agradecimentos!

RESUMO

Santos, E.V. (2023). “Quem é bonito é bom”: interação entre estereótipos raciais e a atratividade física facial em tarefas de julgamento moral. (Tese de Doutorado), Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

O objetivo geral deste trabalho é testar a influência mútua dos estereótipos raciais e do grau de atratividade física facial na realização de tarefas de julgamento moral, na presença de alvos de diferentes perfis étnicos e com grau de atratividade física aumentado ou diminuído. Para tanto, dois estudos foram realizados. O primeiro objetivou a construção e validação de um banco de imagens prototípicas com diferentes cores de pele (preta, parda e branca), variados graus de atratividade física (baixa, média e alta atratividade), as imagens foram extraídas do estudo seminal de (Mendes, Arrais & Fukushima, 2009). Do primeiro estudo, participaram 337 pessoas, que responderam a um questionário on-line, produzido a partir da plataforma digital *Ef-survey* e distribuído a partir das redes sociais da pesquisadora e de pessoas próximas a ela. As participantes foram solicitadas a participarem de uma tarefa de julgamento estético e da cor de pele das referidas fotografias. A partir dos dados produzidos, foi composto um banco de dados com 18 imagens distintas em que apresenta: (a) fotografias com alto grau de atratividade física facial (AA); (b) fotografias apresentam grau de atratividade física mediano (AM); e (c) fotografias que possuem baixo grau de atratividade física (AB). Vale ressaltar que em todos os três grupos encontram-se um par (homem e mulher) de fotografias de cor da pele, branca, preta e parda. Ademais, as fotografias selecionadas conforme as análises executadas demonstraram não possuir diferenças significativas quanto ao grau de atratividade física para os diferentes grupos, o que indica que esses participantes não diferem na percepção sobre a atratividade das referidas fotografias. O segundo estudo tratou-se de um experimental, de amostra aleatorizada que objetivou testar a influência mútua dos estereótipos raciais e do grau de atratividade física facial na realização de tarefas de julgamento moral, na presença de alvos de diferentes perfis

étnicos e com grau de atratividade física aumentado ou diminuído. 333 pessoas responderam um questionário on-line, autoadministrável, desenvolvido pela pesquisadora a partir da plataforma digital *Ef-survey*. Para a composição dos três Cenários de Dilemas Morais (da *Passarela*, do *Transplante* e da *Carteira perdida*), foram selecionadas as três fotografias avaliadas no estudo anterior que apresentaram grau de atratividade física mediano (AAM) e cuja cor da pele foi previamente validada como parda. Após obter o consentimento, a participante visualizava a imagem que precedia a história de dilema moral e um pequeno texto contendo a história atribuída a/ao personagem, em seguida era convidada a responder questões relativas à tomada de decisão moral atribuída ao personagem (alvo) e sobre a própria tomada de decisão moral em relação ao dilema. Após o tratamento do banco de dados, foram executadas uma série de análises multivariadas (ANOVA's de medidas repetidas, fatoriais e ANCOVAS) para avaliar o impacto da apresentação das faces no grau de julgamento moral que os participantes deram para si e para o alvo em questão. A primeira hipótese foi parcialmente corroborada no cenário do dilema moral de baixo conflito, mas não foi corroborada no cenário do dilema moral de alto conflito e de dilema impessoal. Outrossim, a segunda hipótese não foi corroborada, pois a ANOVA confirmou que não houve diferenças significativas produzidas pela cor da pele autodeclarada e o sexo das nossas participantes, com exceção de uma tendência observada na interação entre sexo e cor da pele autodeclarada no cenário do dilema moral do Transplante. E no cenário do dilema moral da Carteira Perdida a ANOVA não foi significativa, embora tenha apresentado um efeito marginal em função da interação entre sexo e cor autodeclarada pela participante. Ainda, a terceira e a quarta hipóteses não foram corroboradas, em nenhum dos cenários, visto que os resultados demonstraram que os fatores de perfil étnico da face em conjunto com uma maior motivação para controle do preconceito eram preditores de uma maior avaliação da conduta moral do alvo apresentado.

Esses resultados são discutidos à luz das teorias da atração interpessoal, do julgamento moral e das relações intergrupais.

Palavras-chave: Atratividade Física Facial, Estereótipos Raciais, Julgamento Moral, Dilema Moral.

ABSTRACT

The general objective of this work is to test the mutual influence of racial stereotypes and the degree of facial physical attractiveness in the performance of moral judgment tasks, in the presence of targets of different ethnic profiles and with increased or decreased degree of physical attractiveness. To this end, two studies were carried out. The first study aimed at building and validating a bank of prototypical images with different skin colors (black, brown and white) varying degrees of physical attractiveness (low, medium and high attractiveness), the images were extracted from the seminal study of (Mendes, Arrais & Fukushima, 2009). In the first study, 337 people participated, who answered an online questionnaire, produced from the Efsurvey digital platform and distributed from the social networks of the researcher and people close to her. The participants were asked to participate in an aesthetic judgment task and the skin color of the referred photographs. Based on the data produced, a database was created with 18 different images that present: (a) photographs with a high degree of facial physical attractiveness (AA); (b) photographs show a medium degree of physical attractiveness (AM) and; (c) photographs that have a low degree of physical attractiveness (AB). It is noteworthy that in all three groups there is a pair (male and female) of photographs of skin color, white, black and brown. Furthermore, the photographs selected according to the analyzes carried out showed no significant differences regarding the degree of physical attractiveness for the different groups, which indicates that these participants do not differ in the perception of the attractiveness of the referred photographs. The second study was an experimental study, with a randomized sample, which aimed to test the mutual influence of racial stereotypes and the degree of facial physical attractiveness in the performance of moral judgment tasks, in the presence of targets of different ethnic profiles and with a degree of increased or decreased physical attractiveness. 333 people answered an online, self-administered questionnaire, developed by the researcher

using the Ef-survey digital platform. For the composition of the three Scenarios of Moral Dilemmas (of the Catwalk, of the Transplant and of the Lost Wallet), the three photographs evaluated in the previous study that presented a medium degree of physical attractiveness (AAM) and whose skin color was previously validated as brown were selected. After obtaining consent, the participant visualized the image that preceded the moral dilemma story and a short text containing the story attributed to/to the character, then she was invited to answer questions related to the moral decision-making attributed to the character (target) and about moral decision-making in relation to the dilemma. After processing the database, a series of multivariate analyzes (repeated measures, factorial and ANCOVAS ANOVA's) were performed to assess the impact of the presentation of the faces on the degree of moral judgment that the participants gave to themselves and to the target in question. . The first hypothesis was partially supported in the low-conflict moral dilemma setting, but was not supported in the high-conflict moral dilemma and impersonal dilemma setting. Just as the second hypothesis was not supported, as the ANOVA confirmed that there were no significant differences produced by the self-reported skin color and gender of our participants. With the exception of a trend observed in the interaction between gender and self-reported skin color in the scenario of the Transplantation moral dilemma. And in the scenario of the moral dilemma of the Lost Wallet, the ANOVA was not significant, although it had a marginal effect due to the interaction between sex and self-declared color by the participant. Still, the third and fourth hypotheses were not supported in any of the scenarios, since the results showed that the ethnic profile factors of the face together with a greater motivation to control prejudice were predictors of a greater evaluation of the moral conduct of the displayed target. These results are discussed in the light of theories of interpersonal attraction, moral judgment and intergroup relations.

Keywords: Facial Physical Attractiveness, Racial Stereotypes, Moral Judgment, Moral Dilemma.

RESUMEN

El objetivo general de este trabajo es comprobar la influencia mutua de los estereotipos raciales y el grado de atractivo físico facial en la realización de tareas de juicio moral, en presencia de objetivos de diferentes perfiles étnicos y con mayor o menor grado de atractivo físico. Con este fin, se llevaron a cabo dos estudios. El primero tuvo como objetivo construir y validar un banco de imágenes prototípicas con diferentes colores de piel (negra, morena y blanca), diversos grados de atractivo físico (atractivo bajo, medio y alto), las imágenes fueron extraídas del estudio seminal de (Mendes, Arrais y Fukushima, 2009). En el primer estudio participaron 337 personas, que respondieron un cuestionario en línea, elaborado desde la plataforma digital Ef-survey y distribuido desde las redes sociales de la investigadora y personas cercanas a ella. Se solicitó a los participantes participar en una tarea de juicio estético y el color de piel de las referidas fotografías. A partir de los datos producidos se creó una base de datos con 18 imágenes diferentes que presentan: (a) fotografías con un alto grado de atractivo físico facial (AA); (b) las fotografías muestran un grado medio de atractivo físico (AM); y (c) fotografías que tienen un bajo grado de atractivo físico (AB). Llama la atención que en los tres grupos hay un par (masculino y femenino) de fotografías de color de piel, blanco, negro y moreno. Además, las fotografías seleccionadas según los análisis realizados no mostraron diferencias significativas en cuanto al grado de atractivo físico para los distintos grupos, lo que indica que estos participantes no difieren en la percepción del atractivo de las referidas fotografías. El segundo estudio fue una muestra experimental aleatoria que tuvo como objetivo probar la influencia mutua de los estereotipos raciales y el grado de atractivo físico facial en la realización de tareas de juicio moral, en presencia de objetivos de diferentes perfiles étnicos y con un grado de atractivo físico aumentado o disminuido. 333 personas respondieron un cuestionario en línea, autoadministrado, desarrollado por el investigador utilizando la plataforma digital Ef-survey. Para la com-

posición de los tres Escenarios de Dilemas Morales (de la Pasarela, del Trasplante y de la Cartera Perdida), se utilizaron las tres fotografías evaluadas en el estudio anterior que presentaban un grado medio de atractivo físico (MAA) y cuyo color de piel era previamente validados como marrones fueron seleccionados. Después de obtener el consentimiento, la participante visualizaba la imagen que antecedió la historia del dilema moral y un breve texto que contenía la historia atribuida al/al personaje, luego era invitada a responder preguntas relacionadas con la toma de decisiones morales atribuidas al personaje (objetivo). y sobre la toma de decisiones morales en relación con el dilema. Tras procesar la base de datos, se realizaron una serie de análisis multivariados (medidas repetidas, factoriales y ANCOVAS ANOVA's) para evaluar el impacto de la presentación de los rostros en el grado de juicio moral que los participantes se daban a sí mismos y al target en cuestión. . La primera hipótesis fue respaldada parcialmente en el escenario del dilema moral de bajo conflicto, pero no fue respaldada en el escenario del dilema moral de alto conflicto y el dilema impersonal. Además, la segunda hipótesis no fue respaldada, ya que el ANOVA confirmó que no hubo diferencias significativas producidas por el color de piel autodeclarado y el género de nuestros participantes, con la excepción de una tendencia observada en la interacción entre el género y el color de piel autodeclarado. en el escenario del dilema moral del Trasplante. Y en el escenario del dilema moral de la Cartera Perdida, el ANOVA no fue significativo, aunque tuvo un efecto marginal debido a la interacción entre el sexo y el color autodeclarado por el participante. Aún así, la tercera y cuarta hipótesis no se sustentaron en ninguno de los escenarios, ya que los resultados mostraron que los factores del perfil étnico del rostro junto con una mayor motivación para controlar los prejuicios fueron predictores de una mayor evaluación de la conducta moral del target expuesto. . Estos resultados se discuten a la luz de las teorías de la atracción interpersonal, el juicio moral y las relaciones intergrupales.

Palabras clave: Atractivo Físico Facial, Estereotipos Raciales, Juicio Moral, Dilema Moral.

LISTA DE SIGLAS

AFF Atratividade Física Facial

AFFM Atratividade Física Facial Manipulada

ANOVA Análise de Variância

ANCOVA Análise de Covariância

JASP Jeffreys's Amazing Statistics Program

SPSS Statistical Package for the Social Science

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE TABELAS

Capítulo IV

Tabela 1. Frequência e Percentuais das Características sociodemográficos dos participantes do Estudo I.....	70
---	----

Capítulo V

Tabela 2. Frequência e Percentuais do perfil psicossocial dos participantes do Estudo II.....	84
Tabela 3. Resultados obtidos através da análise de ANCOVA, da pergunta referente a si próprio e ao alvo, nos três cenários de dilema moral e tendo como variantes as Escalas de: Identidade Moral (IDM), Identificação Racial (EIDR) e de Motivação Interna e Externa para Controle do Preconceito.....	143

LISTA DE FIGURAS

Capítulo IV

Figura 1. Diagrama com os critérios de exclusão aplicados às fotografias do banco de dados.....	75
---	----

Capítulo V

Figura 2. Modelos com Perfil Étnico Africanizado e Europeizado manipulados quanto ao grau da atratividade física facial.....	86
Figura 3. Diagrama do Procedimento experimental adotado para a coleta de dados do estudo.....	92
Figura 4. Gráfico contendo médias da avaliação da conduta moral atribuídas aos personagens com perfil étnico africanizado e europeizado com o grau de atratividade física facial reduzido e aumentado, no cenário do dilema moral da Passarela.....	98
Figura 5. Gráfico contendo médias das avaliações da conduta moral feitas pelos participantes homens e mulheres, autodeclaradas brancas, pretas e pardas aos personagens presentes no cenário de dilema pessoal de baixo conflito (Dilema da Passarela).....	127
Figura 6. Gráfico contendo médias das avaliações da conduta moral feitas pelas participantes homens e mulheres, autodeclaradas brancas, pretas e pardas aos personagens presentes no cenário de dilema impessoal (dilema da Carteira Perdida).....	132

LISTA DE QUADROS

Capítulo IV

Quadro 1. Fotografias (números de ordem) de homens e mulheres (brancos, pretas e pardas) avaliadas como tendo nível de atratividade alta (AA), atratividade moderada (AM) e atratividade baixa (AB), selecionadas como estímulos para novos estudos..... 76

Capítulo V

Quadro 2. Hipóteses alternativas e suas referidas conclusões a partir dos dados do estudo nos cenários de dilema moral: pessoal de baixo conflito, pessoal de alto conflito e impessoal..... 150

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	186
LISTA DE FIGURAS	186
LISTA DE QUADROS	197
SUMÁRIO	18
1 INTRODUÇÃO	20
2 ATRATIVIDADE FÍSICA FACIAL E ESTEREÓTIPOS DA BELEZA	29
2.1 Atração interpessoal e atratividade física facial	29
2.2 Atratividade física facial e paradigma “quem é bonito é bom”	34
2.2.1 Sexo, raça e atratividade física facial	37
2.3 O uso da fotografia em pesquisas sobre atratividade física facial e julgamento moral..	43
3 JULGAMENTO MORAL	46
3.1 Moralidade e julgamento moral	46
3.1.1 Identidade moral	50
3.2 A utilização de dilemas éticos em estudos que envolvem tomada de decisão moral.....	53
3.3 Flexibilidade moral e tomada de decisão moral	59
3.4 Efeito da atratividade física facial no julgamento moral.....	61
4 CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTO DE JULGAMENTOS ESTÉTICOS FACIAIS POR COR DE PELE E GRAU DE ATRATIVIDADE FÍSICA	65
4.1 Método.....	66
4.1.1 Participantes	66
4.1.2 Instrumentos.....	68
4.1.3 Procedimentos para coleta dos dados	68
4.1.5 Aspectos éticos.....	70
4.2 Resultados e discussão	70
5 ESTUDO SOBRE ESTEREÓTIPOS RACIAIS E GRAU DE ATRATIVIDADE FÍSICA FACIAL EM TAREFAS DE JULGAMENTO MORAL.....	75
5.1 Hipóteses	76
5.2 Método.....	78
5.2.1 Participantes	78
5.2.2 Instrumentos e materiais	81
5.2.3 Procedimentos.....	87
5.3 Resultados - Atratividade física facial, viés racial e avaliação da tomada de decisão moral.....	92
5.3.1 Resultados do teste da hipótese (H1)	92
5.3.2 Resultados do teste da hipótese (H2)	119
5.3.3 Resultados do teste das hipóteses (H3) e (H4).....	136

5.4 Discussão geral - Atratividade física facial, viés racial e avaliação da conduta moral	140
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
REFERÊNCIAS.....	156
APÊNDICE A – Tabelas das análises do Estudo I.....	200
APÊNDICE B – Fotografias que compuseram o banco de imagens do Estudo I.....	212
APÊNDICE C - Questionário Utilizado no Estudo I.....	214
APÊNDICE D - Questionário Utilizado no Estudo II	311

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, inserido na linha Cognição Social e Dinâmicas Interacionais, traz como tema geral os fatores que podem determinar a atração interpessoal – a saber – a atratividade física facial e a interação desta com fatores que desfavorecem o estabelecimento dessas mesmas relações e até mesmo contribuem para o comportamento de juízo moral direcionados a um indivíduo ou a todo o grupo – como exemplo dos estereótipos e do preconceito racial, direcionados a indivíduos de diferentes grupos étnicos inseridos no Brasil.

Partindo dos resultados da pesquisa anterior executada durante o mestrado, inferiu-se que o pertencimento racial autodeclarado pelo participante e a aproximação do fenótipo do modelo ao grupo majoritário foram fatores preponderantes na percepção de atratividade das celebridades (Santos & Lima, 2015). Além disso, o fato de ser percebido como menos atraente trazia consequências negativas, por exemplo, receber mais termos pejorativos e ofensivos. Este efeito foi observado em ambos os grupos de modelos (pretas, pardas e brancas). Percebeu-se, portanto, que tais pontuações só poderiam existir por conta dos estereótipos da beleza, em um contexto social em que a beleza está associada à bondade, a feiura se torna o seu contraponto. Tais implicações trouxeram outros questionamentos: (a) em que contextos a lógica de “quem é bonito é bom” predomina? (b) poderia a pertença racial de um alvo influenciar nos julgamentos estéticos ou mesmo no julgamento moral? Até que ponto a atratividade física pode ser associada ao tratamento destinado a pessoas de diferentes pertenças étnico-raciais? Sendo o racismo um preditor estrutural das relações estabelecidas entre os indivíduos de diferentes pertenças étnico-raciais, pode o grau de atratividade física ser um atenuante ou um agravante das discriminações sofridas pela pessoa? E o que a literatura da área tem respondido acerca do tema?

Nos diversos *Handbooks* de Psicologia Social, o tema da atratividade física aparece como um constructo utilizado por teóricos e pesquisadores para prever as possibilidades da

atração interpessoal, ou seja, de pessoas que se conheceram e nunca tinham se visto se aproximarem e dali darem início a alguma interação.

É possível localizar muitos estudos que tiveram a atratividade física como seu principal objeto de investigação, com destaque ao célebre trabalho de Dion, Bersheid e Waslter (1972), que cunharam a expressão: “quem é bonito é bom”, para designar a tendência a atribuir diversas características positivas – como inteligência, sociabilidade e sucesso ocupacional – às pessoas consideradas atraentes, em detrimento daquelas apreciadas como pouco atraentes. Mesmo passando-se muitos anos, esse efeito continua sendo estudado e reafirmado. Esses estudos vêm demonstrando uma alta correlação entre percepção da atratividade física em um parceiro e aumento da autoestima (Greenberg, Schmader, Arndt & Landau, 2016); com maiores rendimentos salariais (French, 2002; Judge, Hurst & Simon, 2009; Mobius & Rosenblat, 2006); e até mesmo no recebimento de votos em uma eleição (Poutvaara, Berggren & Jordahl, 2006).

Porém, outros estudos vêm fornecendo resultados diferentes sobre o efeito de variáveis não físicas, que podem atuar sobre a percepção de maior ou menor atratividade física no alvo que está sendo avaliado, como exemplo dos resultados obtidos no estudo que identificou o “efeito fim de noite” – *closing time* (Glaudue & Delaney, 1990); do afeto e da familiaridade (Lee-Manoel, Morais, Bussab & Otta, 2002); do contexto social no qual o sujeito é apresentado (Hill & Buss, 2008); e da infidelidade (Tokumara & cols., 2010). Ainda, características que são físicas, mas que funcionam como marcadores sociais de gênero e raça também vêm demonstrando o seu impacto nas percepções sobre as impressões de que se tem sobre determinados tipos de pessoas (Benson, 1976; Biernat & Manis, 1994; Crooss & Cross, 1971).

É sabido que os estereótipos podem ser definidos como uma forma de organizar o mundo (Allport, 1954). E geralmente estão associados a características como raça, gênero, aparência física, origem geográfica ou social (Batista, 2014). Na perspectiva da cognição social, os estereótipos são concebidos como uma ação antinormativa, mas que depende da normativa em vigor, na qual a expressão aberta e

explícita dos preconceitos deixa de ser considerada como um comportamento aceitável, sendo ainda uma condição para considerar a expressão dos estereótipos como algo indesejável (Pereira, Dantas & Alves, 2011).

Destarte, ao falar sobre a relação entre estereótipos e atratividade física facial, entende-se que as informações sobre um alvo são simplificadas com base apenas em características de sua aparência física (Castro, 2011; Cunningham, 1986; Eagy, Makhijani, Ashmore & Longo, 1991; Perrette, May & Yoshikawa, 1994). Embora seja visto como algo indesejável, preconceitos e estereótipos raciais continuam a mediar as relações humanas e tem ganhado novas e distintas expressões, (Batista, 2014; Hordge-Freeman, 2019; Hordge-Freeman, 2020). E por acreditar nesta possibilidade, este trabalho se propõem a estudar o constructo do estereótipo da beleza e sua interação com o preconceito e os estereótipos raciais.

Alguns estudos que foram desenvolvidos ao longo das últimas décadas sugerem que o efeito de variáveis não físicas pode atuar sobre a percepção de maior ou menor atratividade física no alvo que está sendo avaliado (Hill & Buss, 2008; Lee-Manoel, Morais, Bussab & Otta, 2002; Mello, 2011; Tokumara & cols., 2010).

Estudos que enfocam os processos de formação de impressões demonstram a função que as crenças sociais, características físicas, expectativas, rótulos e outras informações sobre pessoas têm na formação de julgamentos em várias dimensões (Kowner, 1998). Neste aspecto, a aparência física é uma fonte primária na colheita das informações necessárias diante de uma interação inicial (Eagy, Makhijani, Ashmore & Longo, 1991). De modo geral, pode-se afirmar que a atração interpessoal é comumente influenciada por estereótipos (Castro, 2011; Dion, Berscheid & Walster, 1972) e pode enviesar os juízos morais que se estabelecem em relação a um alvo.

Nesse sentido, um conjunto significativo de psicólogos tem se interessado cada vez mais em explorar a função da cognição moral (ou seja, como pensamos o certo e o errado, moralmente falando) usando ferramentas tanto da psicologia evolutiva quanto da psicologia do

desenvolvimento, o que leva ao arranjo de algumas teorias que tentam explicar a moralidade, mas que dada a sua complexidade, tornam-se explicações um tanto quanto difusas.

Assim, o que se observa é que há um esforço ativo da psicologia em desvendar os processos subjacentes à cognição moral e muitas ferramentas foram desenvolvidas recentemente com este objetivo. Como exemplo dos estudos que testam previsões sobre o uso de dois processos: deontologia (adesão às regras morais) e consequencialismo (equilibrar custos e benefícios, em face aos diferentes dilemas morais (Bartel, 2014).

Podemos afirmar, com base nos estudos atuais, que a cognição moral se baseia em regras morais, reações emocionais e avaliações de custos e benefícios. Especificamente, esses estudos sugerem: (1) que contextos que direcionam a atenção às violações das regras /morais geram reações deontológicas emocionais consistentes; (2) que a resposta deontológica é diminuída em contextos que direcionam a atenção às considerações utilitárias; e (3) que fatores contextuais interagem com valores específicos da situação e diferem individualmente para moldar o julgamento moral e a escolha. Nesse sentido que o presente trabalho busca compreender o papel de fatores como a atratividade física facial e os estereótipos raciais nas respostas morais emitidas pelas pessoas.

Ponderando os resultados que os estudos inspirados pelo *priming* semântico oferecem ao entendimento de que a presença de um alvo seria estímulo suficiente para a ativação do raciocínio categórico, como na categoria de pessoas bonitas, ativar o estereótipo “quem é bonito...logo seria também bom” (Castro, 2011; Guimarães & Nina-e-Silva, 2013; Mello, 2011). Os referidos estudos deixam claro o impacto dos processos automáticos sobre a vida mental, outros, todavia, rejeitam declaradamente a hipótese da inevitabilidade da ativação das categorias (Pereira, 2002; Pereira, Dantas & Alves, 2011), ao defenderem que a ativação das categorias é um processo condicional o qual depende da junção de uma série de pistas presentes no ambiente físico e social do indivíduo (Pereira, Dantas & Alves, 2011).

No campo de estudos da Psicologia Moral houve o desenvolvimento de medidas próprias para as suas referidas pesquisas, em especial no Brasil. Esses instrumentos geralmente possuem como procedimento metodológico básico solicitar aos sujeitos que respondam a dilemas morais hipotéticos, conduzindo-os a fazer um julgamento a respeito do que deve ser feito na situação apresentada, algo que adotamos no segundo estudo presente neste trabalho.

Partindo do ponto de vista do método, podemos destacar dentro do conjunto destes estudos o uso da fotografia como principal estímulo para a coleta de dados. E no conjunto dos estudos realizados sobre atratividade física e, mais em específico, sobre a atratividade física facial (AFF), em sua maioria, a utilização de fotografias de face de pessoas como estímulo.

Grande parte dos estudos realizados são experimentais, em geral, a pessoa é solicitada a participar de tarefas nas quais interagem com as faces, avaliando-as quanto ao grau de atratividade física (Bussab, Otta, Lee-Manoel, 2002; Omote, 1994). Esses e outros estudos sugerem que a situação mais bem conhecida e controlada, para se estudar a AFF e seus efeitos sobre percepção e relação interpessoal, é aquela na qual a pessoa-estímulo é apresentada através de fotografias contendo apenas a cabeça e o pescoço (eventualmente os ombros também) vistos de frente (Omote, 1994; Bershied, Walster & Dion, 1971).

Ainda, é perceptível nesses estudos que a avaliação da AFF é feita utilizando juízes do sexo masculino e feminino, que classificam fotografias no contínuo atraente-não-atraente; E os resultados encontrados até então demonstram haver uma alta correlação entre as avaliações feitas por juízes masculinos e aquelas feitas por juízes femininos (Berscheid & Walster, 1974; Reis, Nezlek & Wheeler, 1980; Reis, Wheeler, Spiegel, Kernis, Nezlek & Perri, 1982; Unger, Hilderbrand & Madar, 1982). Já outros estudos vêm demonstrando resultados diferentes (Cross & Cross, 1971). Os referidos autores estudaram os efeitos da idade, sexo e raça sobre a AFF e concluíram que não houve qualquer efeito devido à idade do juiz, mas o sexo e a raça do juiz exerceram efeitos sobre a avaliação da atratividade.

Dessa forma, dado o impacto que fatores como o gênero e a raça podem vir a desempenhar nas avaliações estéticas de juízes de diferentes categorias sociais, ao serem solicitados a avaliarem imagens de faces como sendo atrativas ou não-atrativas, buscamos, portanto, controlar essas variáveis de sexo e cor de pele do alvo apresentado durante o estudo desenvolvido e que apresentamos neste trabalho. Pretendemos demonstrar a importância do controle dessas variáveis e da necessidade de uma maior atenção às características sociais de participantes de estudos como os que avaliam faces e as classificam em um contínuo de beleza.

Conquanto, não se tenha na literatura algo que possa embasar a quantidade ideal de juízes para uma avaliação fidedigna da atratividade física, experiências anteriores podem levar-nos ao entendimento que devemos considerar que o gênero ou raça do que avalia determinada imagem pode enviesar as respostas (Cross & Cross, 1971). Nesse sentido, a ampliação dos participantes neste tipo de tarefa pode se mostrar uma alternativa para o controle deste tipo de viés.

Logo, com base em estudos prévios que ressaltam o papel central da fotografia em pesquisas sobre atratividade física facial, este trabalho apresenta os resultados de um estudo que objetivou delinear um procedimento de avaliação da atratividade física facial de adultos do sexo masculino e feminino, com diferentes cores da pele, através de suas fotografias encontradas no artigo de Mendes, et al. (2009), por juízes, adultos, também de ambos os sexos e diferentes pertencas étnico-raciais.

Muitos estudos que tiveram a atratividade física como seu principal objeto de investigação são baseados no trabalho seminal de Dion, Berscheid e Walster (1972), que cunharam a expressão: “quem é bonito é bom”, para designar a tendência a atribuir diversas características positivas – como inteligência, sociabilidade e sucesso ocupacional – às pessoas consideradas atraentes, em detrimento daquelas apreciadas como pouco atraentes. A existência deste viés sugere que os mecanismos neurais para julgar atratividade facial e bondade moral se

sobrepõem, também conhecido como “efeito *halo*”. Nesse sentido, este trabalho se propõe a avaliar o impacto que os estereótipos raciais e da beleza desempenham em tarefas de julgamento moral de um determinado alvo.

Muito já se avançou na literatura, mas é preciso ainda investigar melhor se de fato o “efeito *halo*” é de fato universal, como ressaltam os estudos que vem seguindo dentro do paradigma que defende “quem é bonito é bom”, algo que o estudo desenvolvido, por esta autora, sobre tarefas de julgamento moral e estereótipos, se propôs a testar.

Desse modo, esta tese, do ponto de vista científico, poderá oferecer subsídios para pesquisadores que investigam a atração interpessoal e a influência de elementos como o preconceito e os estereótipos raciais. Do ponto de vista técnico, poderá auxiliar na tomada de decisões em processos de recrutamento e seleção para o mercado de trabalho, de atenção e cuidados com a saúde e educação. No campo social, poderá colaborar com a identificação de um possível público-alvo para a intervenção via políticas públicas, seja no campo da saúde, educação ou mercado de trabalho.

Este trabalho tem por objetivo geral testar a influência mútua dos estereótipos raciais e do grau de atratividade física facial na realização de tarefas de julgamento moral, na presença de alvos de diferentes perfis étnicos e com grau de atratividade física aumentado ou diminuído. Especificamente, pretende: (a) Identificar se há influência mútua dos estereótipos raciais e da atratividade física facial na avaliação da tomada de decisão moral atribuído a um alvo. (b) Descrever que circunstâncias experimentais ocorrem associação entre estereótipos raciais e o grau de atratividade física facial na avaliação da tomada de decisão moral atribuída a um alvo; (c) Aferir em que circunstâncias experimentais os estereótipos raciais associados com a atratividade física facial produzem graus na avaliação da tomada de decisão moral mais elevados; (d) Testar um modelo explicativo para a avaliação da tomada de decisão moral

atribuída a alvos de diferentes pertencas étnicas e variados graus de atratividade física facial, tendo o preconceito racial, a atratividade física e o contexto psicossocial como preditores.

O presente trabalho está estruturado de modo a contemplar os estudos que foram elaborados com os seus respectivos desdobramentos. No segundo capítulo, abordaremos a atração interpessoal, da atratividade física aos estereótipos da beleza. No terceiro capítulo, delinearemos os conceitos de moralidade e julgamento moral. Falaremos sobre o uso dos dilemas morais nos estudos sobre julgamento moral e os processos envolvidos na tomada de decisão moral. E por fim, falar-se-á acerca dos estudos localizados sobre o julgamento moral que trazem a atratividade física facial como preditora para avaliações acerca da tomada de decisão moral, sobretudo estudos que se localizam dentro e fora do campo jurídico.

Finalizados esses capítulos de fundamentação teórica, apresentamos o quarto capítulo, no qual detalhamos o primeiro estudo com os procedimentos adotados e os resultados obtidos. No qual desenvolvemos e testamos um banco de imagens prototípicas de diferentes cores de pele e graus de atratividade física. Em seguida, entregamos o capítulo cinco, que exhibe o segundo estudo, que compõe este trabalho de tese, desenvolvido a partir dos resultados do primeiro – sobre a interação entre atratividade física facial, estereótipos raciais e julgamento moral. Uma ponderação sobre esses dois capítulos empíricos é o formato da apresentação dos procedimentos e resultados, adotamos a escrita gendrada, para a força feminina no nosso perfil amostral, de modo que optamos por nos referirmos as nossas participantes no gênero feminino. Por fim, no sexto capítulo, encontram-se algumas considerações acerca deste trabalho, no qual expomos reflexões a despeito dos avanços bem como as limitações da presente pesquisa, com sugestões para futuros estudos dentro do campo da cognição moral.

2 ATRATIVIDADE FÍSICA FACIAL E ESTEREÓTIPOS DA BELEZA

Este capítulo visa fundamentar teoricamente os estudos presentes neste trabalho, bem como situar o constructo atratividade física facial (AFF) dentro do campo de estudos e da teoria que explica a atração interpessoal, ou do “por que gostamos de quem gostamos?” Outra questão a ser respondida durante esse trabalho é: o que ocorre quando esse fator interage com os estereótipos raciais?

2.1 Atração interpessoal e atratividade física facial

A atratividade física, de acordo com estudos na área de psicologia social, diz respeito à percepção subjetiva de que uma pessoa possui características físicas que são consideradas visualmente agradáveis, atraentes ou desejáveis por outras pessoas (Dion, Berscheid, & Walster, 1972). Essa percepção pode variar culturalmente e ao longo do tempo, mas alguns traços físicos geralmente estão associados à atratividade em várias culturas.

Para prosseguirmos com as discussões sobre atratividade interpessoal e os estereótipos da beleza, é preciso localizá-los dentro de seu campo conceitual, para em seguida pensar na atratividade física facial como fator de impacto nos julgamentos morais. Apresentamos nos próximos parágrafos o que os autores da atração interpessoal têm definido como “os pressupostos” da atração interpessoal, ou as explicações dadas para a pergunta: “porque gostamos de quem gostamos?” O primeiro grande pressuposto é o da proximidade.

O primeiro avanço empírico na análise da proximidade como fator preditor da atração interpessoal foi o estudo de Festinger et al. (1950). Eles entrevistaram moradores em um novo complexo de apartamentos. Como na maioria dos complexos de apartamentos, o síndico do condomínio colocou os residentes em seus apartamentos de forma aleatória. Festinger e colegas viram isso como um experimento natural que lhes deu a oportunidade de estudar como a

proximidade influencia a formação da amizade. Eles descobriram que a localização física do apartamento de alguém dentro do complexo teve um grande impacto sobre quem fez amigos com quem e quantas amizades se formaram dentro do complexo (Greenberg, et al., 2016).

No entanto, tinha-se a partir da ideia original sobre a proximidade que não se poderia formar um relacionamento com alguém, a menos que a conheça, e quanto mais perto estiver fisicamente da outra pessoa, mais provável é que se encontrem, portanto, formem um relacionamento com ele ou ela. E, com a proliferação da tecnologia da Internet em muitas culturas contemporâneas, esse cenário vem tomando novas arranjos. Assim, *Facebook*, *Twitter*, *blogs*, fóruns e outros aplicativos tornam cada vez mais possível estabelecer relações com pessoas que raramente, ou se alguma vez, realmente se encontraram. Isso inclui pessoas de todo o mundo e no ciberespaço com quem compartilhamos um interesse. Ao mesmo tempo, as interações sociais cara-a-cara ainda são mais importantes e benéficas para a saúde mental e a satisfação da vida do que socializar em *cyberespaços* (Greenberg, et al., 2016; Kraut et al., 1998; Latané et al., 1995).

Foram oferecidas inúmeras explicações para o impacto surpreendente da localização física. Uma delas, baseada em familiaridade. Além de evidências que sustentaram o mero efeito de exposição, que demonstram que nós tendemos a gostar de novos estímulos melhor quanto mais nos expormos a ele (Zajonc, 1968), pois o desconhecido faz com que as pessoas inicialmente desconfiem ou até fiquem ansiosas (Greenberg, et al., 2016).

Em um estudo sobre os relacionamentos homossexuais, aqueles que obtiveram pontuações nos testes de traços estereotipados masculinos desejavam, acima de tudo, um parceiro que possuía - traço estereotipicamente masculino. Homens gays que tiveram escores elevados em um teste de traços estereotipicamente femininos desejavam, acima de tudo, um parceiro expressivo - com traço estereotipicamente feminino (Boyden, Carroll & Maier, 1984

citado por Aronson, Wilson & Sommers, 2013). Características semelhantes de personalidade são importantes para casais heterossexuais (Smith et al., 2014; Weaver & Bosson, 2011).

Outra explicação relacionada com o efeito de proximidade é que, em geral, as interações ocasionais com outras pessoas são levemente agradáveis, você troca saudações, conversa sobre assuntos triviais, como o tempo etc. No entanto, quanto mais agradáveis forem as conversas que você tenha, mais positivos serão os sentimentos que você irá associar à pessoa com quem conversa (Greenberg, et al., 2016). De tal modo, se a exposição repetida a outra pessoa, devido à proximidade, apenas lembrá-las de como diferem umas das outras, pode-se gostar menos do que mais dessas pessoas (Norton et al., 2007). Mas na ausência de qualidades negativas, a familiaridade tende a criar atração e gosto (Bornstein, 1989; Moreland & Beach, 1992; Lee, et. al, 2002; Aronson, Wilson & Sommers, 2013).

Em boa parte das pesquisas, a atração interpessoal aborda esta questão de uma forma ou de outra. Primeiramente, a transferência, alguns atributos podem evocar sentimentos positivos porque os associamos a pessoas que gostamos ou a experiências positivas que tivemos no passado. Por exemplo, em um estudo desenvolvido por Collins e Read (1990), os autores descobriram que as pessoas muitas vezes são atraídas por parceiros românticos que têm um estilo de cuidar semelhante ao de um dos pais do sexo oposto. Tais atributos podem ser sutis, e até mesmo culturalmente valorizados.

Alguns atributos podem evocar sentimentos positivos porque os associamos as pessoas que gostamos ou a experiências positivas que tivemos no passado. Collins e Read (1990) descobriram que as pessoas muitas vezes são atraídas por parceiros românticos que têm um estilo de cuidar semelhante ao de seus pai ou mãe. Susan Andersen e seus colegas descobriram que se um indivíduo recentemente encontrado se assemelha a outra pessoa significativa (de quem gosta ou não gosta), tende a transpor esses sentimentos para a nova pessoa (Andersen & Baum, 1994; Andersen et al., 1996). Outro aspecto a ser considerado no campo da atração

interpessoal é sobre o quanto sentimos atração por pessoas que atendam as nossas necessidades, como as similaridades de atitudes. Desse jeito, outras explicações vão buscar na similaridade uma explicação para o fato de gostarmos de quem gostamos.

Um dos determinantes mais fortes da atração é a similaridade percebida, similaridade em várias dimensões. Pessoas que se tornam amigas, amantes e cônjuges tendem a ser semelhantes em termos socioeconômicos, status econômico, idade, localização geográfica, identidade étnica, aparência e personalidade (Byrne et al., 1966; Caspi & Herbener, 1990; Hinsz, 1989). Mais particularmente poderosa é a semelhança em atitudes e visão de mundo geral.

Uma gama crescente de estudos tem sustentado a ideia de que é a similaridade e não a complementaridade que atrai e junta pessoas (Aronson, Wilson & Sommers, 2013; Berscheid & Reis, 1998; Heine et al., 2009; McPherson, Smith-Lovin, & Cook, 2001; Montoya & Horton, 2013). E não são apenas atitudes ou dados demográficos que importam, mas, por exemplo, características de personalidade semelhantes também promovem o gosto e a atração (Aronson, Wilson & Sommers, 2013).

Outros estudos demonstram que pessoas com atitudes semelhantes são mais propensas a se gostarem, tornarem-se amigos e até mesmo parceiros românticos (Byrne, 1971; Griffitt & Veitch, 1974; Newcomb, 1956). Em um estudo anterior, Newcomb (1956) examinou o ato de transferir alunos recém-chegados para um dormitório da faculdade. Quando ele investigou o gosto entre aqueles que conviviam no mesmo dormitório, observou que cada vez mais compartilhavam de atitudes semelhantes. Ainda, é interessante notar que essa explicação causal funciona nos dois sentidos, pois, uma vez percebida, a similaridade aumenta a atração e a atração aumenta a similaridade percebida. Se gostamos de alguém, também tendemos a supor que ele ou ela tem atitudes semelhantes (Miller, 1982). Além disso, os casais tendem a pensar que suas atitudes são mais semelhantes do que eles realmente são (Kenny & Lá Voie, 1982). Isso chama

atenção para um outro preditor da atração interpessoal - a similaridade percebida, que depende da similaridade real para gerar a atração.

E achados que demonstram que o que é importante para a atração e o compromisso de relacionamento é o quanto as pessoas *percebem* que são semelhantes a outras, e não necessariamente o quanto o são realmente semelhantes e, finalmente, o quão semelhantes elas são, do ponto de vista objetivo (Montoya & Horton, 2008). Por exemplo, a atração inicial das pessoas em um contexto de namoro rápido e sua satisfação em relacionamentos de longo prazo são mais bem previstos pela semelhança percebida do que pela semelhança real (Dyrenforth, Kashy, Donnellan & Lucas, 2010; Tidwell, Eastwick & Finkel, 2013).

Em outro estudo, os autores avaliaram em quatro experimentos que as pessoas se sentaram (ou relataram que se sentariam) mais perto de outras pessoas fisicamente semelhantes. O estudo 1 revelou agregação significativa nos padrões de assento em duas características facilmente observáveis: uso de óculos e sexo. O Estudo 2 replicou essa descoberta com uma variedade mais ampla de características físicas: raça, sexo, uso de óculos, comprimento do cabelo e cor do cabelo. A tendência geral de as pessoas se sentarem ao lado de outras fisicamente semelhantes permaneceu significativa mesmo quando controlados por sexo e raça, sugerindo que as pessoas agregam outras dimensões físicas além das amplas categorias sociais. O Estudo 3 replicou conceitualmente esses resultados em um ambiente de laboratório. Quanto mais os participantes fisicamente semelhantes, mais perto se sentavam antes de uma interação antecipada ao controlar por sexo, raça e semelhança de atratividade. No Estudo 4, semelhança física geral e uso de óculos previram a distância de assento autorrelatada. Esses efeitos foram mediados pela similaridade de atitude percebida (Mackinnon, Jordan, & Wilson, 2011). No tópico seguinte, passaremos para a atratividade física *per si*, para falar sobre quais seus efeitos na percepção e porque ela pode gerar mais simpatia e até falsas suposições sobre pessoas fisicamente atrativas.

2.2 Atratividade física facial e paradigma “quem é bonito é bom”

O presente tópico tem por objetivo expor as suposições que são construídas com base na aparência física de uma pessoa avaliada como fisicamente atrativa e, para mais a frente, abordar os estudos que têm sido desenvolvidos no sentido de demonstrar o impacto da atratividade física nos julgamentos estéticos e morais.

Antes de iniciar as discussões, é imprescindível abordar o porquê da tamanha importância dada para a atratividade física, a resposta, segundo os autores Greenberg, Schmader, Arndt e Landau, (2016), deve-se ao fato de que estar conectado ou simplesmente estar perto de outra pessoa com atributos culturalmente valorizados pode melhorar a nossa própria autoestima. Esta forma de atração se estende não só aos extremos, como o são as celebridades, mas também para todos os atributos altamente valorizados.

Nos Estados Unidos, por exemplo, estas incluem objetos como riqueza, beleza, talento musical ou atlético, e assim por diante. Adquirir uma chamada Esposa de troféu dá uma sensação de autoestima (um troféu) a um homem mais velho e rico que tenha uma jovem linda e bonita ao seu lado. Embora a pesquisa sobre os traços que gostamos em um parceiro ideal seja valiosa, devemos notar que a grande maioria destes trabalhos avaliam que traços que as pessoas *relatam* ou *pensam* gostar não são, necessariamente, aqueles que elas realmente gostam (Eastwick et al., 2014).

Nota-se que as características que as pessoas de culturas diferentes afirmam gostar, os traços que elas valorizam, são aspectos espelhados da cultura (Greenberg, et.al, 2016). Isso já foi observado em uma grande pesquisa na Internet de participantes de 53 nações. Quando foram convidados a avaliar a importância de vários atributos de um parceiro romântico, os participantes das nações modernas e individualistas avaliam o humor, a bondade, a confiabilidade e a inteligência em menor grau do que os participantes de nações coletivistas mais tradicionais (Lippa, 2007).

Muitos estudos descobriram que a atratividade física afeta as atribuições que as pessoas fazem sobre os outros (e vice-versa). Esta tendência fornece um exemplo específico do que os psicólogos se

referem, de modo mais geral, como o *efeito halo* (Forgas, 2011; Thorndike, 1920). O *efeito halo* é um viés cognitivo em que a percepção de que um indivíduo que possui uma determinada característica positiva torna-se mais provável de acreditar que ele ou ela também possua outras características positivas (mesmo não relacionadas). Especificamente, quando se trata da atratividade, tende-se a atribuir a pessoas belas outras boas qualidades, incluindo os outros que não têm nada a ver com ela, esse efeito se deve ao estereótipo de que “o que é bonito é bom” (Ashmore & Longo, 1995; Dion, Berscheid, & Walster, 1972; Lemay, Clark, & Greenberg, 2010; Zebrowitz & Franklin, 2014).

Nesse sentido, podemos definir os estereótipos da beleza como

A partir dos estereótipos da beleza, pode-se inferir julgamentos e até mesmo como se comportar em relação à pessoa alvo do estereótipo. Badr e Abdallah (2001), que vai nomear o fenômeno como “benefício injusto da beleza”. Os autores classificaram a atratividade física facial e o estado de saúde de recém-nascidos prematuros em hospitais de Beirute e Líbano. Elas descobriram que a atração física contribuiu significativamente para os resultados de saúde destas crianças acima, além de fatores tais como seu estado médico. Perceberam que quanto mais atraente era a criança, mais rapidamente ele ou ela ganhou peso e menor foi sua permanência no hospital.

Em outro estudo, os autores relacionaram o efeito do estereótipo a uma projeção das pessoas ao quererem se relacionar com determinado tipo de pessoa. Os autores postularam que a atribuição de qualidades interpessoais desejáveis a alvos fisicamente atraentes é uma projeção de objetivos interpessoais; as pessoas desejam formar e manter laços sociais estreitos com alvos atraentes e, então, projetar essas motivações nesses alvos. Três estudos apoiam esse modelo. Tendências para ver novos alvos atraentes retratados em fotografias (Estudo 1), parceiros românticos atraentes (Estudo 2) e amigos atraentes (Estudo 3) como especialmente receptivos e responsivos interpessoalmente foram explicados pelos desejos intensificados dos observadores de se relacionar com indivíduos atraentes. Descobertas adicionais sobre latências de resposta (Estudo 1) também apoiaram esse modelo e concluem que muitos exemplos do efeito “quem é bonito é bom” podem não refletir os estereótipos da forma como é tipicamente interpretado. Em

vez disso, eles podem refletir a projeção de desejos intensificados de se relacionar com pessoas bonitas (Lemay Jr, Clark & Greenberg, 2010).

O estereótipo de que “o belo é bom” também é bem desenvolvido na área da competência social. Essas pesquisas têm revelado que pessoas altamente atraentes querem realmente desenvolver boas habilidades de interação social e relatam interações mais satisfatórias com os outros do que as pessoas menos atraentes (Feingold, 1992; Langlois et al, 2000; Lee-Manoel et. al, 2002; Landau et al, 2010; Reis et al, 1982). A principal explicação é que, por ser “lido” como belo, a partir da tenra idade, este sujeito também é passível de receber uma grande quantidade de atenção, o que por sua vez o ajudará a desenvolver boas habilidades sociais (Aronson, Wilson & Sommers, 2013).

Além disso, um estudo mais recente vai na mesma direção de demonstrar os efeitos positivos da atratividade física, só que dessa feita testava a interação de crianças com animais. Collado, Rodrigéz e Sorrel (2021) investigaram se os julgamentos das crianças sobre as ações prejudiciais aos animais dependem da percepção da atratividade dos animais. Para tanto, dois estudos foram executados. No Estudo 1, com crianças em idade escolar ($N=359$) avaliaram a atratividade percebida de seis animais e julgaram o quão grave é machucá-los, em comparação com as transgressões morais, transgressões sociais convencionais e escolhas pessoais. Ferir animais atraentes era percebido como tão severo quanto ferir outra criança, enquanto ferir animais não atraentes era avaliado como menos sério do que as transgressões sociais convencionais. No Estudo 2, testaram experimentalmente se a atratividade de animais classificados como não atraentes no Estudo 1 poderia ser influenciada por uma intervenção de educação ambiental. No entanto, os resultados demonstraram que nem mesmo a intervenção foi suficiente para inibir tal comportamento. Após a intervenção, as crianças do grupo experimental ($N=21$) classificou os animais não atraentes como mais atraentes do que antes da intervenção, e isso as levaram a julgar e prejudicar esses animais mais severamente do que antes da intervenção.

Os estereótipos da beleza podem atribuir traços sociais positivos a indivíduos atraentes, foi o que Meier, Robinson, Carter e Hinsz, (2010) concluíram. Ao realizarem dois estudos envolvendo 217 participantes, usaram um desenho no qual juízes desconhecidos avaliavam a atratividade dos participantes em fotografias improvisadas. Participantes com altos escores de traços autorrelatados de amabilidade ou extroversão, os dois traços mais relevantes para o comportamento interpessoal foram classificados como mais atraentes. Outros resultados indicaram que as relações personalidade-atração eram mediadas por uma aparência bem cuidada. Os resultados sugerem um cerne de verdade para a ideia de que indivíduos sociáveis também são atraentes.

Em suma, esses estudos citados trazem em comum a revelação de um estereótipo que pode gerar benefícios para quem possui a beleza a seu favor, ou que é percebido como fisicamente atrativo, mas como se comporta esse estereótipo para as pessoas que não fazem parte de grupos que historicamente foram excluídos de um imaginário de beleza ou de desejabilidade social? E como se comportam os diferentes grupos sociais em relação a este estereótipo? São questões que tentaremos dirimir nos próximos tópicos, quando abordaremos o papel dos vieses na percepção da atratividade física facial.

2.2.1 Sexo, raça e atratividade física facial

Pesquisas sobre o tema da AFF têm considerado as diferenças culturais ou raciais dos participantes ou mesmo dos rostos que são percebidos como fisicamente atrativos. A segunda é que qualquer evidência de diferenças significativas entre as preferências de homens e mulheres não excluem a possibilidade de uma ampla gama de variação individual dentro de cada sexo. Por fim, também vale a pena reconhecer que a maioria das pesquisas nesta área tem citado a atração por membros do sexo oposto, mas também destacamos aqui o interesse emergente em estudar padrões de atração entre casais do mesmo sexo (Pepalu & Figerhut, 2007).

Também é possível observar nos estudos da área do desenvolvimento que demonstram o quanto a atratividade física sofre a influência de outros estereótipos, por exemplo, os de gênero e raça. Neste sentido, que o estudo de Rennels e Langlois, (2014) visou comparar o quanto de preconceito entre crianças de 3 a 11 anos ($N = 102$) era exibido nos três domínios (gênero, raça e AF). Eles também examinaram se o preconceito (entendendo que diferentes grupos sociais podem possuir atributos semelhantes) estava relacionado entre esses domínios. Os preconceitos de atratividade das crianças, especialmente para as meninas, era tão ou mais fortes do que os preconceitos de gênero ou raça. E concluem fazendo um alerta para que os cientistas do desenvolvimento e formuladores de políticas públicas aumentem os esforços para compreender o desenvolvimento dos vieses de atratividade e determinar quais métodos de ensino têm mais sucesso na redução dos vieses em todos os domínios.

No estudo desenvolvido por Benson, Karabenick e Lerner (1976), buscou-se avaliar se havia o favoritismo para os fisicamente atraentes em relação a receberem ajuda. Quatrocentos e quarenta e dois homens e 162 mulheres brancas que ligavam em cabines telefônicas públicas em um grande aeroporto metropolitano encontraram um formulário de inscrição para pós-graduação preenchido, uma fotografia do candidato e um envelope endereçado e selado. A imagem foi usada para transmitir informações quanto à atratividade física (atraente x pouco atraente), raça (preto x branco) e sexo do candidato. Como previsto, pelos pesquisadores, a entrega do formulário foi facilitada mais para pessoas atraentes do que para as menos atraentes. Do mesmo modo, detectou-se um efeito racial significativo com os brancos recebendo mais ajuda do que os negros.

Nesse outro experimento, do qual 40 participantes do sexo feminino que eram pouco atraentes, medianas ou fisicamente atraentes fizeram uma variedade de atribuições sobre as mulheres-alvo de vários níveis de atratividade. A favorabilidade da atribuição foi considerada dependente da atratividade física da participante, bem como das dimensões ao longo das quais

as atribuições foram feitas. Ou autores concluem que embora muitas das atribuições fossem congruentes com o estereótipo postulado, outras não. Atribuições socialmente indesejáveis em relação à vaidade, egoísmo, probabilidade de desastre conjugal (solicitar o divórcio / ter um caso extraconjugal) e a probabilidade de ser burguês (materialista / esnobe / antipático aos povos oprimidos) aumentava os níveis de atratividade das pessoas-alvo (Dermer & Thiel, 1975).

Outro estudo, desta feita mais recente, avaliou as diferenças ocasionadas pelo fator sexo da participante. O estudo tinha por objetivo estudar a relação entre AF facial e personalidades dominantes e assertivas. Os autores identificaram uma relação negativa entre AF facial e personalidade assertiva, mas não entre AF facial e personalidade dominante. Além disso, encontraram uma correlação positiva entre personalidade assertiva e dominante. Segundo os autores, esses resultados sugerem que uma AF facial baixa e personalidade assertiva podem estar relacionadas à publicidade de traços desejáveis e status elevado em homens, a fim de serem mais atraentes para as mulheres. Este estudo corrobora as evidências apresentadas por trabalhos anteriores, que mostram que uma AF facial baixa está relacionada com aspectos socialmente desejáveis e atraentes da personalidade (Borráz-León & Cerda-Molina, 2015).

O estudo foi desenvolvido com o objetivo de demonstrar que há associação entre a beleza e a positividade como reflexos da crença de que uma fonte atrativa se associa à dimensão de credibilidade, em uma tarefa sobre atitudes dos sujeitos em relação à qualidade de alguns produtos, com a utilização de medidas implícitas (*Stroop*) e explícitas para manipular a atratividade e a sua relação com palavras de credibilidade e com palavras não relacionadas com credibilidade. Os dados sugerem que os sujeitos associam a atratividade com credibilidade, quer implicitamente quer explicitamente, e que não realizam o oposto para faces não atrativas. Esses dados demonstram também que implicitamente os sujeitos adotam respostas com base na valência das palavras, sendo, porém, no caso de fontes atrativas também influenciados por este tipo de fonte. Para além disso, parece haver indícios de que os sujeitos são influenciados por

esta manipulação de estímulos nas suas atitudes, ao classificarem produtos com maior qualidade quando associados a faces atrativas e menor quando associados a faces não atrativas (Mello, 2011).

Já no estudo realizado por Allen (1976), por meio de dois experimentos envolvendo avaliações de “desejo por um encontro”, a partir de fotografias de pessoas negras e brancas que variavam em atratividade, os resultados dos dois experimentos indicaram que a interação entre raça e atratividade tinha aproximadamente a mesma forma para homens e mulheres: pessoas atraentes de estímulo negro eram agrupadas com estímulos pouco atraentes. Já as participantes que foram informadas sobre a oportunidade de um encontro com pessoa de estímulo de sua escolha, antes de ver os slides de estímulo, tenderam a desconsiderar a atratividade como critério de escolha. O autor concluiu que a raça pode ser um rival mais forte da atratividade em relação aos fatores mais abstratos com os quais a atratividade foi comparada, porque a raça, como a atratividade, é altamente concreta e visível.

Em um estudo experimental conduzido por Desantts e Kayson (1997), objetivou-se o exame de vários fatores considerados influentes nas decisões dos jurados. A atratividade física facial, raça e sexo do réu foram manipulados. Foi hipotetizado que, para o mesmo crime, réus atraentes receberiam sentenças menores do que réus não atraentes, réus afro-americanos receberiam sentenças mais severas do que réus euro-americanos e réus do sexo feminino receberiam sentenças significativamente menores do que réus homens. Um caso de roubo fictício com uma foto anexada de um dos oito possíveis réus foi exibido em uma tarefa de julgamento, a 160 participantes, que foram solicitados a ler o caso e recomendar ou 1, 5, 10, 15 ou 20 anos de prisão como sentença. Os resultados demonstraram que as hipóteses foram apoiadas. Os autores atribuem esses resultados aos estereótipos que circundam pessoas vistas como mais atrativas como possuidoras de outras características positivas, de que afro-americanos são mais propensos à criminalidade do que euro-americanos e que mulheres cometem menos delitos que homens, por serem mais dóceis que os homens.

Um planejamento fatorial $2 \times 4 \times 4$ foi usado para avaliar os efeitos da atratividade física em um caso de violência doméstica. A atratividade do réu e da vítima variava em quatro níveis. Os sujeitos foram convidados a ler um cenário de violência doméstica em que as fotos do réu e da vítima variavam de acordo com sua atratividade física. Os resultados não mostraram efeito significativo da atratividade física no processo de tomada de decisão jurídica na violência doméstica. E embora houve diferenças significativas entre homens e mulheres na condenação do réu, esta diferença não foi considerada suficiente para declarar o réu culpado ou inocente (Burke, Ames, Etherington & Pietsch, 1990).

Outro estudo realizado por Cash e Ducan (1984) teve o objetivo de avaliar os efeitos da atratividade física para pessoas negras, pois como os próprios autores afirmam, na sua grande maioria, esses estudos foram realizados com pessoas brancas. Usando um paradigma padrão de percepção pessoal, o experimento examinou as primeiras impressões que estudantes universitários negros americanos expressavam em relação a fotografias faciais de homens e mulheres negros representando três níveis de atratividade física. Consistente com a pesquisa sobre os brancos, três estereótipos eram evidentes entre os negros: em níveis mais altos de atratividade, as pessoas foram julgadas como tendo personalidades socialmente mais desejáveis e maior potencial para o futuro. As mulheres mais atraentes foram avaliadas como mais desejáveis para o sexo. Finalmente, do lado negativo, a atratividade também transmitia uma orientação "burguesa" autocentrada (materialista, antipática aos oprimidos) e transmitia menos potencial para a competência parental e a estabilidade conjugal.

Um experimento fatorial $2 \times 2 \times 2 \times 2$ avaliou o efeito das informações de personalidade nas percepções dos atributos físicos de um alvo. Os participantes do estudo (estudantes) (N=256) foram convidados a serem juízes no referido experimento, logo após leram a descrição de uma pessoa-alvo (aluno) masculina ou feminina na qual três traços de personalidade foram manipulados (para serem altos ou baixos: inteligência, independência e honestidade). Os juízes receberam então uma fotografia da cabeça e ombros da pessoa alvo e foram solicitados a avaliá-la em várias características físicas. Os resultados indicaram um

efeito substancial da manipulação da honestidade nas percepções dos juízes, em que o alvo honesto, ao contrário do alvo desonesto, era visto como estando mais em forma e com melhor saúde e como tendo um rosto que parecia mais gentil, feminino e atraente. A análise de covariância mostrou que esses efeitos foram amplamente mediados por uma preferência geral pelo alvo (Paunonen, 2006).

Outro estudo com o objetivo de avaliar a significância do pertencimento racial de asiáticos na assunção de relacionamentos inter-raciais por parte de norte-americanos brancos, utilizando fotografias de homens e mulheres asiáticos prototípicos, ou seja, que atendiam aos estereótipos do biótipo asiático. Os autores concluíram que a variação na prototypicalidade se relacionava com as percepções de masculinidade e atratividade para os asiáticos. Além disso, concluem que a noção de que as percepções de beleza podem não ser baseadas apenas em características físicas objetivas, mostrando que elas também são moldadas por estereótipos raciais (Wilkims & Kaiser, 2011).

Um estudo com o objetivo de validar a cor da pele de fotografias de celebridades presentes na mídia televisiva brasileira. Assim, 60 pessoas (juízes) de nível universitário que se consideraram brancas, pretas e pardas julgaram um conjunto de 48 fotografias de celebridades previamente mencionadas em um estudo prévio. A elas foi solicitado que julgassem a cor das celebridades elencadas no estudo I, através de um questionário on-line, contendo fotos e uma escala de cor da pele, segundo os critérios do IBGE (branca, preta, parda). Os critérios para a inclusão das celebridades no questionário foi ter frequência igual ou superior a 75% dos votos. Optou-se por categorizar as celebridades de acordo com a classificação predominante no conjunto dos quinze julgamentos, ao que houve maiores impasses em relação aos indivíduos classificados como pardos (Lima, dos Santos Rodrigues, & Santos, 2022; Santos & Lima, 2015).

No ano de 2016, foi publicada uma tese, cujo objetivo foi o de elaborar uma escala de branqueamento. Sete juízes participaram do estudo, uma avaliação de fotos foi encaminhada junto a esses juízes, utilizando imagens prototípicas previamente publicadas no estudo de (Mendes, Fukushima & Arraes,

2009). Com uma amostra composta por setenta e quatro (74) participantes, foi utilizado como instrumentos: um conjunto de escalas de preconceitos, um inventário sobre racismo no mercado de trabalho, um indicador de boa aparência e um questionário sociodemográfico. Das cinco hipóteses testadas: (a) a primeira hipótese que assegurava a preferência por candidatos brancos foi corroborada; (b) a segunda hipótese referente à boa aparência foi rejeitada, visto os participantes elegeram a higiene como um elemento mais presente no julgamento em seleção de candidatos; (c) a terceira hipótese referente à exclusão categórica não foi corroborada, pois os candidatos negros não sofreram discriminação imediata; (d) a quarta hipótese que aludia à mudança no padrão de julgamento foi parcialmente confirmada; e (e) a quinta hipótese alusiva à codificação racial foi rejeitada. Os candidatos não foram direcionados para função diferente por critérios raciais. O autor pondera, por fim, que os processos seletivos devem se fundamentar no acolhimento da diversidade racial (Paim, 2017).

Em suma, esses estudos representam esforços iniciais no sentido de incluir uma variável de aparente impacto, como é o caso da cor da pele em pesquisas que enfocam a atratividade física, visto que é possível afirmar que a percepção sobre a atratividade física de uma pessoa sofre influências culturais e de modelos majoritários dentro de cada sociedade (Burke, Ames, Etherington & Pietsch, 1990; Desantts & Kayson, 1997). O presente estudo utiliza o recurso metodológico da apresentação de fotografias como estímulo para as respostas. Em vista disso, revisamos alguns estudos que trouxeram esse recurso visual para coletar dados sobre a atratividade física facial e que auxiliaram, também, em pesquisas sobre julgamento moral. Esses serão apresentados no tópico logo a seguir.

2.3 O uso da fotografia em pesquisas sobre atratividade física facial e julgamento moral

Estudos no campo da Atratividade Física Facial (AFF) frequentemente sugerem que a situação mais bem conhecida e controlada para se estudar a AFF e seus efeitos sobre percepção e relação interpessoal é aquela na qual a pessoa-estímulo é apresentada através de fotografias

contendo apenas a cabeça e o pescoço (eventualmente os ombros também) vistos de frente. De onde vem essa tradição? E em que contexto esse tipo de ferramenta foi inserida nesse campo de pesquisa?

Ao fazer um breve levantamento da literatura na área da pesquisa psicológica, é possível identificar que, ao longo dos anos, a fotografia foi se destacando no conjunto dessas pesquisas, sobretudo, a fotografia ganhou algumas funções nos estudos do campo da Psicologia, dentre eles podemos destacar quatro delas, registro, *feedback*, *autofotográfica* e modelo.

Uma das primeiras funções da fotografia foi para o registro de alguma atividade ou fenômeno, porém sem levar em consideração o autor das fotografias, nem o posterior observador delas (Kohatsu, 2017; Neiva-Silva & Koller, 2002). Na função de *feedback*, nota-se que a fotografia é, em geral, utilizada para dar um retorno a algum paciente sobre seus comportamentos frente a algumas situações sobre as quais ele não consegue verbalizar com o terapeuta (Fryear, Nuell & Ridley, 1974). Já na função *autofotográfica*, o experimentador, logo após orientar o participante acerca do manuseio do equipamento, pede a este que tire fotos que representem sua visão sobre si mesmo, algum acontecimento ou objeto (Maheirie, 2005; Maurente, 2007; Sato, 2009; Tacca, 2005).

Desde a década de 1920, a fotografia passou a ser utilizada na pesquisa psicológica adotando a função de modelo. E tem seu marco num estudo desenvolvido durante o período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, em um contexto de grandes mudanças geradas pelo fim da Primeira Guerra Mundial (Pintner, 1918). Na área de Recursos Humanos, existia a necessidade de criação de ferramentas que permitissem a seleção rápida e eficaz do maior número de pessoas. Assim, um dos estudos desenvolvidos durante esse período objetivava determinar a confiabilidade da avaliação de fotografias de rostos como um indicador do nível de inteligência (Anderson, 1921).

Ademais, observa-se que boa parte dos estudos do campo das relações interpessoais, mencionados até o momento, tratam do viés do sexo e da raça na atratividade física, ou seja, estudos que tratam acerca dos julgamentos estéticos. Mas, e quando esses julgamentos colidem com o julgamento moral, ou o quanto este primeiro pode influenciar na percepção das qualidades morais de um determinado alvo? É o que a literatura presente no campo da Psicologia Moral nos tem ofertado, e aos quais discutiremos mais sobre no capítulo 3 desta tese.

Até aqui, reunimos esforços a fim de trazer uma revisão dos estudos localizados que trazem a atratividade física facial em interação com outros fatores como o sexo e a racialidade dos alvos dessa avaliação. No próximo capítulo, debruçarem-nos mais sobre outro campo de estudos que parece interessado nos efeitos que a AF facial pode exercer em conjunto com outros fatores (como sexo e raça), é o campo dos estudos sobre julgamento moral, quase sempre situados em contextos forenses, com boa parte das pesquisas produzidas nos Estados Unidos da América (EUA) (Burke, Ames, Etherington & Pietsch, 1990; Cavior, & Howard, 1973; Desantts & Kayson, 1997). Pretendemos esboçar alguns desses estudos para visualizarmos as possibilidades tanto teóricas quanto metodológicas presentes neles.

3 JULGAMENTO MORAL

Este capítulo tem por objetivo discorrer acerca do julgamento moral e de que forma ele pode estar conectado com a atratividade física facial e enviesado por categorias como o gênero e a raça. Iniciaremos o capítulo definindo o que entendemos por moralidade e suas semelhanças e diferenças em relação ao julgamento moral. Em seguida, abordar a utilização de dilemas éticos em estudos que envolvem a tomada de decisão moral e o papel da flexibilidade moral em tarefas de tomada de decisão moral. Para o final, as pesquisas que endossam o campo da Psicologia Moral e que trazem a atratividade física facial como viés para a tomada de decisão moral

3.1 Moralidade e julgamento moral

Ao nos debruçarmos na literatura sobre julgamento moral, deparamo-nos com um constructo base nesses tipos de estudos – a moralidade –, de modo que é possível afirmar que historicamente a moralidade tem sido considerada uma ética unificada de justiça (Kohlberg, 1969,1981). Contudo, visões de moral como uma única ética ou valor tem atraído críticas diversas. Tais críticas questionam o direcionamento que damos as nossas preocupações morais, como exemplo de prestando cuidado e proibindo danos (Gilligan, 1982; Greene, Nystrom, Engell, Darley & Cohen, 2004), mostrando respeito e lealdade (Shweder; Much, Mahapatra & Park, 1997), preservando a pureza (Appiah, 2006; Haidt & Joseph, 2007).

Um conjunto significativo de psicólogos tem se interessado cada vez mais em explorar a função da cognição moral (ou seja, como pensamos o certo e o errado, moralmente falando) usando ferramentas tanto da psicologia evolutiva quanto da psicologia do desenvolvimento, o que leva ao arranjo de algumas teorias que tentam explicar a moralidade, mas que dada a sua complexidade, tornam-se explicações um tanto quanto difusas. Por um lado, a “moralidade” “pode significar muitas coisas ao mesmo tempo, como numa espécie de termo “guarda-chuva” que serve a diversos tipos comportamentos de julgamentos, da agressão ao incesto. E por outro

lado, a moralidade pode ser unificada e definida por características exclusivas da moralidade (versus outros domínios da cognição) ou ao menos características que são comuns entre os diferentes tipos de normas morais (Dungan, Young & Waytz, 2015).

Algumas das teorias influentes que tentaram explicar a moralidade simplesmente afirmavam que o domínio moral era único com base apenas em critérios normativos; ou seja, a moralidade foi separada de outras áreas de investigação baseadas em definições filosóficas do que é ou não conteúdo moral (como a exemplo, podemos citar Kohlberg, 1976; Piaget, 1932/2014). Para explicar essas diversas descrições de preocupações morais comuns, a Teoria das Fundações Morais (MFT) tem afirmado que a moralidade é composta por cinco domínios morais distintos (dano, justiça, lealdade, autoridade e pureza), cada um dos quais evolui em resposta a uma necessidade adaptativa específica (Graham et al, 2013; Graham & Haidt, 2012; Graham, Haidt & Nosek, 2009). Neste sentido, cada domínio moral é um mecanismo funcionalmente especializado, ou módulo (Graham et al, 2013; Haidt & Joseph, 2007). Por exemplo, o domínio “dano” aborda o desafio de cuidar de descendentes vulneráveis, o domínio da “autoridade” ajuda as pessoas a navegar em hierarquias de dominação social e o domínio da pureza impede a exposição a patógenos e a parasitas.

Psicólogos do desenvolvimento, também, tentaram distinguir as normas morais da convenção social (Turiel, 1983). O trabalho sobre distinção entre moral convencional visava identificar as características que separam os julgamentos convencionais de julgamentos exclusivamente morais. Por exemplo, considerando que os julgamentos convencionais são específicos da cultura, julgamentos morais podem ser universalmente presentes em todas as culturas, bem como ao longo do tempo (por exemplo, assassinato é sempre errado, não importa o lugar ou a hora).

Uma parte substancial dessas teorias há um rico conjunto de evidências baseadas em múltiplas metodologias e orientações teóricas diferentes agora sustentam a alegação de que crenças morais têm

propriedades psicológicas distintas de crenças não morais (Bauman & Skitka, 2009; Skitka, Bauman, & Sargis, 2005; Smith, 1984; Turiel, 1983). Mesmo o conteúdo das crenças morais variando entre o tempo e o lugar, a crença de que existe o "certo" e "errado" dentro de um processo de tomada de decisão, segundo esses autores, parece estar presente em culturas amplamente diferentes (Bartels et al., 2015; Shweder, Mahapatra, & Miller, 1987), algo que reafirma a ideia do julgamento moral como algo universal.

Nesse sentido, Bartels et al. (2015) compreendem que há um esforço ativo da psicologia em desenvolver os processos subjacentes à cognição moral e afirmam que muitas ferramentas foram desenvolvidas recentemente com este objetivo. Como exemplo, o autor cita os estudos que testam suas previsões sobre o uso de dois processos: deontologia (adesão às regras morais) e consequencialismo (equilibrar custos e benefícios), quando em face aos diferentes dilemas morais.

Podemos afirmar que deontologia e consequencialismo são duas posições na ética normativa que utilizam bases diferentes para julgar o status moral dos atos e implicam diferentes processos cognitivos (Bartels, 2008; Bartels et al., 2015). Uma característica em comum nessas duas abordagens seria a ideia de que a bondade das consequências de um ato é um atributo relevante (Bartels, 2008). E é a única característica relevante para o consequencialista e que o obriga a produzir as melhores consequências independentemente dos meios. Mesmo com muitos cenários impliquem nesses processos, pouco avanço teórico foi alcançado, talvez porque poucos estudos examinaram a generalização nos diferentes contextos (ou seja, diferentes tipos de situações de julgamento e escolha).

Dessa forma, podemos afirmar com base em Bartels et al., (2015) que os estudos atuais constatarem que a cognição moral se baseia em regras morais, reações emocionais e avaliações de custos e benefícios. Especificamente, esses estudos sugerem: (1) que contextos que direcionam a atenção às violações das regras morais geram reações deontológicas emocionais consistentes; (2) que a resposta deontológica é diminuída em contextos que direcionam a atenção

às considerações utilitárias; e (3) que fatores contextuais interagem com valores específicos da situação e diferem individualmente para moldar o julgamento moral e a escolha. Nesse sentido, explorar um pouco mais o que preconizam essas abordagens pode nos ajudar a compreender melhor o papel da deontologia e do consequencialismo nas respostas morais emitidas pelas pessoas.

Ainda, compete ressaltar que, no campo de estudos da Psicologia Moral, houve o desenvolvimento de medidas próprias para as suas referidas pesquisas, além da difusão de três medidas específicas. Os três instrumentos de mensuração de maturidade de julgamento moral, que têm como fundamentação teórica a abordagem kohlberguiana, são: “Moral Judgement Interview”, entrevista estruturada proposta por Kohlberg (1958); “Sociomoral Reflection Objective Measure”, de Gibbs, Arnold, Morgan, Schwartz, Gavaghan e Tappan (1984); e o “Defining Issues Test”, de Rest, Thoma, Narvaez, & Bebeau, 1997).

Esses instrumentos possuem como procedimento metodológico básico solicitar aos sujeitos que respondam a dilemas morais hipotéticos, conduzindo-os a fazer um julgamento a respeito do que deve ser feito na situação apresentada, justificando suas respostas. Supõe-se que, mediante essa justificativa, seja possível medir o nível de julgamento moral, no qual o respondente se encontra (Koller et al., 1994), o que será feito no estudo presente nesta tese, no qual utilizaremos uma escala para mensurar o grau de concordância das/os participantes com a decisão hipotética tomada pelo personagem em questão. Mas também cabe ressalva ao papel da identidade moral na interpretação da paisagem social, assim, no tópico seguinte abordamos o conceito de identidade moral do qual este trabalho se apropria como possibilidade de explicar os resultados que foram produzidos por nossas participantes do estudo 2.

3.1.1 Identidade moral

É possível verificar a partir da literatura presente sobre o campo da cognição moral que a identidade moral (IM) pode ser definida como o grau em que a moralidade é importante como parte da identidade de uma pessoa. Em outras palavras, a moralidade passa a ser algo central para a definição de si enquanto sujeito social. Ainda, pode-se considerar a identidade moral como uma categoria de autoconcepção sobre traços morais, na qual o autoesquema pode ser ativado conforme a influência de fatores situacionais (Aquino & Reed, 2002; Reed, Finnel, Aquino & Levy, 2016).

Com o intuito de encontrar evidências de validade de construto da escala de IM para o contexto brasileiro, foi realizada uma tradução da escala de IM e posterior aplicação *online* junto com escalas de construtos correlatos em uma amostra de 218 pessoas. Os resultados da análise fatorial e de confiabilidade apontaram uma estrutura bifatorial (internalização e simbolização) com índices satisfatórios para a escala de IM. Foram encontradas relações com amparo, desengajamento moral e jeitinho brasileiro, de acordo com as hipóteses previstas. As autoras concluíram que o instrumento se constitui como uma medida relevante para identificação de características pessoais relacionadas à moralidade e à ética. As autoras ainda sistematizaram e testaram empiricamente seu modelo, encontrando dois fatores: internalização (grau em que os traços morais são centrais para o autoconceito do indivíduo) e simbolização (grau com que esses traços morais são refletidos em escolhas e ações) (Resende & Porto, 2017).

Assim sendo, considerando a importância do construto da identidade moral em associação a outros constructos, podem levar a uma maior flexibilização moral e considerando ainda os estudos sobre avaliação da conduta moral e da aceitação favorável da Escala de Identidade Moral (IM) (Resende & Porto, 2017).

Para provar a influência de fatores situacionais na ativação dos esquemas de avaliação da conduta moral, Aquino e Reed (2002) desenvolveram seis estudos com a participação de adolescentes, estudantes

universitários e adultos para medir as associações entre a auto importância da identidade moral, cognições morais e comportamento. As propriedades psicométricas da medida foram avaliadas por meio de um exame da estrutura fatorial subjacente (Estudo 1) e análises de validade convergente, nológica e discriminante (Estudos 2 e 3). A validade preditiva do instrumento foi avaliada por exames das relações entre a autoimportância da identidade moral, vários resultados psicológicos e de comportamento (Estudos 4, 5 e 6). Os resultados foram discutidos em termos de modelos de comportamento moral, medição de identidade social e a necessidade de considerar as autoconcepções morais ao explicar a conduta moral.

Anterior aos trabalhos desenvolvidos e divulgados por Aquino e Reed (2002), temos duas abordagens que buscaram explicar o que venha a ser a identidade moral. A primeira delas iniciou-se com os trabalhos desenvolvidos por Lawrence Kohlberg (1989), no âmbito da psicologia cognitivo desenvolvimental, e constituíram-se num marco nos estudos da psicologia moral (Silva & Araújo, 2020).

Podemos afirmar com base em revisão feita por Moshman (2011), que os estudos realizados dentro da perspectiva Kolberguiana o juízo moral foi a unidade eleita para explicar o funcionamento moral. Esta perspectiva evidencia a existência de estágios de desenvolvimento do juízo moral, e defende que as condutas morais advêm de a capacidade do sujeito compreender de maneira autônoma a importância de princípios morais universais, como exemplo da justiça.

Já na segunda metade da década de 1980, observa-se uma transição de alguns estudiosos que passaram a explorar a moralidade por meio do emprego de outras perspectivas teóricas e metodológicas. É nesse contexto que trabalhos como os de William Damon (1984) e de sua parceira Anne Colby (Colby & Damon, 1992) e os de Augusto Blassi (1983) deflagaram uma nova corrente de pesquisas no campo da Psicologia moral, ao proporem a de da integração moral ao self ou à identidade (Silva & Araújo, 2020).

Damon, ao longo de suas pesquisas, constatou que o *self* e a moral são sistemas conceituais distintos, que em determinada fase do desenvolvimento, sobretudo na adolescência, passa a entrar em um processo de integração e influência recíprocas entre tais sistemas, momento este em que o sujeito passa a definir-se a si mesmo não apenas em termos de atributo

físico e ações concretas, mas também em termos de características, objetivos e preocupações morais. E passa a afirmar que a percepção do indivíduo acerca da moral em si mesmo pode influenciar o juízo e a conduta moral é um aspecto central da compreensão que esse sujeito tem de si, isto é, sua identidade moral, daí que parte a compreensão de si enquanto indivíduo cujo papel é agir moralmente, posto que se perceberá como um agente moral responsável por seus atos (Silva & Araújo, 2020).

Outro teórico que teve papel fundamental na proposição da identidade como central no funcionamento e nas ações morais foi Augusto Blassi (1983, 1995, 2004). Em seu modelo teórico, denominado *Self model of moral functioning*, o autor defende que o raciocínio moral é o primeiro fator que determina a ação moral, pois possibilita ao indivíduo avaliar se deve ou não agir moralmente (Araújo & Silva, 2020). O autor ainda destaca que a integração da moral à identidade não é o único fator determinante para a ação moral, de modo que cabe a estudos posteriores buscar em resposta a esta lacuna no campo: que outros fatores colidem para o desenrolar da ação moral?

Inspirados nos estudos de Blassi, Golby e Damon (1983/1992), Frimen e Walker (2009), junto a demais colaboradores, construíram um modelo empírico para investigar a integração da moral ao self e qual o papel da centralidade moral na motivação de ações morais. Partindo da premissa de que o self pode ser movido por duas classes de interesses: (a) interesses pessoais e (b) interesses comunitários (ou morais), que se encontram invariavelmente dissociados ou em conflito, mas que por força do interesse comunitários podem se integrar, de modo que sua teoria propõe que essa integração moral é uma estratégia encontrada pelo self para dirimir tal conflito de interesses (Silva & Araújo, 2020).

Aquino e Reed (2002) foram responsáveis por desenvolver um modelo metodológico amplamente utilizado nos últimos dez anos de estudos da identidade moral. Os autores partem

de uma concepção de que existem diversas identidades sociais que constituem o *self*, aqui compreendido como a representação de si perante os demais seres sociais, e essas identidades se organizam de maneira única através de uma estrutura de conhecimento armazenada na memória, denominada por eles como esquema de *self* social, ou seja, a representação de si mesmo no mundo social. Neste trabalho, utilizamos essa compreensão para realizarmos nossa leitura dos dados relativos as avaliações de conduta moral.

Temos, também, a concepção teórica de Lapsley e Narvaez sobre a identidade moral, na qual a concebem como a acessibilidade crônica de esquemas morais no *self*. Para esses autores, a identidade moral se basearia naqueles constructos morais que são essenciais e seriam cronicamente acessíveis pela identidade pessoal e facilmente ativados para interpretar a paisagem social (Silva & Araújo, 2020).

Por fim, destacamos que uma parcela considerável dos estudos sobre moralidade e julgamento moral tem se valido de métodos de apresentação de uma história com uma ação desenrolada por um determinado personagem, estamos a falar sobre os dilemas éticos. A utilização de dilemas morais foi a escolha metodológica empregada para investigar a moralidade no segundo estudo desta tese, justamente por permitir a manipulação de diversas variáveis relevantes ao entendimento dos efeitos de interações ou dissociações entre estereótipos raciais e atratividade física facial sobre a avaliação de uma determinada conduta moral. Nessa perspectiva, reservamos um tópico para falar sobre os dilemas morais, suas classificações e como tem sido a sua utilização pelo campo da psicologia e da cognição moral.

3.2 A utilização de dilemas éticos em estudos que envolvem tomada de decisão moral

Conforme observa-se que nos estudos presentes no campo dos julgamentos morais, há a utilização quase que invariavelmente de histórias de dilemas morais (Greene et.al., 2008;

Koller, 1994; Kawashima, Martins & Bataglia, 2015) e com enfoque teórico da Psicologia do Desenvolvimento Moral. Esses estudos vêm buscando respostas para perguntas como: (a) seriam os dilemas morais eficazes para o ensino de questões morais (Bresolin Marinho, Da Silva, & Vale Caetano, 2017); a efetividade da utilização dos dilemas como instrumento de coleta de dados em pesquisas com crianças (Kawashima, Martins & Bataglia, 2015) e outros públicos (Greene, et. al, 2008). No segundo estudo que compõe esta tese, utilizamos como cenário para coleta de dados, histórias de dilemas morais, validadas por (Greene, Morelli, Lowenberg, Nystrom & Cohen, 2008), para identificarmos em que contextos psicossociais há interação entre estereótipos raciais e da beleza.

Um dilema pode ser definido como "um argumento que oferece a um oponente uma opção entre duas ou mais alternativas, em que ambas são igualmente coercitivas contra ele, não importando a alternativa escolhida" (Gove, 1961, citado em Sletteboe, 1997, p. 450). E um dilema moral se caracteriza por uma situação em que um sujeito é submetido a uma tomada de decisão sobre um problema cujas duas soluções possíveis são de alguma forma desconfortáveis para este sujeito (Sletteboe, 1997), de fora que, para que haja um dilema moral, é necessário, portanto, a existência de um ambiente onde uma situação problemática está ocorrendo e a submissão de uma pessoa, presente ou não no cenário da narrativa, a uma tomada de decisão que envolve duas soluções possíveis, não sendo possível escolher uma das duas alternativas sem refletir sobre algum valor. Este sujeito precisa escolher uma, e somente uma, das opções (Fritzen, 2016).

Para que um dilema possa ser considerado como propriamente moral, é preciso que o sujeito pareça estar condenado ao fracasso moral. Independentemente de sua escolha, ele fará algo errado ou falhará em fazer o que deveria (McConnel, 2014). Pessoas de um modo geral se deparam com estes dilemas, segundo Cushman e Greene (2012), devido a divergências de

respostas dos processos psicológicos disponíveis para uma tomada de decisão (Bartels et al., 2014).

Também se observa na literatura o uso de tipos diferentes de dilemas morais, geralmente classificados em pessoais e impessoais. Sobre isso, a psicologia moral vem se debruçando em dar respostas acerca da distinção entre eles. A exemplo do trabalho de Greene e colegas em psicologia moral (Greene, Nystrom, Engell, Darley & Cohen, 2004; Greene, Sommerville, Nystrom, Darley & Cohen, 2001), que com uma proposta de distinção entre ações morais 'pessoais' e 'impessoais', tem influenciado outros tantos trabalhos dentro do campo da psicologia moral (por exemplo, Killgore, Killgore, Day, Li, Kamimori, & Balkin, 2007; Koenigs et al., 2007; Valdesolo & DeSteno, 2006).

Dilemas pessoais podem ser conceituados como relatos de ações morais 'pessoais' que são emocionalmente carregadas e são definidas como aquelas que "poderiam razoavelmente levar a danos corporais graves ... a uma pessoa em particular ou a um membro ou membros de um determinado grupo de pessoas ... onde este dano não resulta em desviar-se de uma ameaça existente para algo diferente "(Greene et al.,2001, p. 2107). Já os dilemas morais impessoais, são caracterizados como: ações morais que não atendem ao conjunto completo de critérios para serem consideradas pessoais (McGuire, Langdon, Coltheart, & Mackenzie, 2009).

Também, é possível definir os dilemas por intensidade das emoções envolvidas, como exemplo da proposta por Joshua Greene, que distingue os dilemas em mais ou menos pessoais, conforme a existência de um componente afetivo na ação a ser tomada pelo sujeito do dilema. Neste sentido, o dilema *footbridge* (*Dilema da Passarela*) seria um dilema pessoal, tendo em vista a necessidade de contato com a vítima no caso de decisão no sentido de agir para salvar as cinco pessoas. Esta diferença de pessoalidade causaria um engajamento de emoções particular, que só ocorre em um contexto em que envolveria pessoalidade (Greene et al., 2001), como na versão original do dilema *trolley* (*Dilema do vagão desgovernado*), em que o sujeito

precisaria apenas puxar uma alavanca caso decidisse por sacrificar a vítima em favor das cinco outras. Essa diferença de engajamento emocional seria, então, crucial no processo de julgamento moral (Greene et al., 2001). Porquanto, no estudo 2 desta tese a autora se vale de três tipos de dilemas morais, a saber: pessoal de baixo conflito, pessoal de alto conflito e impessoal, por entender que esta classificação diz respeito ao tipo de engajamento emocional produzido na pessoa do respondente a situação hipoteticamente criada.

A ideia de causar dano a alguma pessoa envolvendo uma personalidade maior é o que causaria uma resposta emocional que impediria qualquer tipo de pensamento consequencialista/deontológico nesse indivíduo. Se a decisão não envolvesse tamanho engajamento pessoal, os dois sistemas não entrariam em disputa, o que facilitaria uma tomada de decisão mais utilitarista. Estudos realizados por Greene demonstram ativações em diferentes áreas cerebrais dependendo do tipo de decisão tomada e do nível de personalidade envolvido no cenário (Greene, 2008). Como por exemplo, Greene et al. (2001) apresentam como evidência para reivindicação de grande ativação em áreas cerebrais associadas ao funcionamento emocional para dilemas "pessoais" e maior ativação em áreas associadas à memória de trabalho para dilemas "impessoais".

Segundo Bartels et al. (2015), a capacidade de julgamento moral compreende uma matriz de processos psicológicos distintos que proporcionam uma concorrência, resultando nos dilemas morais. Esses, como resultado do conflito, acabam sendo o ponto de partida ideal para a investigação da operacionalização dos processos cognitivos envolvidos na tomada de decisão moral. Além disso, são excelentes por oportunizar a comparação com outros estudos (Greene et al., 2001; Shenhav & Greene, 2014; Kahane et al., 2012; Cushman & Greene, 2012; Valdesolo & DeSteno, 2006) que também escolheram a utilização de dilemas para seus experimentos.

Vale ressaltar que, embora estes dilemas tenham sido previamente testados em um estudo anterior a este Greene et. al. (2008) quanto a responsividade a eles, nem sempre estes mesmos resultados serão expressos na nossa amostra, sobretudo por conta de o contexto cultural brasileiro ser diverso ao contexto cultural norte-americano. Mas é importante para sabermos quais deles trazem forte carga emocional em suas respostas (percentual igual ou inferior a 21%), em uma escala de 0 a 100%, conforme explicação dada por McGuire, Langdon, Coltheart e Mackenzie (2009, p.580), ao realizarem uma reanálise dos efeitos de dilemas morais impessoais e pessoais, no sistema cognitivo:

Os resultados obtidos por Greene et al. (2001) demonstraram ser artefatos de design de estímulo. Ou seja, Greene et al. (2001) não usaram dilemas combinados em suas diferentes condições, mas sim confiaram em cenários completamente diferentes entre as condições. Por exemplo, os casos da passarela e do bonde, que são os mais semelhantes entre as condições, diferem se a ação envolve contato físico e dano como meio para um fim, ambos indicados como fatores de julgamento moral (Chusman et al., 2006). Sugerimos que estudos futuros neste campo usem estímulos que diferem apenas a variável de interesse. Análises de itens também devem ser realizadas, principalmente quando novos estímulos estão sendo usados, para garantir que os resultados sejam generalizáveis entre as supostas populações de dilemas morais sob investigação (p.580).

Nesse sentido, no segundo estudo, era nosso desejo controlar o efeito que as variáveis fixas produziram em nossas respondentes, para tanto utilizamos os três cenários distintos, como forma de identificar se os resultados obtidos em um tipo de dilema permaneceriam quando da modificação do cenário. Assim, também, realizou-se um levantamento na literatura acerca dos estudos que se valeram dos dilemas morais como recurso metodológico e que passamos a relatar a seguir.

Em um estudo que objetivou tratar da temática do consumo de cigarros, álcool/drogas e anabolizantes por adolescentes e analisar suas percepções morais e éticas sobre a questão, a pesquisa qualitativa utilizou o Estudo de Caso, grupos focais e como instrumentos de coleta de dados os dilemas morais. Participaram 45 adolescentes de Cabo-Verde e do Brasil. Os autores observam de modo positivo o uso dos dilemas morais na pesquisa, ao avaliarem que os dilemas morais, como instrumento, possibilitaram a obtenção de opiniões mais espontâneas e verdadeiras, fugindo de discursos programados que muitas vezes obtemos em pesquisas que utilizam entrevistas estruturadas (Marinho & Silva, 2019). Até julgarem a ação como adequada ou não, os participantes deste tipo de pesquisa podem se deparar com a utilização de mecanismos que a cognição do julgamento moral vem buscando responder e que leva o nome de engajamento emocional.

Já o modelo apresentado por Greene et al. (2001) como “modelo do julgamento moral de processo duplo”, afirma envolver um sistema "afetivo" rápido, inconsciente e sem esforço, e um sistema "cognitivo" lento, consciente e esforçado. Traz a premissa de que esses sistemas são supostamente servidos por sistemas neurais parcialmente dissociáveis (Greene, 2003; Greene & Haidt, 2002; Greene et al., 2004). Ainda há dois outros modelos que teorizam sobre o funcionamento da moralidade humana: (a) teoria de avaliação de trabalho, na qual descrevem uma influência de restrições deontológicas no julgamento moral (Bartels, 2008); (b) nesta depende-se fortemente da presença de regras morais e processos que fazem uso delas. No entanto, uma vez que nesses estudos nunca testam a presença de regras morais, podem acabar por interpretar a relação entre resposta deontológica e idealismos (Evans, Rutberg & Charli, 1991; Nichols & Mallon, 2006). Em seguida, exploramos investigações que questionam o papel da flexibilidade moral no processo de tomada de decisão moral.

3.3 Flexibilidade moral e tomada de decisão moral

A investigação dos efeitos da interação entre afeto e cognição em escolhas morais pode esclarecer um fenômeno que é central no estudo da moralidade: a flexibilidade moral. Esta se refere à ideia de que as convicções e os comportamentos morais se modificam de acordo com o contexto em que estão inseridos, apesar da moralidade ser discorrida como algo rígido, universal e objetivo (Bartels et al., 2015). Segundo a flexibilidade moral, as pessoas são motivadas a fazer o que é certo, no entanto, um mesmo princípio moral pode levá-las a diferentes decisões morais (Bartels et al., 2015), pois entende-se que regras e princípios morais são ideias abstratas, que precisam ser operacionalizadas e aplicadas em situações específicas, logo eles estão suscetíveis a variações (Kristiansen & Hotte, 1996).

A exploração do fenômeno da flexibilidade moral por meio de dilemas permite apontar situações em que são patentes as inconsistências nas decisões dos indivíduos, que diante de cenários diferentes tomam decisões mais deontológicas ou mais utilitaristas, quando o que se esperaria seria uma mesma resposta de um indivíduo a quaisquer situações em que os mesmos valores estivessem em jogo. Essa maleabilidade é verificada por meio da manipulação de diversas variáveis independentes. Com exemplo, utilizam-se intervenções farmacológicas que favorecem a aprendizagem diante de estímulos aversivos e a inibição (Crockett et al., 2010). Outro exemplo é levar os participantes a imaginar de forma viva e detalhada as consequências danosas de seus atos sobre indivíduos específicos (Amit & Greene, 2012; Bartels, 2008).

A literatura mais atual tem discutido tal inconsistência e sua caracterização como viés moral, erro, hipocrisia, debilidade, fracasso ou como fruto de decisões em circunstâncias nas quais os modelos utilitaristas e deontológicos são pouco específicos e sua aplicação direta implicaria consequências morais desagradáveis, situações caracterizadas por Bartels et al. (2015) como compensações morais.

Outra justificativa para haver uma flexibilização moral seria por meio das características desenvolvidas da identidade moral de cada indivíduo, uma vez que ela se

caracteriza por um autoesquema que a pessoa tem sobre seu caráter moral (Aquino & Reed, 2002). Dessa forma, esses autores propõem que a identidade moral seria como uma espécie de autoconcepção sobre traços morais, na qual o autoesquema pode ser ativado conforme a influência de fatores situacionais, o que insere o tema no campo de estudos denominado como Psicologia Moral.

Cabe aqui ressaltar que as pesquisas que utilizam o conceito de identidade moral vêm encontrando relações significativas com intenções e comportamentos éticos, além de verificarem como essa variável tende a interagir com outras, como tipos de julgamentos morais e fatores situacionais. No caso do presente estudo, supomos serem os construtos de raça e atratividade física vieses poderosos na ativação de tais estereótipos e atitudes frente a um determinado alvo, capaz de favorecer o processo de flexibilização moral.

Greene et. al (2008) testaram uma teoria do processo duplo que associa o julgamento moral utilitário (aprovação de ações prejudiciais que maximizam boas consequências) com processos cognitivos controlados e associa o julgamento moral não utilitário com respostas emocionais automáticas. Os autores descobriram que uma manipulação de carga cognitiva interfere seletivamente no julgamento utilitário. Esse efeito de interferência fornece evidências diretas da influência dos processos cognitivos controlados no julgamento moral e, mais especificamente, no julgamento moral utilitário.

Em suma, os estudos revisados acima sugerem que: os julgamentos provocados por dilemas éticos são influenciados por (a) se a ação produtora de danos provoca uma forte reação emocional (Greene et al, 2001), (b) se as consequências que favorecem o sacrifício são grandes o suficiente (ou seja, muitas vidas a serem salvas (Nichols & Mallon, 2006); e (c) diferenças individuais no processamento emocional (Nichols, 2002). Apresentamos a seguir uma série de estudos que identificaram os efeitos da atratividade física facial na atribuição de características morais aos indivíduos alvos dessas avaliações.

3.4 Efeito da atratividade física facial no julgamento moral

A psicologia moral há muito se concentra no raciocínio moral, mas evidências recentes sugerem que o julgamento moral é mais uma questão de emoção e intuição afetiva do que de raciocínio deliberado. De modo que, nesta sessão, apresentaremos relatos de estudos atuais no quais o julgamento moral aparece como tema associado a outras variáveis como a atratividade física facial.

Em suma, os estudos que têm sido realizados em países do Ocidente demonstram o efeito que a atratividade tem na avaliação e na formação de impressões sobre a pessoa, têm evidenciado o favorecimento de determinados fenótipos convencionados com maiores níveis de beleza (Allen, 1976; Cash & Ducan 1984; Cushman, Young, & Greene, 2010; Cross & Cross, 1971; Cui, Cheng, Lin, W., Lin, J. e Mo, 2019; Cheng, Liu, Kong, Weng & Mo, 2022; Langlois et al., 1995) até mesmo quando tratam-se de animais; Marešová & Frynta, 2008; Gunnthorsdottir, 2001) ou mesmo seres não-sensentes (Klebl, Luo, & Bastian, 2022).

No estudo desenvolvido por Cui, Cheng, Lin, W., Lin, J. e Mo, (2019), compararam diretamente a influência da atratividade facial nos julgamentos de bondade moral e beleza moral e revelou contribuições distintas das percepções de imagem para esses dois julgamentos. Os resultados mostraram que na tarefa de julgamento de beleza moral os participantes deram pontuações mais altas a personagens com rostos atraentes em comparação com personagens com rostos não atraentes, e em relação aos componentes de potencial relacionados aos eventos P200, um componente de potencial relacionados a eventos que ocorrem a 200 milésimos de segundo após a apresentação de um estímulo e LPP (do inglês, Late Positive Potential), um componente de potencial positivo que ocorre cerca de 400-800 milésimos de segundo após a apresentação de um estímulo visual. Scores maiores destes referidos foram obtidos na condição de face não atraente em comparação com a condição de face atraente; enquanto na tarefa de julgamento de bondade moral, não houve diferença significativa entre as duas condições de comportamento

ou dados ERP, (Um ERP ocorre cerca de 300-500 milésimos de segundo após a exposição a um estímulo visual. Essas descobertas, segundo os autores, ofereceram *insights* importantes sobre a compreensão e comparação dos processos de julgamento moral e julgamento estético.

No estudo realizado por Cheng, Liu, Kong, Weng e Mo (2022), os investigadores identificaram as respostas neurais em relação à atratividade facial na avaliação de inteligência moral e beleza moral. Os resultados demonstraram que a atratividade facial afetou significativamente as avaliações de beleza moral, mas não as avaliações de inteligência moral. Além disso, os dados de ressonância magnética funcional (fMRI) sugerem que a atratividade facial influencia a ativação de regiões cerebrais envolvidas em processos emocionais e sociais, como a amígdala e o córtex cingulado anterior. Os autores concluíram que a atratividade facial tem efeitos distintos em diferentes tipos de julgamentos morais e pode ser influenciada por processos cognitivos e emocionais complexos.

Alguns estudos desenvolvidos dentro do campo da psicologia moral já associava a atratividade a uma maior disponibilidade de preservação da vida. Evidenciavam que a atratividade física afetava até mesmo o comportamento das mães em relação aos seus bebês: mães de bebês atraentes parecem se envolver mais no cuidado com as suas crias em comparação com mães de bebês pouco atraentes (Langlois et al., 1995).

Até mesmo quando partirmos para estudos sobre ontologia, isto é, pesquisas que partem da natureza da realidade social e de como ela é construída e mantida pelas pessoas. Nesse interim, há achados de estudos que sugerem que a beleza aumenta a posição moral dos animais. Por exemplo, a atratividade dos animais prevê positivamente seu tamanho populacional em zoológicos (Marešová & Frynta, 2008), apoio à sua conservação (Gunnthorsdottir, 2001), e a disposição das pessoas em proteger suas espécies (Landová et al., 2018). As pessoas também experimentam maior nojo com a ideia de comer animais bonitos em comparação com animais de atratividade média (Rozin & Ruby, 2020; Ruby & Heine, 2012).

Ainda, há evidências indiretas sugerindo que a beleza pode evocar intuições de pureza. Além disso, as intuições de pureza têm sido ligadas a pessoas que atribuem a posição moral a alvos específicos (Frimer et al., 2015; Rottman et al., 2015; Stern et al., 1999). Portanto, as percepções de beleza podem levar os indivíduos a atribuir uma posição moral aos alvos porque a beleza desperta neles intuições de pureza moral.

Em outro estudo, os pesquisadores propuseram que, ao contrário da percepção mental e da empatia que tipicamente impactam na posição moral colocada sobre humanos ou animais, as percepções estéticas imprimiam na posição moral atribuída tanto aos seres sencientes (humanos quanto aos animais) e alvos não sencientes (ou seja, paisagens e obras de arquitetura), de modo que a beleza aumentaria as atribuições morais ao evocar intuições morais de pureza. Para isso, examinaram se as percepções de beleza aumentavam a posição moral das entidades independentemente de terem a capacidade de sofrer. Por fim, através dos resultados constataram que, como previsto por eles, as pessoas atribuíram mais posição moral (ou seja, um aumento do desejo de proteção) para indivíduos atraentes em comparação com indivíduos pouco atraentes (Klebl, Luo, & Bastian, 2022).

Quais os efeitos da inserção de variáveis como o sexo e a racialidade do personagem na avaliação de uma determinada conduta moral, para responder a essa questão, a literatura aponta para um trabalho que traz o recorte dessas variáveis para o estudo do julgamento da conduta moral em interação com a atratividade física (Bell, Lee, Pazzani & Vuk, 2021).

Em um estudo que utilizou uma amostra de alunos e uma pesquisa on-line com vinhetas fatoriais, ou seja, pequenas histórias que expressam o conteúdo dos traços e suas facetas de maneira compreensível para os participantes. Buscou-se examinar a probabilidade de endossar a pena de morte para uma hipotética infratora em relação à sua atratividade física e a sua raça. Os resultados mostraram que a atratividade do agressor não afetou a probabilidade de o respondente escolher a pena de morte. A raça do ofensor e da vítima afetou a probabilidade de o entrevistado selecionar a sentença de morte, com os inquiridos menos

propensos a escolher a pena de morte para criminosos afro-americanos do que quando os infratores eram brancos, menos prováveis para selecionarem a pena de morte em vinhetas com vítimas afro-americanas do que vítimas brancas (Bell, Lee, Pazzani & Vuk, 2021).

Destarte, podemos afirmar que, embora muitos estudos empíricos tenham explorado o julgamento moral e o julgamento estético separadamente, apenas alguns estudos compararam os dois (Cheng, Liu, Kong, Weng & Mo, 2022; Cui, Cheng, Lin, W., Lin, J. e Mo, 2019). Ainda não está claro se esses dois julgamentos são dois processos diferentes ou o mesmo processo com dois rótulos diferentes, e ainda se nestes processos ocorrem a influência de variáveis como o sexo e a raça do alvo. Para responder a essa pergunta, o Estudo 1 se propõem a medir a posição moral atribuída às entidades fisicamente atraentes (vs. Fisicamente não atraentes) por meio de uma medida direta (uma escala de pontos de 0 a 10), temos a hipótese de que essa avaliação é mediada pelo sexo e pertença étnica do alvo que efetuou uma determinada decisão moral. Além disso, iremos apresentar e discutir os dois estudos empíricos realizados neste trabalho. O primeiro teve como objetivo criar e validar um instrumento para avaliar a cor da pele (preta, parda ou branca) e o grau de atratividade das imagens utilizadas no estudo de (Mendes, Arraes & Fukushima, 2009). Ao final, obtivemos um banco de 18 imagens prototípicas, validadas quanto à cor da pele e ao grau de atratividade. No segundo estudo, o objetivo foi testar a influência mútua dos estereótipos raciais e do grau de atratividade física facial na realização de tarefas de julgamento moral. Foram utilizados alvos de diferentes perfis étnicos, com o grau de atratividade física aumentado ou diminuído. Confirmamos algumas hipóteses e outras foram totais ou parcialmente rejeitadas.

4 CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTO DE JULGAMENTOS ESTÉTICOS FACIAIS POR COR DE PELE E GRAU DE ATRATIVIDADE FÍSICA

O Estudo aqui presente trata-se de uma pesquisa metodológica, na qual objetivou-se a criação e validação de um instrumento no qual a cor da pele (se preta, parda ou branca) e o grau de atratividade das imagens (se baixa, média ou alta atratividade) disponíveis no estudo de (Mendes, Arraes & Fukushima, 2009) que foram avaliados.

Desde a década de 1920, a fotografia passou a ser utilizada na pesquisa psicológica adotando a função de modelo. Contudo, observou-se um destaque sobre a prevalência da utilização do recurso fotográfico, especialmente como modelo em estudos sobre atratividade física facial. De sorte, o recurso fotográfico também vem sendo amplamente utilizado em pesquisas sobre comportamento, expressões faciais e atratividade física facial (Berscheid, Walster & Dion; 1971; Ekman & Friesen, 1971; Evans, Rutberg & Charli, 1991; Landis, 1924; Mills, 1984; Walther, Slovacek & Tidwell, 2001). E seu uso para a pesquisa de atratividade física facial tem sido validada, inclusive no Brasil (Omote, 1994), mostrando também que a percepção da atratividade física facial tem generalidade e estabilidade ao longo do tempo (Tokumaru, et. al, 2010).

Nota-se, no levantamento realizado por esta autora, que o uso da fotografia nos estudos sobre atratividade física não se limita a apenas utilizar este recurso fotográfico na função de modelo. Do contrário, alguns estudos que foram localizados apontam para o seu uso como método autofotográfico também (Maurente, 2007). Entretanto, a prevalência é a utilização deste recurso desempenhando a função de modelo. O conteúdo da imagem com frequência ocupa o lugar de variável independente, sendo modificado no intuito de se observar alguma possível variação nos comportamentos ou percepções dos participantes (Neiva-Silva & Koller, 2002).

Na função de modelo, a fotografia vem sendo empregada em diferentes métodos de pesquisa, inclusive como instrumento acessório de questionário e entrevistas (Neiva-Silva & Koller, 2002). Neste sentido que o presente estudo tem por objetivo geral a produção de um instrumento, a partir de 96 imagens prototípicas presentes no estudo de Mendes et al. (2009). Especificamente, pretende: (a) identificar as possíveis diferenças entre sexo e raça das imagens na percepção de atratividade física facial; (b) identificar o efeito da pertença racial e do sexo das/os juízas/es na avaliação da atratividade física facial das imagens; (c) validar a cor da pele e o nível de atratividade física de imagens prototípicas de pessoas brancas, pretas e pardas, presentes no estudo de Mendes et al. (2009).

4.1 Método

Trata-se de um estudo no qual objetivou-se a criação e validação de um instrumento no qual a cor da pele (se preta, parda ou branca) e o grau de atratividade das imagens (se baixa, média ou alta atratividade) disponíveis no estudo de (Mendes, Arraes & Fukushima, 2009) que foram avaliados. Após aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Psicologia, da Universidade Federal da Bahia e aprovado sob nº CAAE: 89954718.7.0000.5686, deu-se a coleta de dados com a técnica de levantamento de dados ou pesquisa de *survey*. Através de um questionário on-line, produzido a partir da plataforma digital *Ef-survey* e distribuído a partir das redes sociais da pesquisadora e de pessoas próximas a ela.

4.1.1 Participantes

Participaram deste estudo um total de 337 pessoas, todas residentes no Brasil. O perfil amostral está distribuído na maioria por mulheres¹ 73,3% (247) e 26,7% (90) homens. No que se refere à cor da

¹ Considerando que a língua, por mais poética que seja, tem sua dimensão política relativa ao poder de fixar e perpetuar relações de poder e de violência. Nesta seção, a autora opta por uma escrita gendrada, ao utilizar os artigos as/os antes dos termos “participantes” e na descrição das autodeclarações de cor de pele (branca, preta e

pele 25,9% se autodeclaravam brancas; 27,5%, pretas; 42,5%, pardas; e 3,6% outras cores/etnias (amarela e indígena). Quanto à orientação sexual, 70% desses eram heterossexuais; 12,5%, bissexuais; 6,5%, gays; 4,5%, lésbicas; e em relação ao gênero, 0,9% eram transexuais. Em relação à idade, a amplitude oscilou entre os valores 18 e 80 anos, com a média de 36 anos e sete meses e o desvio-padrão de 12,3 anos, conforme ilustrado na Tabela 1.

Tabela 1. *Frequência e Percentuais das Características sociodemográficos dos participantes.*

Variáveis sociodemográficos	Valores	
<u>Sexo</u>	F	%
<i>Mulheres</i>	247	73,3
<i>Homens</i>	90	26,7
<u>Cor da Pele</u>		
Branca	64	19,0
Preta	68	20,2
Parda	105	31,2
Outras	13	3,9
<u>Orientação Sexual/Gênero</u>		
Heterossexual	236	70,0
Homossexual	22	6,5
Lésbica	15	4,5
Bissexual	42	12,5
Transexual	03	0,9
Outras	14	4,2
<u>Nível de Escolaridade</u>		
Superior	160	47,5
Médio	27	8,0
Especialização	72	21,4
Mestrado	44	13,1
Doutorado	28	8,3

parda), como forma de pôr o feminino em primeiro lugar e ressaltar a sua presença majoritária na produção dos dados desta pesquisa, embora conforme defende Kilomba, ainda não satisfatória essa inserção, uma vez que não nos possibilita estendê-los a vários gêneros LGBTQIA+. (Kilomba, 2019).

4.1.2 Instrumentos

Para este estudo, foi produzido um questionário on-line (Anexo B), autoadministrável, desenvolvido pela pesquisadora a partir da plataforma digital *Ef-survey*, contendo 96 imagens fotográficas prototípicas de faces de homens e mulheres, branca/os, preta/os e pardo/as, publicadas por (Mendes, Arrais & Fukushima, 2009). Os autores descrevem que as imagens foram produzidas por técnica de computação gráfica, denominada *morphing*:

[...] fotografias sorteadas de cada sexo e cor de pele foram padronizadas individualmente, alinhando-se na horizontal a reta que une as duas pupilas e redimensionando-se a imagem para que o comprimento desta reta fosse de 6cm (na resolução de 150 dpi). Depois, com auxílio de uma máscara, padronizou-se o tamanho (1240 x 1713 pixels), resolução (150 dpi) e enquadramento da imagem com região dos olhos no centro da figura (Mendes, Arrais & Fukushima, 2009, p. 263).

Para a confecção do questionário utilizou-se todas as imagens disponibilizadas pelos autores. Além das imagens, o questionário era composto por duas questões principais:

(1) Avaliação do grau de atratividade física das imagens; (2) A avaliação de cor de pele das imagens, que foram previamente classificadas em: (a) preta; (b) parda; (c) branca, conforme parâmetros de classificação adotados pelo do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico (IBGE, 2013). Por fim, com o objetivo de traçar um perfil dos respondentes, coletamos dados sociodemográficos. Os dados referem-se a: (1) sexo; (2) Idade; (3) Escolaridade; (4) Cor da pele autodeclarada; (5) cidade; (6) orientação sexual.

4.1.3 Procedimentos para coleta dos dados

A coleta de dados ocorreu (entre os meses de setembro a novembro de 2017) em ambiente *on-line*, a partir das redes sociais (*Facebook* e *WhatsApp*) da pesquisadora e de seus contatos, em grupos de instituições de ensino médio e superior públicas e privadas, presentes no

país. Para iniciar, o participante iniciava com a leitura do TCLE e assinalar a sua concordância em participar da pesquisa, em seguida direcionado para a primeira imagem, que deveria inicialmente avaliar o grau de atratividade física, numa escala do tipo *likert* (variando de 0 a 10) e em seguida indicar qual a cor de pele era identificada por ele na referida fotografia. Foram apresentadas 16 imagens, selecionadas aleatoriamente de um total de 96 possíveis. As imagens eram compostas por fotos da face prototípicas de pessoas de diferentes pertencas raciais (brancos, pretos e pardos) e divididos entre homens e mulheres, dessas, 64 foram publicadas previamente no estudo de Mendes, et al. (2009). O mesmo procedimento foi adotado para um total de 96 imagens, sendo que cada participante avaliava o número máximo de 32 fotografias (16 homens e 16 mulheres), de diferentes cores de pele (branca, preta e parda).

4.1.4 Procedimentos para Análises dos Dados

Inicialmente foi elencado quatro critérios de exclusão para a manutenção das imagens no banco de dados. O primeiro deles era o de que as imagens deveriam possuir um nível de concordância entre os juízes acima de 75% para a cor da pele. Para tanto, uma análise de frequência foi executada, que também foi utilizada para as análises descritivas das variáveis sociodemográficos (cor da pele dos participantes, região, faixa etária, escolaridade e modelo escolhido). O segundo critério foi o de não possuir diferenças significativas entre os juízes (homens e mulheres) na avaliação da atratividade física. Para analisar esse critério, executou-se um teste-*t* para amostras independentes. Em terceiro também se estabeleceu que não deveria haver diferenças significativas na avaliação da atratividade física feita pelos juízes de diferentes pertencas étnicas (branca, preta, parda, amarela e indígena), desta forma, uma ANOVA foi executada para analisarmos este critério de exclusão. Por fim, o quarto critério de exclusão se baseava na ausência de diferenças significativas entre as médias dos pares de fotografias que comporiam ao final, três grupos

distintos: (a) o de fotografias com elevado grau de atratividade física; (b) fotografias com grau de atratividade física mediano; e (c) fotografias com baixo grau de atratividade física (um teste-*t* para amostras pareadas foi executado).

4.1.5 Aspectos éticos

Os parâmetros éticos para a pesquisa com seres humanos foram adotados. Em conformidade com a Resolução CNS 466/2012, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia e aprovado sob nº CAAE: 89954718.7.0000.5686.

4.2 Resultados e discussão

A partir dos dados coletados da pesquisa intitulada “Cor da Pele”, foram realizadas análises da frequência de respostas relativas à cor de pele e o grau de atratividade física das imagens apresentadas às pessoas que participaram do estudo, para facilitar a compreensão dos resultados, cada imagem foi nomeada como “protótipo” e acompanhada de um número de identificação. Assim, é possível visualizar na tabela 1 a média do grau de atratividade física atribuído a cada imagem.

Após aplicar o critério de concordância entre s participantes homens e mulheres quanto à cor da pele das fotografias avaliadas, um total de 67 fotografias permaneceram no banco de dados (ver figura 1). Logo após um *Teste-t* para amostras independentes, foi executado, para a aplicação do segundo critério, no qual precisávamos verificar se havia diferenças significativas na avaliação da atratividade física das imagens prototípicas feita por homens e mulheres, após a aplicação deste critério, permaneceram um total de 43 fotografias no nosso banco de dados (ver figura 1).

De igual modo, a partir das 43 fotografias, aplicou-se um terceiro critério, o de não haver diferenças estatisticamente significativas na avaliação de pessoas autodeclaradas brancas, pretas e pardas ou outras, para tanto, executou-se um ANOVA. Após a conclusão dos testes, 41 fotografias permaneceram no banco de dados (ver figura 1).

Além disso, assumiu-se como um quarto critério de exclusão não haver diferenças significativas entre as médias dos modelos mais atrativos, isto é, que receberam notas acima da média do grupo, menos atrativo, cuja nota estava abaixo da média geral do grupo e medianamente atrativo, cuja nota recebida estava dentro da média do grupo. Tomando como base essas médias gerais e o desvio padrão das imagens de cada um dos seis grupos (homens brancos; homens pardos, homens pretos; mulheres brancas; mulheres pretas e mulheres pardas), um teste t para amostras pareadas foi executado, tendo permanecido um total de 39 fotografias, que continuaram a ser testadas quanto às diferenças entre as médias dos grupos, conforme o sexo da imagem-estímulo (homens brancos; homens pretos e pardos; mulheres brancas, pretas e pardas, respectivamente), até obtermos um número final de 18 fotografias prototípicas, conforme ilustrado na Figura 1.

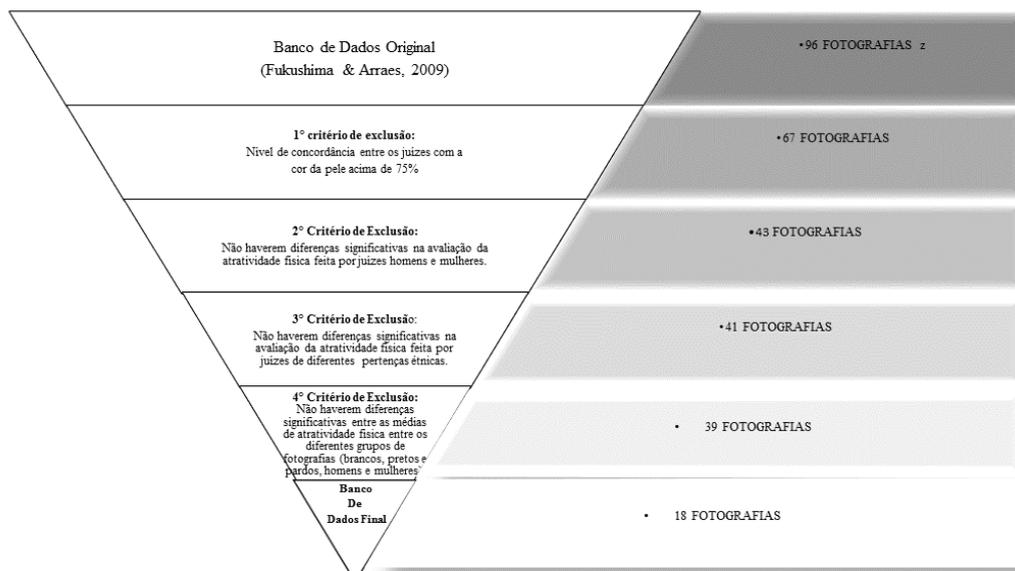


Figura 1. Diagrama com os critérios de exclusão aplicados às fotografias do banco de dados.

Após os critérios de exclusão terem sido aplicados, restaram 18 fotografias em nosso banco de dados, que foram divididas em três grupos diferentes: (a) o de fotografias com alto grau de atratividade física (AA); (b) fotografias com grau de atratividade física mediano (AM); e (c) fotografias com baixo grau de atratividade física (AB), os resultados podem ser visualizados no quadro 1.

Quadro 1.

Fotografias (números de ordem) de homens e mulheres (brancos, pretas e pardas) avaliadas como tendo nível de atratividade alta (AA), atratividade moderada (AM) e atratividade baixa (AB), do banco de dados final.

Fotografias de Brancos	Fotografia de Pretos	Fotografia de Pardos
<u>Mulheres</u>	<u>Mulheres</u>	<u>Mulheres</u>
AA: mbr_14=7,53	AA: mpr_13=7,46	AA: mpa_01=7,18
AM: mbr_12=6,56	AM: mpr_01=6,46	AM: mpa_13=6,34
AB: mbr_13=6,08	AB: mpr_09=5,93	AB: mpa_16=6,13
<u>Homens</u>	<u>Homens</u>	<u>Homens</u>
AA: hbr_4=7,56	AA: hpr_4=7,43	AA: hpa_09=7,18
AM: hb_02=6,16	AM: hpr_15=6,21	AM: hpa_03=6,32
AB: hb_01=5,88	AB: hpr_07=6,01	AB: pa_10=6,42

Por fim, este estudo teve por objetivo a criação e validação de um banco de imagens no qual a cor da pele (se preta, parda ou branca) e o grau de atratividade das imagens (se baixa, média ou alta atratividade) disponíveis no estudo de (Mendes et. al, 2009) foram avaliados.

A partir dos dados produzidos, foi composto um banco de dados com três grupos distintos, o primeiro que apresenta fotografias com alto grau de atratividade física facial (AA); um segundo cujas fotografias apresentam grau de atratividade física mediano (AM); e um terceiro grupo cujas imagens possuem baixo grau de atratividade física (AB). Vale ressaltar que em todos os três grupos encontram-se um par (homem e mulher) de fotografias de cor da pele, branca, preta e parda. Ademais, as fotografias selecionadas conforme as análises executadas, demonstraram não possuírem diferenças significativas quanto à cor da pele e ao grau de atratividade física para os diferentes grupos, o que indica que esses participantes não diferem na percepção sobre a atratividade das referidas fotografias.

Muitos estudos precisam ser realizados para a compreensão da própria percepção e avaliação da atratividade física facial, considerando variáveis como a cor da pele e o sexo dos juízes e das pessoa-estímulo. A avaliação da atratividade de um grupo precisa ser comparada com a de outros grupos com outras características, para se estudar a generalidade ou a especificidade entre tais grupos. Nesses e noutros estudos nos quais há necessidade de comparar duas avaliações de um mesmo conjunto de fotografias, o procedimento, aqui delineado, também pode ser útil.

Os resultados deste estudo demonstram que não houve grandes variações quanto à avaliação da atratividade física, no entanto, quanto à cor da pele das imagens apresentadas aos juízes, percebeu-se certa dificuldade em chegar a consensos sobre a cor da pele desta ou daquela imagem. As categorias de julgamento de cor ou raça propostas pelo IBGE, embora se mostrem adequadas para classificar cor no Brasil, nesta pesquisa se constatou que os julgadores de cor classificam algumas faces como pertencentes às categorias intermediárias entre branco e pardo e entre pardo e preto, o que sugere que as três categorias poderiam ser insuficientes para classificar as características de cor ou raça ou que se poderia julgar cor da população brasileira num contínuo físico, esta observação também foi identificada no estudo seminal de (Mendes, et.al., 2009).

Por fim, este primeiro estudo apresentou-se como um possível subsídio para estudos futuros que pretendam investigar efeitos da AFF e da cor da pele sobre as percepções e nas relações interpessoais. Pode-se afirmar que as fotografias aqui apresentadas poderão subsidiar estudos que utilizam esse recurso visual como modelo para gerar estímulo aos participantes de modo geral e especificamente para avaliar a reação frente a características como a cor da pele e a atratividade física. Além disso, essas imagens podem ser utilizadas em outras pesquisas em percepção de faces no Brasil, diminuindo-se o viés causado pela diferença racial entre a face julgada e o julgador (ver figura 2).

5 ESTUDO SOBRE ESTEREÓTIPOS RACIAIS E GRAU DE ATRATIVIDADE FÍSICA FACIAL EM TAREFAS DE JULGAMENTO MORAL

Este capítulo tem por objetivo apresentar o segundo estudo que compõe este trabalho, que visa testar a influência mútua dos estereótipos raciais e do grau de atratividade física facial na realização de tarefas de julgamento moral, na presença de alvos de diferentes perfis étnicos e com grau de atratividade física aumentado ou diminuído. Especificamente, pretende: (a) Identificar se há influência mútua dos estereótipos raciais e da atratividade física facial na avaliação da conduta moral atribuída ao alvo; (b) Detectar em que contextos psicossociais ocorrem associação entre estereótipos raciais e o grau de atratividade física facial na avaliação da conduta moral atribuída a um alvo; (c) Determinar em quais contextos psicossociais os estereótipos raciais associados com a atratividade física facial produzem graus de avaliação da conduta moral mais elevados; (d) Avaliar um modelo explicativo para a avaliação da conduta moral atribuída a alvos de diferentes pertencas étnicas e variados graus de atratividade física facial, tendo o preconceito racial, a atratividade física e o contexto psicossocial como preditores.

Considerando o fator cultural brasileiro impregnado pela ideologia do branqueamento e da literatura que considera que características físicas, expectativas, rótulos e outras informações sobre pessoas são integrados na formação de julgamentos morais em várias dimensões Kohlberg (1956, 1966, 1968), bem como os estudos realizados em países do Ocidente, que evidenciam o favorecimento de determinados fenótipos, convencionados com maiores níveis de beleza, na formação de impressões (Cunningham, 1986; Lee-Manoel, Morais, Bussab & Otta, 2002; Novaes, 2006; Perrette, May & Yoshikawa, 1994). Nesse sentido, considera-se os estereótipos raciais sobre pessoas negras e brancas e difundido o imaginário social brasileiro (Santos, 2015), bem como a identidade racial participante da identidade social dos agentes sociais e como constructo derivado do sentimento e reconhecimento de pertença a um grupo social, e este sentimento como o que possibilita maior

ou menor favorecimento ao próprio ou ao *exogrupo* (Tajfel & Turner, 1986). A identidade moral como uma categoria de autoconcepção sobre traços morais, na qual o autoesquema pode ser ativado conforme a influência de fatores situacionais (Aquino & Reed, 2002; Reed, Finnel, Aquino & Levy, 2016; Resende & Porto, 2017). E o racismo se apresenta de forma genderizada, isto quer dizer que se manifesta de modo diferente para homens e mulheres (Akotirene, 2016; Collins, 2009; Chimamanda, 2009; Kilomba, 2019; Spivaki, 2016). Da mesma forma, baseada em estudos anteriores sobre atratividade física e aparência racial (Benson, Karabenick & Lerner, 1976; Paim, 2017); estereótipos baseados em julgamentos (Biernat & Manis, 1994; Cross & Cross, 1971), apresentamos abaixo as hipóteses deste referido estudo.

5.1 Hipóteses

A hipótese central deste estudo é de que o perfil étnico e o grau de atratividade física dos personagens apresentados durante a situação experimental influenciarão no julgamento da conduta moral desses alvos e as expectativas da participante em relação à própria conduta moral a ser adotada se o dilema for pessoal de baixo conflito, alto conflito ou impessoal. Espera-se que o padrão de comportamento acima referido permanecerá em contextos de dilemas morais distintos, com maior ou menor intensidade, a depender do grau de conflito gerado pelo dilema. A hipótese central pode ser desdobrada nas seguintes hipóteses alternativas:

(H1) Baseado no fator cultural brasileiro impregnado pela ideologia do branqueamento e da literatura que considera que características físicas, expectativas, rótulos e outras informações sobre pessoas são integrados na formação de julgamentos morais em várias dimensões (Aquino & Reed, 2002; Kohlberg (1956, 1966, 1968; Reed et.al, 2016). E de estudos

realizados previamente em países do Ocidente, que evidenciam o favorecimento de determinados fenótipos, convencionados com maiores níveis de beleza, na formação de impressões (Cunningham, 1986; Lee-Manoel, Morais, Bussab & Otta, 2002; Novaes, 2006; Perrette; May & Yoshikawa, 1994), ponderando os estereótipos raciais sobre pessoas negras e brancas e difundidos no imaginário social brasileiro (Paim & Pereira, 2011; Pereira, 2002). Em termos de julgamento da conduta moral, as respostas seguirão a seguinte ordem: Faces com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física aumentado terão maior positividade na avaliação da conduta moral do que faces com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física reduzido, assim como faces com perfil étnico africanizado e grau de atratividade física aumentado terão maior positividade na avaliação da conduta moral do que faces com perfil étnico africanizado e grau de atratividade física reduzido.

(H2) Analisando a identidade racial participante da identidade social dos agentes sociais e como constructo derivado do sentimento e reconhecimento de pertença a um grupo social e este sentimento como o que possibilita maior ou menor favorecimento ao próprio ou ao *exogrupo* (Tajfel & Turner, 1986). E a identidade moral como uma categoria de autoconcepção sobre traços morais, na qual o autoesquema pode ser ativado conforme a influência de fatores situacionais (Aquino & Reed, 2002), bem como a forte carga das expectativas de papéis femininos e masculinos, impostos a estes entes durante o processo de socialização e do racismo e sexismo presentes em sociedades patriarcais (Kilomba, 2019). As participantes tenderão a atribuir maior positividade à conduta moral das faces que apresentarem o mesmo sexo e perfil étnico que o seu.

(H3) Baseada nas pesquisas anteriormente apresentadas na seção, que utilizam o conceito de identidade racial, as quais vêm encontrando relações significativas com intenções e comportamentos éticos. Prevemos que participantes com escore mais altos na escala de identidade racial, tenderão a considerar as ações dos personagens com perfil étnico similar ao

seu como possuindo maior conduta moral, independentemente de a face apresentada estar com atratividade física diminuída ou aumentada.

(H4) Considerando as pesquisas anteriormente apresentadas na seção 3.1.1, que utilizam o conceito de identidade moral. Prevemos que participantes com escore mais altos na escala de identidade moral suprimirão os efeitos dos constructos mencionados nas hipóteses 1, 2 e 3.

5.2 Método

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, de caráter quase-experimental, que utilizou-se do seguinte desenho expresso no modelo: 2 (sexo da participante, se homem ou mulher) x 3 (pertença racial autodeclarada, se preta, parda, branca) são intergrupos; e os demais, x 2 (manipulação do perfil étnico da face, se africanizada ou europeizada) x 2 (manipulação do grau de atratividade física da face, se diminuído ou aumentado) x 2 (sexo das imagens utilizadas como priming, se mulher ou homem); e a avaliação da conduta moral atribuído à face ou a si próprio, representando as variáveis dependentes do referido experimento.

5.2.1 Participantes

Os dados aqui presentes se referem a um total de 333 participantes, todas residentes no Brasil, cujos resultados foram validados. Como se trata de uma pesquisa on-line, acessaram o website da pesquisa um total de 454 pessoas, o que representa uma taxa de participação efetiva de 73,35% das participantes, que foram validadas.

Do total de 333, 73,04% são mulheres² e 26,96% homens. Quanto à pertença étnico-racial, 35,11% se autodeclaravam brancas/os; 25,07%, pretas/os; e 39,81%, pardas. Em relação

² Considerando que a língua, por mais poética que seja, tem sua dimensão política relativa ao poder de fixar e perpetuar relações de poder e de violência. Nesta seção, a autora opta por uma escrita gendrada, ao utilizar os artigos as/os antes dos termos “participantes” e na descrição das autodeclarações de cor de pele (branca, preta e

à orientação sexual: 78,61%, heterossexuais; 2,11% se identificaram como lésbicas; 8,43%, bissexuais; e 6,93%, gays. Quanto à religiosidade, 62,09% afirmaram professar algum credo religioso e 37,61% se disseram isentos de religião. Em relação à idade, a amplitude oscilou entre os valores 18 e 80 anos, com a média de 36 anos e sete meses e o desvio-padrão de 12,3 anos. Com estes valores, foram distribuídos: (a) 165 participantes na condição cuja face era de um homem com perfil europeizado; (b) 167 participantes na condição cuja face era de um homem com perfil africanizado, no cenário do dilema da Passarela (cenário de baixo conflito); (c) 185 participantes na condição cuja a face era de um mulher com perfil europeizado; (d) 147 participantes na condição cuja face era de uma mulher com perfil africanizado no cenário do Transplante (cenário de dilema pessoal de alto conflito) e; (e) 177 participantes na condição cuja face era com perfil europeizado e (f) 155 participantes na condição cuja face com perfil africanizado, no cenário da carteira perdida a distribuição de, conforme demonstrado na tabela 2.

parda), como forma de pôr o feminino em primeiro lugar e ressaltar a sua presença majoritária na produção dos dados desta pesquisa, embora conforme defenda Kilomba, ainda não satisfatória essa inserção, uma vez que não nos possibilita estendê-los a vários gêneros LGBTQIA+. (Kilomba, 2019).

Tabela 2. Distribuição dos Participante por perfil psicossocial e por condição do Estudo II.

Variáveis sociodemográficos	Valores	
<u>Sexo</u>	<u>F</u>	<u>%</u>
<i>Mulheres</i>	244	73,04
<i>Homens</i>	88	26,96
<u>Cor da Pele</u>		
Branca	112	35,11
Preta	80	24,1
Parda	127	38,25
<u>Orientação Sexual</u>		
Heterossexual	236	78,61
Homossexual	22	6,93
Lésbica	15	2,11
Bissexual	42	8,9
Outras	13	2,19
<u>Nível de Escolaridade</u>		
Fundamental	04	1,20
Médio	39	11,75
Superior	102	30,72
Especialização	102	30,72
Mestrado	46	13,86
Doutorado	34	10,24
<u>Religiosidade</u>		
Sim	198	62,09
Não	120	37,61

Distribuição das Participantes Por Condição /Cenário Perfil Étnico da face Apresentada

<i>Passarela</i>	<u>Africanizado</u> 167
	<u>Europeizado</u> 165
<i>Transplante</i>	<u>Africanizado</u> 147
	<u>Europeizado</u> 185
<i>Carteira Perdida</i>	<u>Africanizado</u> 177
	<u>Europeizado</u> 155

5.2.2 Instrumentos e materiais

Foi confeccionado um questionário on-line, autoadministrável, desenvolvido pela pesquisadora a partir da plataforma digital *Ef-survey*. Para a composição dos três Cenários de Dilemas Morais, foram selecionadas três fotografias avaliadas no estudo anterior, como medianamente atrativas ou como muito atrativas e cuja cor da pele foi previamente validada como parda.

Banco de Imagens

As imagens que foram utilizadas precisaram passar por um processo de manipulação digital, feito com o auxílio do software *Facegen Modeller v.3.0*. Foram geradas 08 imagens para que parecessem mais ou menos africanizadas ou europeizadas aplicamos um parâmetro de 4,0 para todas as imagens, aplicamos o valor zero como parâmetro para diminuir a imagem e com diminuição do grau da atratividade física da imagem original, tomou-se como parâmetro o valor 3,0.

Ao final do processo, foram geradas as seguintes imagens: **(a)** duas de faces masculinas com perfil étnico africanizado, manipuladas para aumentar ou diminuir o seu grau de atratividade física; **(b)** duas de faces masculinas com perfil étnico europeizado, manipuladas para aumentar ou diminuir o seu grau de atratividade física; **(c)** duas de faces femininas, com perfil étnico africanizado, manipuladas para aumentar ou diminuir o seu grau de atratividade física; **(d)** duas de faces femininas com perfil étnico europeizado, manipuladas para aumentar ou diminuir o seu grau de atratividade física.

Dessas oito imagens, foram geradas 16 composições que serviram para ilustrar os três Cenários de Dilemas Morais (Passarela, Transplante e Carteira Perdida). Após essa etapa de ajuste da face, as imagens receberam uma caracterização específica, conforme o cenário de dilema moral, ambientada de acordo com a história a ser contada ao participante. A montagem

ocorreu através de um *software Photoshop* versão *CC*, no qual adicionou-se uma roupagem aos personagens. De modo a controlar o efeito da variável sexo, optou-se por inseri-la em apenas um dos dilemas (Carteira Perdida). Ao final, as imagens tiveram a seguinte distribuição: (a) no cenário do dilema moral da passarela, optou-se pela utilização das imagens de homens, ambientados com roupa de operários. (b) No cenário do dilema moral do transplante, optou-se pelas imagens de mulheres, ambientadas com jalecos. (c) Por fim, no cenário do dilema moral da carteira perdida, optou-se por ambientar personagens homens e mulheres com camisa de colarinho, conforme exposto na figura 2.



Figura 2. Modelos com Perfil Étnico Africanizado e Europeizado manipulados quanto ao grau da atratividade física facial.

Histórias de Dilemas Morais

As histórias que compuseram o instrumento derivaram do estudo realizado por Greene et. al (2008), no qual o autor realizou a validação de 40 dilemas morais e posteriormente os classificou em dois grupos de acordo com a tensão gerada nos julgamentos – utilitários e não utilitários, e no subconjunto de dilemas morais impessoais, de alto conflito e de baixo conflito.

Dilemas de alto conflito dizem respeito a uma estrutura semelhante na qual uma pessoa pode ser prejudicada para obter-se um benefício maior. Já os dilemas de baixo conflito e impessoais apresentam uma estrutura diversa, pois tipicamente não envolvem nenhum conflito objetivo entre o princípio moral utilitarista e não utilitarista (Greene et. al., 2008). Por fim, para este experimento, optou-se pelas histórias de dilema pessoal de alto e baixo conflitos, e uma história de dilema moral impessoal que apresentou percentis afirmativos mais baixos em

relação aos dilemas. Os dilemas, e seus respectivos percentis de graus de julgamento, moral, foram os descritos a seguir.

Pessoal de Baixo Conflito - Passarela (Adaptado de Thomson, 1985), com um percentual de Julgamentos Utilitários/Afirmativos: **(12%)**. **A adaptação realizada deixou o texto do dilema no seguinte formato:** Certa manhã, W. viu um vagão descontrolado descendo os trilhos em direção a cinco operários. Ele observou que se caso o carro não fosse desviado do seu curso atual, atingiria em cheio esses operários. W. também observou que na passarela, ao seu lado, havia um homem estranho e que por acaso era corpulento. A única maneira de salvar as vidas desses cinco trabalhadores era empurrando este estranho para baixo da ponte, já que seu corpo grande poderia parar o vagão. Ele sabia que o estranho morreria se fizesse aquilo, mas os cinco operários sobreviveriam.

Já o outro Dilema foi do tipo **Pessoal de Alto Conflito**, o texto selecionado foi o dilema do **Transplante (Adaptado de Thomson, 1985)** e com percentual de Julgamentos Utilitários/Afirmativos: **(21%)**. **Adaptação Realizada:** L. era uma médica. Ela tinha cinco pacientes, cada um deles estava prestes a morrer devido a uma falha em algum órgão específico. L. tinha outro paciente que era completamente saudável. A única maneira de L. salvar a vida dos primeiros cinco pacientes era transplantar cinco dos órgãos deste jovem (contra a sua própria vontade) para os corpos dos outros cinco pacientes. L. sabia que se ele fizesse isso, o jovem morreria, no entanto os outros cinco pacientes viveriam.

Por fim, também foi selecionado um terceiro dilema do tipo Impessoal e a história selecionada foi a da Carteira Perdida, com um percentual de Julgamentos Utilitários/Afirmativos: **(16%)**. A partir da Adaptação Realizada, o texto ganhou a seguinte narrativa: C. estava andando na rua quando se deparou com uma carteira deitada no chão. C., ao abrir a carteira, descobre que ela continha centenas de notas de dinheiro e uma carteira de motorista. Pelos cartões de crédito e outros itens da carteira, fica claro para C. que a carteira pertencia a uma pessoa

rica. C., por outro lado, estava com dificuldades financeiras e poderia tirar dali o pagamento de algumas dívidas. Então considerou enviar a carteira de volta para o dono sem o dinheiro, deixando para si mesmo.

Além das histórias, as participantes também foram convidadas a responderem à versão brasileira de três escalas psicossociais: Escala de Identidade Moral, Escala de Identificação Racial e Escala de Motivação Interna para o Controle do Preconceito.

Escala de Identidade Moral

Esta escala foi validada para o contexto brasileiro por (Resende & Porto, 2017). Composta por 10 itens, tendo como instrução inicial: *“A seguir são apresentadas algumas características que podem descrever uma pessoa: Cuidadosa, compassiva, justa, amigável, generosa, prestativa, esforçada, honesta e gentil. Por um momento, visualize o tipo de pessoa que tem essas características. Imagine como essa pessoa iria pensar, sentir e agir. Quando você tiver uma imagem clara de como essa pessoa pareceria? Responda às seguintes questões de acordo com a escala abaixo.”* Após essa instrução, era apresentada uma escala tipo *Likert* de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente) e os respectivos itens. Essas questões, relativas à escala de identidade moral, foram intercalados com as perguntas da escala de Identidade Racial, a fim de evitar o efeito de exposição de informação. A análise da consistência interna, realizada mediante o cálculo do *alpha* de *Cronbach*, indicou um valor de $M=0,822$, o que garante uma boa consistência da medida.

Escala de Identificação Racial

Esta escala foi originalmente produzida por Poterotto e Wise (1987) e composta por 30 itens, nos quais se afere o grau de identificação com a pertença racial autodeclarada e atitude em relação ao grupo racial pelo participante. Esta escala foi adaptada e validada para o contexto

brasileiro e a versão que utilizamos é composta por 14 itens e tem como instrução inicial: Analise as assertivas abaixo quanto a sua raça /etnia marcando um X *entre as opções de 1 a 5, sendo “1” pouco, “3”, mais ou menos e “5”, muito*).

Neste estudo optou-se por aglutinar as questões desta escala com as perguntas da escala de identidade moral com o intuito de facilitar a fluidez das respostas pelas participantes. Executou-se uma análise da consistência interna, realizada mediante o cálculo do *alpha* de Cronbach, o qual indicou um valor de ($\alpha=0,771$ (N=14)), o que garante uma boa consistência da medida.

Escala de Motivação Interna e Externa para o Controle do Preconceito

A escala de motivação Interna e Externa para Controle do Preconceito é um instrumento originalmente desenvolvido por Duntun e Fazio (1997) e traduzida e modificada para o português por Palma e Maroco (2009). Ela é composta por dez itens, dispostos em uma escala likert de nove pontos que varia de (1) *discordo fortemente* a (9) *discordo fortemente* (9). Esses itens, antes, foram pertencentes a duas escalas distintas (Escala de Motivação Interna Para o Controle do Preconceito (EMIC) e Escala de Motivação Externa Para o Controle do Preconceito (EME)). Foi investigada a confiabilidade dos fatores resultantes, mediante o cálculo do *alpha* de Cronbach, que indicou um valor de ($M=0,734$ (N=10)), o que garante uma boa consistência da medida.

Dados Sociodemográficos

Os dados sociodemográficos coletados referiam-se a: sexo da participante, idade, grau de escolaridade, cor da pele autodeclarada, conforme parâmetros do IBGE (2013), cidade onde a/o participante residia, orientação sexual declarada, estado civil, religião, grau de

religiosidade, procurando, assim, assegurar uma melhor caracterização das pessoas que fizeram parte do estudo.

5.2.3 Procedimentos

Nesta seção iremos descrever os procedimentos metodológicos adotados tanto para a realização da coleta dos dados quanto para o tratamento e posterior análise. Como trata-se de um estudo experimental virtual, alguns cuidados precisaram ser tomados para que a coleta fosse de modo aleatório, o que impacta sobretudo nesses tipos e definição de um estudo como sendo experimental (Creswel, 2009).

5.2.3.1 Coleta dos Dados

A coleta dos dados ocorreu entre os dias 18 de maio e 02 de julho de 2020, período em que obtivemos um maior número de acessos nas duas primeiras semanas, até esse momento havia passado dois meses em que o Estado Brasileiro decretou o isolamento social, devido à Pandemia do Corona Vírus (COVID-19), que afetou países de todos os continentes e no Brasil. No início da coleta dos dados, registrava-se o número de 674 óbitos e ao final tinha-se o total de 1.250 óbitos, o que sinaliza que havia um aumento rápido e exponencial de novos casos e óbitos pelo país.

As participantes foram direcionadas/os a visualizar imagens de homens e mulheres em um dos três cenários de dilemas morais: (a) Dilema Pessoal de Baixo Conflito; (b) Dilema Pessoal de Alto Conflito e; (c) Dilema impessoal.

Após obter o consentimento, a participante visualizava a imagem que precedia a história de dilema moral, em seguida visualizava a imagem e um pequeno texto contendo a história atribuída a/ao personagem. Para cada figura com suas respectivas histórias, as participantes respondiam às seguintes perguntas, se o dilema apresentado era:

Dilema da Passarela:

(a) *Em termos proporcionais, para você, quão apropriada foi a decisão de W. ao empurrar aquele homem para os trilhos a fim de salvar a vida dos cinco trabalhadores?*

(b) *Em termos percentuais, quais seriam as chances de você tomar a mesma decisão que W.?*

Dilema do Transplante:

(a) *Em termos proporcionais, para você, quão **apropriada** foi a decisão de L. ao realizar este transplante para salvar a vida desses cinco pacientes?*

(b) *Em termos percentuais, quais seriam as chances de você tomar a mesma decisão que L.?*

Dilema da Carteira Perdida:

(a) *Para você, em termos proporcionais, quão apropriada foi a decisão de C./O. ao ficar com o dinheiro que encontrou na carteira para obter um dinheiro extra?*

(b) *Em termos percentuais, quais seriam as chances de você tomar a mesma decisão que C./O.?*

O roteiro do experimento encontra-se reproduzido no diagrama da figura 3. Na tela inicial, encontrava-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na tela subsequente eram oferecidas as instruções iniciais para a/o participante resolver a tarefa apresentada. Uma vez que a coleta foi realizada de forma aleatória e impessoal, e em nada dependia da experimentadora, acredita-se que os critérios de aleatoriedade também foram atendidos.



Figura 3. Diagrama do Procedimento experimental adotado para a coleta de dados do estudo.

5.2.3.2 Análises dos Dados

Este procedimento foi dividido em etapas e níveis de análise distintos: Na primeira etapa, procedeu-se um ajuste do banco de dados, a partir de análises exploratórias. Em seguida, análises frequentistas foram executadas para traçar o perfil sociodemográfico da amostra. Em termos de níveis de análises, podemos descrever que para testar a primeira hipótese (H1), foram realizadas ANOVA's fatoriais para investigar se havia diferenças no grau de julgamento moral direcionados aos alvos com perfil étnico africanizado e europeizado, com graus de atratividade reduzido e aumentado. Para o teste da segunda hipótese (H2), para avaliar o impacto da apresentação das faces no grau de julgamento moral que os participantes deram para si e para o alvo em questão e se o sexo era um fator de impacto. Em seguida, para o teste da terceira e quarta hipótese (H3 e H4), executou-se análises de covariância (ANCOVA), para dimensionar o impacto dos constructos psicológicos (identidade moral, controle do preconceito e identidade racial). Os dados foram armazenados e analisados com o auxílio do *software* SPSS (versão 23.0) e para as análises multivariadas e de associação e/ou correlação utilizou-se o *software* Jeffrey's Amazing Statistics Program (JASP versão 0.16.4).

Inicialmente, conforme recomenda Volpato e Barreto (2016), conduziram-se procedimentos exploratórios e de ajuste no banco de dados. Os referidos foram submetidos à análise exploratória, adequando-os quando da existência de problemas, aos pressupostos da

análise multivariada (por exemplo, normalidade, linearidade, homoscedasticidade e singularidade). A partir do exposto, gráficos de dispersão e histogramas foram analisados.

Durante o tratamento do banco de dados, constatou-se que as variáveis presentes nas escalas de controle do preconceito, identidade moral e racial, após as análises fatoriais, apresentaram desvios da normalidade, referentes à direção das respostas aos itens das escalas. Deste modo, procederam-se transformações pelo método da Raiz Quadrada e Logaritmo de Base 10, atendendo-se aos pressupostos do modelo linear geral para a estatística paramétrica e multivariada. Observou-se na escala de Identidade Moral que os itens 45 e 46 correspondentes às variáveis presentes no banco de dados possuíam direções contrárias e, por isso, tiveram que ser submetidos transformações em sua escala, visto não atender ao pressuposto de normalidade dos indicadores para a testagem. E de igual modo foram realizadas transformações dos itens cinco, 10, 11 e 13 da escala de Identificação Racial e no item dois da escala de Motivação Interna e Externa para Controle do Preconceito.

Por fim, observou-se que as variáveis referentes ao julgamento moral da face apresentado e do próprio participante apresentaram um número elevado de *outliers*. Segundo Volpato e Barreto (2016), os outliers representam números discrepantes. Os autores sinalizam três possibilidades para trabalhar com eles: (a) excluí-lo da amostra, se tiver decorrido de algum erro técnico ou de registro; (b) considerá-lo um número natural, presente na amostra. Assim, recomendam, os autores, relatá-lo para que os leitores saibam da sua existência, porém para as análises considerar apenas os dados mais comuns (isto é, excluindo as raridades), nesse caso trabalha-se com as médias e os desvios padrões e, por fim; (c) em casos em que a exclusão dos dados pode acarretar uma grande “perda operacional ao trabalho”, os autores recomendam que seja feita a substituição do valor do *outlier* pela média, porém, alerta que essa substituição pode reduzir a dispersão ou variabilidade dos dados, e que, por essa razão, é fundamental informar aos leitores sobre as substituições ou exclusões realizadas (Volpato & Barreto, 2016).

No caso em questão, tanto a exclusão quanto a substituição dos valores dos *outliers* por valores correspondentes, a média, afetaria a operacionalização das análises, pois reduziria não apenas a dispersão, como também a variabilidade dos dados. Assim, optou-se por manter os *outliers* e informá-los quando da apresentação dos resultados das análises, uma vez que a sua exclusão representaria uma perda significativa de respostas, e considerando que os testes a serem executados são robustos o suficiente para lidarem com essa anomalia.

Embora a recomendação seja pela substituição ou mesmo exclusão dos *outliers*, neste trabalho optou-se por mantê-los, visto que tanto havia robustez suficiente frente aos testes estatísticos aplicados, quanto haveria um prejuízo operacional significativo com a sua retirada ou mesmo sua substituição. De tal modo, estavam distribuídos os *outliers*: (a) outliers bivariados extremos na dependente “Passarela_ou-tro” perfazem um total de 29 casos (valores extremos $Z \geq 7,0$); (b) outliers bivariados extremos na dependente “Transplante_ou-tro” perfazem um total de 64 casos (valores extremos $Z \geq 2,0$); (c) outliers bivariados extremos na dependente “Transplante_si” perfazem um total de 73 casos (valores extremos $Z \geq 2,0$); (d) outliers bivariados extremos na dependente “Carteira_ou-tro” perfazem um total de 66 casos (valores extremos $Z \geq 4,0$); (e) outliers bivariados extremos na dependente “Carteira_si” perfazem um total de 24 casos (valores extremos $Z \geq 7,0$) ou bivariados extremos entre a dependente e outras variáveis (*screeplot* com 95% para o intervalo de confiança da linearidade).

Também se procederam análises frequentistas para avaliar o perfil sociodemográfico dos participantes, algumas variáveis precisaram serem recodificadas e/ou transformadas. Mesmo após o tratamento de casos omissos e ajuste no banco de dados, nenhum caso precisou ser excluído. As omissões totais encontradas ficaram abaixo 1,8% dos casos (08 respostas) no banco de dados completo, sendo apenas substituídas pela média mais próxima. Após esta correção, 08 casos foram substituídos por erro de preenchimento (por ausência de preenchimento aos itens de uma das escalas.) e 13 foram transformados por se referirem a variáveis do contexto

psicossocial com representatividade menor que 3% dos casos (pertencas raciais amarela e indígena) na variável “outros”. Vale ressaltar que o tratamento de casos omissos e outliers foram realizados segundo recomendações apresentadas por (Volpato & Barreto, 2016).

Aspectos éticos

Os parâmetros éticos para a pesquisa com seres humanos foram adotados. Em conformidade com a Resolução CNS 466/2012, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia e aprovado sob nº CAAE: 89954718.7.0000.5686.

5.3 Resultados - Atratividade física facial, viés racial e avaliação da tomada de decisão moral

Esta seção apresenta os resultados obtidos durante as análises dos dados gerados pela pesquisa intitulada “Formação de Impressão”. Estes resultados são apresentados nas sessões seguintes, seguindo a ordem em que procedemos o teste das hipóteses do referido estudo.

5.3.1 Resultados do teste da hipótese (H1)

Aqui serão apresentados os resultados obtidos através do teste da hipótese de que, em termos de julgamento da tomada de decisão moral, as respostas seguirão a seguinte ordem: Faces com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física aumentado terão maior concordância na avaliação da tomada de decisão moral do que faces com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física reduzido, assim como faces com perfil étnico africanizado e grau de atratividade física aumentado terão maior concordância na avaliação da tomada de decisão moral do que faces com perfil étnico africanizado e grau de atratividade física reduzido.

Perfil Étnico e Atratividade Física Facial Manipulada (AFFM) no Cenário de Dilema

Baixo Conflito - Dilema da Passarela

Uma ANOVA de medidas repetidas foi executada para verificar se havia um efeito da apresentação das faces sobre as respostas da avaliação da tomada de decisão moral que os participantes deram para o alvo presente no dilema da passarela e ela foi significativa [F (1), (321) = 29,450 $p < .001$; $\eta^2 = 0,084$]. Houve diferenças significativas entre o percentual de julgamento moral da imagem apresentada e o percentual de julgamento moral da própria respondente. Ainda encontramos um *efeito principal* da interação entre o perfil étnico da face e o grau de atratividade física manipulado [F (1), (321) = 4,799 $p < .029$; $\eta^2 = 0,013$]. Observando-se uma média mais elevada na condição em que as participantes avaliavam a tomada de decisão moral do alvo e foram expostas a face de homem de perfil étnico europeizado e grau de atratividade física diminuído (M=3.711; DP= 3.573) comparativamente a faces de homem de perfil étnico europeizado e grau de atratividade física aumentado (M= 2.795; DP= 2.821).

Para compreender melhor o efeito do grau de atratividade física e do perfil étnico da face, nas respostas de avaliação da tomada de decisão moral que as participantes deram para si e para o alvo, procedemos com a execução de testes *post hoc*. Uma rápida inspeção ao gráfico presente na figura 4, é possível identificar uma média significativamente mais elevadas entre o grupo de homens com perfil étnico europeizado e com grau de atratividade física reduzido (M=3.711; DP=3.573) se comparado ao grupo que foi exposto a face com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física aumentado (M=2.795; DP=2.821). Nessa mesma linha, observa-se que a resposta que as participantes deram em relação a tomarem a mesma decisão moral que o personagem segue o mesmo padrão. Elas concordam mais com a tomada de decisão na condição em que foram expostas ao personagem com perfil étnico europeizado e o grau

de atratividade física reduzido ($M=3.157$; $DP= 3.278$) do que quando expostas a condição do alvo com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física aumentado (2.218 ; $DP=2.567$).

Outrossim, uma rápida inspeção ao gráfico presente na figura 4, observa-se que esses dados não se revelam de igual modo para as demais condições. Há aqui uma maior concordância com a tomada de decisão moral do personagem com perfil africanizado quando o alvo apresenta a sua atratividade física aumentada ($M= 3.262$; $DP=3.090$) e não difere muito mesmo quando apresenta a sua atratividade física reduzida ($M=3.038$; $DP=2.602$). Contudo, esses resultados diferem quando a participante precisa responder em relação a sua própria tomada de decisão moral. De modo geral, observa-se que as médias são ligeiramente inferiores de quando precisavam avaliar somente a tomada de decisão do alvo, de modo que as participantes concordam mais que tomariam a mesma decisão moral que o personagem quando exposta a alvo com grau de atratividade física aumentada ($M=2.821$; $DP=2.950$), do que quando expostas a condição com o alvo com grau de atratividade física reduzido ($M=2.225$; $DP=2.222$) (ver figura 4).

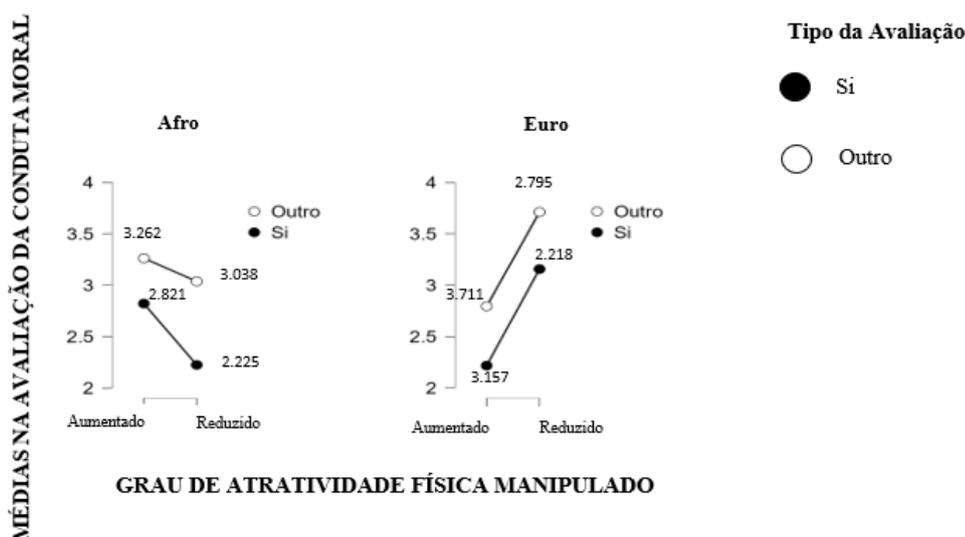


Figura 4. Gráfico contendo médias da avaliação da conduta moral atribuídas aos personagens com perfil étnico africanizado e europeizado com o grau de atratividade física facial reduzido e aumentado, no cenário do dilema moral da Passarela

Com base na literatura sobre o dilema moral da Passarela, é comum observar uma forte tendência dos participantes em julgar a ação de recompensas como moralmente corretas. Isso é conhecido como "efeito satisfatório", que é a ideia de que sacrificar uma vida para salvar outras é moralmente aceitável em situações extremas (Cushman & Greene, 2012; Greene, et.al., 2001)

Além disso, estudos mostraram que características físicas da vítima e do salvador podem influenciar a tomada de decisão moral dos participantes. Por exemplo, um estudo de Greene et al. (2010) mostrou que a ativação da região pré-frontal dorsolateral do cérebro, associada ao pensamento lógico, foi maior quando os participantes viram fotos de vítimas atraentes em comparação com vítimas menos atrativas. Outros estudos também apreciaram que as características físicas da vítima e do salvador podem influenciar a empatia e a emoção dos participantes em relação à situação.

No que diz respeito ao perfil étnico, a literatura sugere que a etnia da vítima pode influenciar a tomada de decisão moral dos participantes, com as vítimas da mesma etnia sendo mais propensas a serem salvas do que vítimas de outras etnias. Um estudo de 2011 (Bernstein et al.) mostrou que os participantes eram mais propensos a salvar vítimas da mesma etnia e que essa tendência foi influenciada pela ativação da amígdala, uma região do cérebro associada às emoções.

No contexto dos resultados da ANOVA, é interessante notar que as participantes apresentaram uma média mais elevada de julgamento moral quando foram expostos à face de um homem de perfil étnico europeizado e grau de atratividade física diminuído. Isso pode indicar que as participantes estão mais tolerantes a julgar moralmente positivamente a ação de consumir a vida, quando uma vítima não é ineficiente ou não é da mesma etnia que eles. Essa descoberta pode ter uma compreensão simplificada de como a aparência física e o perfil étnico podem influenciar a tomada de decisão moral em situações extremas.

Além disso, o resultado da interação entre o perfil étnico da face e o grau de atratividade física manipulado sugere que a avaliação da tomada de decisão moral pode depender da interação entre essas duas variáveis. Isso indica que a forma como a aparência física dos personagens é manipulada pode afetar de forma diferente a avaliação da tomada de decisão moral, dependendo do perfil étnico da face.

É importante ressaltar que a literatura sobre dilemas morais também tem demonstrado que o julgamento moral pode ser influenciado por fatores como a emoção e a intuição, além de aspectos cognitivos e culturais (Cushman, Young, & Greene, 2010). Além disso, pesquisas têm indicado que a aparência física pode ter um papel importante na forma como as pessoas avaliam a moralidade das ações (Gray & Wegner, 2008).

Por exemplo, em um estudo realizado por Greene et.al., (2001), os participantes foram apresentados ao mesmo cenário proposto neste estudo. No cenário apresentado, os participantes foram informados de que um trem estava prestes a atropelar cinco pessoas que estavam em uma linha férrea e a única maneira de salvá-las era empurrar um homem para a linha do trem para que o impacto o parasse antes de chegar às cinco pessoas, a maioria dos participantes achou que puxar o homem para a linha do trem era a tomada de decisão moral mais acertada.

Ainda, considerando o que os estudos sobre dilemas morais têm demonstrado acerca do dilema da Passarela, é preciso ressaltar alguns desses achados que podem embasar os resultados da ANOVA. Uma das pesquisas mais conhecidas é a de Greene et. al., (2004), que utiliza imagens de situações de conflito moral para avaliar a atividade cerebral dos participantes, os autores concluíram que a região pré-frontal ventromedial está envolvida na tomada de decisão moral nesse tipo de dilema específico.

Outro estudo interessante é o de Kahane et al., (2015), que investigou as diferenças culturais na avaliação de dilemas morais, incluindo o dilema da passarela. Os autores observaram que as pessoas em sociedades coletivistas tendem a elevar mais a ação que preserva a

integridade do grupo, enquanto as pessoas em sociedades individualistas tendem a elevar mais a ação que maximiza o bem-estar individual.

No que se refere às variáveis de atratividade física e perfil étnico, há um interesse crescente a área da Psicologia Social sobre como essas características podem afetar a percepção de uma pessoa. Um estudo recente é o de Hehman, Flake e Freeman (2015), o qual mostrou que a atratividade física facial pode influenciar a tomada de decisão em situações de julgamento moral, levando as pessoas a serem mais permissivas com transgressões éticas de indivíduos atraentes.

Já no que se refere ao perfil étnico, um estudo de Goff et.al., (2014) mostrou que as pessoas têm mais dificuldade em reconhecer expressões faciais de indivíduos negros, o que pode levar à desumanização dessas pessoas e a um tratamento injusto. Logo, esses resultados sugerem que o perfil étnico é uma variável a ser considerada em estudos que abordam o julgamento moral.

Nessa direção, localizamos estudos sobre o dilema da Passarela que se concentram em entender as razões pelas quais as pessoas tendem a dar diferentes respostas as diferentes situações e que incluíram as variáveis de atratividade física facial e perfil étnico manipulado.

Por exemplo, o estudo realizado por Kteily (2015) descobriu que a exposição a diferentes tipos de rostos pode influenciar significativamente as respostas de tomada de decisão moral. Em particular, descobriu-se que as pessoas tendem a responder mais positivamente as faces que tinham o mesmo perfil étnico que elas, mas essa resposta mudava quando a pessoa apresentada tinha uma face considerada menos atraente, a resposta tendia a ser negativa.

Outro estudo realizado por Starmans e Bloom (2018) descobriu que as pessoas tendem a julgar de formas variadas uma pessoa que sacrifica outra em um cenário de dilema moral, mesmo que a ação seja para salvar outras vidas. Eles identificaram que quando a pessoa que toma a decisão é considerada atraente, as pessoas tendem a julgar de modo menos severo.

No estudo em questão, descobrimos que as participantes concordaram mais com a tomada de decisão moral quando foram expostas a um homem com perfil europeizado e grau de atratividade física diminuído, em comparação com o mesmo homem apresentado com um grau de atratividade física aumentado. Esses resultados sugerem que a atratividade física facial e o perfil étnico podem ser fatores importantes a considerar ao avaliar a tomada de decisão moral em situações de dilema moral como o da Passarela.

Além disso, a literatura sobre dilemas morais também destaca a importância da emoção na tomada de decisão moral. Estudos têm mostrado que a ativação emocional pode influenciar significativamente a avaliação moral dos indivíduos, aumentando a propensão a tomar decisões que priorizam ações altruístas e justas (Valdesolo & DeSteno, 2006).

A primeira descoberta da ANOVA é que há um efeito principal significativo da largura do rosto nas respostas morais dos participantes à tomada de decisão. Isso significa que no dilema do pódio apresentado, a face do sujeito tem um impacto significativo nas decisões morais dos participantes. Essa descoberta é consistente com pesquisas anteriores que mostraram que os rostos podem ter um impacto significativo em nossa percepção dos outros e em nossos julgamentos morais.

O tamanho do efeito (η^2) de 0,084 para esse efeito principal é considerado moderado, o que significa que a apresentação facial representou uma quantidade significativa de variação nas respostas de tomada de decisão moral dos participantes. Um segundo descobrimento da ANOVA é que existe uma interação entre a etnia da pessoa representada e o nível de atratividade física que é controlado. Isso significa que o efeito da atratividade física nas respostas dos participantes às decisões morais varia de acordo com a etnia dos indivíduos representados. Essa descoberta sugere que a relação entre atratividade física e julgamentos morais pode ser mais intrincada do que se pensava e pode ser influenciada por outros fatores, como etnia.

Finalmente, a análise mostrou que os participantes classificaram a resposta moral à tomada de decisão mais alta quando o alvo era o rosto de um homem de etnia europeia e reduzia a atratividade física em comparação com o rosto de um homem de etnia europeia. Essa descoberta sugere que a atratividade física pode impactar negativamente os juízos morais, pelo menos em alguns contextos.

No geral, os resultados da ANOVA sugerem que a apresentação facial e o nível de atratividade física podem ter efeitos significantes nas respostas de decisão moral, mas que essa relação também é moderada por outros fatores, como etnia. Os resultados da ANOVA são consistentes com pesquisas anteriores nas áreas de psicologia social, psicologia moral e neurociência. Pesquisas em psicologia social mostraram que as características e expressões faciais podem ter um impacto significativo em nossa percepção dos outros, nossas atitudes em relação a eles e nosso comportamento em relação as essas pessoas. Por exemplo, estudos mostraram que rostos com características mais estereotipicamente atraentes são percebidos mais positivamente e são mais propensos a serem confiáveis do que rostos com características menos atraentes (Langlois et al., 2000). Além disso, pesquisas mostraram que nossos julgamentos morais podem ser influenciados por vários fatores, incluindo emoções, intuição e normas sociais (Haidt, 2001; Greene & Haidt, 2002).

Estudos em neurociência também forneceram insights sobre os mecanismos neurais subjacentes à tomada de decisões morais. A pesquisa mostrou que as regiões do cérebro envolvidas no processamento de emoções, como a amígdala e a ínsula, são ativadas quando fazemos julgamentos morais (Greene et al., 2004). Outros estudos mostraram que o córtex pré-frontal, que está envolvido no controle cognitivo e na tomada de decisões, também é ativado quando fazemos julgamentos morais (Greene & Haidt, 2002).

Em termos dos achados específicos da ANOVA, o resultado que mostra que os rostos podem ter um impacto na tomada de decisões. A descoberta de que a atratividade física pode

ter um impacto negativo nos julgamentos morais também é consistente com pesquisas anteriores, que mostraram que indivíduos estereotipicamente atraentes podem ser percebidos como menos confiáveis ou menos moralmente retos do que indivíduos menos atraentes (Cikara et al., 2010; Dion et al., 1972).

Ainda, pesquisas em psicologia social mostraram que as características e expressões faciais podem ter um impacto significativo em nossa percepção dos outros, nossas atitudes em relação a eles e nosso comportamento em relação a certos indivíduos. Um estudo seminal de Langlois et al. (2000) descobriu que as pessoas tendem a classificar rostos com características mais estereotipicamente atraentes (por exemplo, rostos simétricos, pele clara, aparência jovem) como mais simpáticos, inteligentes e confiáveis do que rostos com características menos atraentes. Esse efeito tem sido observado em diferentes culturas e faixas etárias, e tem sido atribuído a fatores evolutivos que moldaram nossas preferências por certos traços físicos. Outra pesquisa mostrou que o impacto da atratividade física nas decisões de contratação pode variar dependendo da raça do candidato a emprego (Heilman & Saruwatari, 1979).

Outrossim, o estudo de Dion et al. (1972) descobriu que indivíduos fisicamente atraentes podem ser percebidos como menos confiáveis ou menos moralmente retos do que indivíduos menos atraentes. Os participantes do estudo receberam fotografias de indivíduos que tinham alta ou baixa atratividade física e foram solicitados a avaliar sua confiabilidade e caráter moral. Os resultados mostraram que os participantes classificaram os indivíduos menos atraentes como mais confiáveis e mais moralmente retos do que os indivíduos mais atraentes.

O estudo de Allen (1976) identificou, também, por meio de dois experimentos envolvendo avaliações de “desejo por um encontro”, a partir de fotografias de pessoas negras e brancas que variavam em atratividade, que a interação entre raça e atratividade tinha aproximadamente a mesma forma para homens e mulheres: pessoas atraentes de estímulo negro eram agru-

padas com estímulos pouco atraentes. Já as participantes que foram informadas sobre a oportunidade de um encontro com pessoa de estímulo de sua escolha antes de ver os slides de estímulo, tenderam a desconsiderar a atratividade como critério de escolha. O autor concluiu que a raça pode ser um rival mais forte da atratividade em relação aos fatores mais abstratos com os quais a atratividade foi comparada, porque a raça, como a atratividade, é altamente concreta e visível.

E nos demais estudos que têm sido realizados em países do Ocidente também tem se demonstrado o efeito que a atratividade tem na avaliação e na formação de impressões sobre a pessoa, tem se evidenciado o favorecimento de determinados fenótipos convencionados com maiores níveis de beleza (Allen, 1976; Cash & Ducan 1984; Cross & Cross, 1971; Cui, Cheng, Lin, W., Lin, J. & Mo, 2019; Cheng, Liu, Kong, Weng & Mo, 2022; Langlois et al., 1995) até mesmo quando tratam-se de animais; Marešová & Frynta, 2008; Gunthorsdottir, 2001) ou mesmo seres não-sententes (Klebl, Luo, & Bastian, 2022).

Em termos do impacto das características faciais na tomada de decisões morais, a pesquisa mostrou que as emoções, a intuição e as normas sociais podem desempenhar um papel em nossos julgamentos. Por exemplo, estudos mostraram que emoções como o nojo podem influenciar nossos julgamentos morais, com as pessoas classificando situações moralmente ambíguas como mais moralmente erradas quando sentem nojo (Rozin, 1999). Outros estudos mostraram que as normas sociais e o contexto também podem influenciar nossos julgamentos morais, com as pessoas classificando certos comportamentos como mais ou menos aceitáveis, dependendo das normas sociais e expectativas de sua cultura (Graham & Haidt, 2012).

A pesquisa em neurociência também forneceu insights sobre os mecanismos neurais subjacentes à tomada de decisões morais. Estudos têm demonstrado que regiões cerebrais envolvidas no processamento de emoções, como a amígdala e a ínsula, são ativadas quando fazemos julgamentos morais (Greene et al., 2004). Outros estudos mostraram que o córtex pré-

frontal, que está envolvido no controle cognitivo e na tomada de decisões, também é ativado quando fazemos julgamentos morais (Greene & Haidt, 2002).

Os resultados da ANOVA apresentados não fornecem nenhuma informação sobre as identidades dos participantes, de modo que não é possível determinar como suas identidades podem ter influenciado os resultados. No entanto, a pesquisa mostrou que identidades como raça, gênero e classe social podem desempenhar um papel significativo na forma como as pessoas percebem e respondem às características e expressões faciais.

Por exemplo, a literatura tem demonstrado que as pessoas podem perceber rostos de diferentes raças e etnias de forma diferente, com vieses implícitos afetando nossas percepções de atratividade, confiabilidade e outros traços sociais (Hugenberg & Bodenhausen, 2004). Além disso, que as pessoas podem ser mais propensas a confiar e cooperar com indivíduos que são semelhantes a elas em termos de identidade social, como raça ou gênero (Dovidio et al., 2002).

Portanto, é possível que as identidades dos participantes da ANOVA possa ter influenciado suas respostas aos rostos apresentados e sua tomada de decisão moral. Pesquisas futuras poderiam investigar essa possibilidade examinando como diferentes identidades sociais interagem com características faciais e tomada de decisão moral.

As informações fornecidas nos resultados originais da ANOVA não indicam se as identidades dos participantes influenciaram os achados. No entanto, a teoria da identidade social sugere que as identidades sociais dos indivíduos, como sua raça, gênero, etnia ou nacionalidade, podem ter um impacto sobre como eles percebem os outros e tomam decisões (Tajfel & Turner, 1986).

Por exemplo, estudos têm mostrado que as pessoas tendem a ter vieses implícitos em relação a indivíduos que são semelhantes a elas em termos de identidade social, e podem perceber indivíduos de outros grupos como menos confiáveis ou competentes (Dovidio et al.,

2002; Nosek et al., 2007). Ademais, estudos descobriram que as pessoas podem ser mais propensas a ter empatia com indivíduos que compartilham sua identidade social e podem fazer diferentes julgamentos morais com base na identidade da pessoa envolvida (Bastian & Haslam, 2006; Ditto et al., 2006).

Assim, é possível que as identidades das participantes do estudo possam ter influenciado suas percepções sobre os rostos apresentados e sua tomada de decisão moral. No entanto, sem mais informações sobre os participantes e suas identidades, não é possível tirar conclusões definitivas sobre essa influência potencial. Mais pesquisas seriam necessárias para investigar essa possibilidade. Em termos de julgamento moral, podemos identificar esses resultados da ANOVA como fruto de uma possível flexibilização moral?

A flexibilização moral pode ser definida como um processo pelo qual as pessoas podem modificar ou abandonar suas normas e valores éticos em resposta a pressões ou circunstâncias específicas. Em termos de julgamento moral na situação descrita no exemplo, é possível que a exposição a diferentes faces tenha influenciado os julgamentos morais das participantes, levando a uma flexibilização moral.

Por exemplo, um estudo de Cikara e Van Bavel (2014) encontrou que a exposição a rostos de indivíduos de grupos diferentes pode levar a uma redução na atividade neural associada ao processamento moral. Isso sugere que a exposição a rostos de diferentes grupos pode levar as pessoas a serem menos sensíveis a questões morais.

Na ANOVA, tivemos um resultado específico em relação ao personagem com perfil europeizado e com atratividade física reduzida. Sua aprovação pareceu estar condicionada a ausência de atratividade física, o mesmo não ocorre com o personagem com grau de atratividade física aumentado, é como se as participantes dissessem “tão bonito e mesmo assim, tomou essa decisão equivocada”. Como se ele já possuísse “tudo para dar certo”, mas ainda toma decisões pouco valorativas, logo, do ponto de vista moral das participantes: “esse não merece perdão”.

Já as respostas da condição em que as participantes são expostas ao alvo com perfil africanizado, observa-se uma concordância com a tomada de decisão moral do alvo independentemente de como se apresenta se com a atratividade física reduzida ou aumentada, uma interpretação possível seria: como se as participantes dissessem: “esse já é desfavorecido por ser preto, logo vou amenizar no julgamento da sua tomada de decisão moral”.

Entretanto, é importante destacar o que vemos aqui em circunstâncias alguma deve ser traduzido simplesmente como uma maior identificação com esse alvo em específico, posto que os resultados para a tomada de decisão moral das próprias participantes se mostraram com médias muito inferiores a da outra condição (em que avaliavam a tomada de decisão moral do alvo) (ver figura 4). Aqui elas parecem sinalizar que: “eu até entendo a decisão dele, mas eu não faria igual” “por que eu não sou igual a essa pessoa”, “eu sou mais moral”. Aqui predomina uma lógica de julgamento moral em que o fator atratividade física só funciona quando a avaliação refere-se somente ao outro lado e ao que aparenta, não gera identificação suficiente com o personagem em questão.

Na flexibilidade moral, as pessoas são motivadas a fazer o que é certo, no entanto, um mesmo princípio moral pode levá-las a diferentes decisões morais (Bartels et al., 2014), pois entende-se que regras e princípios morais são ideias abstratas, que precisam ser operacionalizadas e aplicadas em situações específicas, logo eles estão suscetíveis a variações (Kristiansen & Hotte, 1996). É como se houvesse uma espécie de condescendência ao personagem branco e com baixa atratividade, tentando atribuir ao mesmo alguma nobreza a sua decisão moral, esse efeito também pode ser atribuído à flexibilização moral (Kristiansen & Hotte, 1996; Bartels, 2014).

De modo geral, esses estudos fornecem suporte para as descobertas da ANOVA e sugerem que características faciais, emoções, normas sociais e processos cognitivos podem influenciar nossa tomada de decisão moral.

Além disso, também é preciso considerar o tipo de dilema que contextualiza este cenário. O dilema moral sacrificial da Passarela é um dos tipos de dilemas morais que têm sido estudados na literatura sobre moralidade e tomada de decisão (Greene, 2008). Ele envolve uma situação hipotética em que um indivíduo deve decidir se sacrificar a vida de uma pessoa para salvar a vida de várias outras. Esse tipo de dilema moral é conhecido por colocar em questão os valores e princípios morais de cada indivíduo, muitas vezes levando a decisões difíceis e conflituosas (Greene, 2008).

No contexto do estudo em questão, o dilema moral da Passarela foi apresentado as participantes juntamente com imagens de rostos masculinos manipulados em termos de perfil étnico e grau de atratividade física. Através da análise dos resultados, foi possível encontrar um efeito significativo da apresentação das faces sobre as respostas das participantes à avaliação da tomada de decisão moral.

Ademais, outros fatores, como a atratividade física da face, podem ter influenciado o julgamento moral das participantes. Por exemplo, um estudo de Petersen et. al. (2013) encontrou que as pessoas tendem a ser mais propensas a perdoar crimes cometidos por indivíduos atraentes do que por indivíduos menos atraentes.

No caso do estudo, a exposição a um rosto de perfil étnico europeizado e grau de atratividade física diminuído pode ter causado uma mudança no processamento moral das participantes, levando-as a serem mais flexíveis em suas expectativas da tomada de decisão moral. Essa flexibilização pode ter ocorrido porque a face do homem com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física diminuída pode ter sido percebida como menos ameaçadora ou menos representativa de um "outro" em relação as participantes.

Em outras palavras, a exposição a uma face que é mais semelhante à sua própria pode ter levado como participantes a se sentirem mais conectadas ou identificadas com o alvo do

dilema moral, tornando-as mais propensas a adotar um comportamento tolerante e menos restrito por normas rígidas morais. Esses resultados sugerem que o processamento moral não é apenas influenciado por características individuais, mas também por fatores situacionais e contextuais, como a exposição a rostos específicos.

Os resultados da pesquisa, especificamente neste tipo de cenário de dilema moral, sugerem que a flexibilização moral pode ter sido influenciada pela combinação de duas características das faces dos alvos apresentadas: o perfil étnico e a atratividade física. Especificamente, os participantes que foram expostos a rostos de homens com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física diminuído apresentaram uma média mais elevada na avaliação moral do alvo do dilema da Passarela em comparação com os participantes expostos a rostos de homens com perfil étnico europeizado e o grau de atratividade física aumentado.

Uma explicação possível para esses resultados é que o perfil étnico da face pode ter ativado estereótipos e preconceitos sobre grupos étnicos específicos, levando as participantes a avaliarem as ações do alvo em termos de sua identidade étnica. Além disso, a teoria da atratividade física pode ter influenciado a percepção das participantes sobre a capacidade do alvo de cumprir o papel social de proteger a vida humana. Isso pode ter levado a uma flexibilização moral, em que os participantes foram mais tolerantes a justificar ações que violam normas morais e sociais em função dessas características físicas.

Portanto, é possível que a exposição a diferentes faces, combinada com a atratividade física das faces apresentadas, tenha levado os participantes a modificar seus julgamentos morais, resultando em uma flexibilização moral. No entanto, é importante ressaltar que outras interpretações podem ser possíveis e que mais estudos seriam necessários para confirmar essa hipótese. Logo, passaremos a apresentar os resultados para um outro dilema moral, envolvendo dessa sorte uma tomada de decisão que coloca um paciente em sacrifício para salvar a vida de cinco demais pacientes. A partir da nossa amostra, composta majoritariamente por mulheres

heterossexuais, como se comportaram os resultados em relação a um outro cenário de dilema sacrificial, desta feita de alto conflito e com a personagem sendo uma mulher? Os resultados podem ser visualizados no tópico subsequente.

Perfil Étnico e Atratividade Física Facial Manipulada (AFFM) no Cenário de Dilema Moral Pessoal de Alto Conflito - Dilema do Transplante

A ANOVA de medidas repetidas, realizada para aferir esta dimensão, não foi significativa. Os resultados demonstraram que não houve diferenças significativas entre o percentual de julgamento moral da imagem apresentada e o percentual de julgamento moral da própria respondente no cenário do dilema moral do transplante [$F(1)(321) = 1,955$; $p = .163$; $\eta^2 = 7.316 \times 10^{-4}$]. E de modo geral, podemos afirmar apenas que as médias caminharam na direção de um menor percentual nas respostas de si e do alvo, de modo que não foi possível confirmarmos nossa hipótese neste cenário de dilema moral pessoal de alto conflito (dilema do transplante).

Com base nos resultados apresentados, pode-se concluir que a ANOVA de medidas repetidas não apresentou diferenças significativas entre o percentual de julgamento moral da imagem apresentado e o percentual de julgamento moral do próprio respondente. Isso significa que no cenário de dilema moral apresentado não houve uma tendência significativa de um respondente julgar a si mesmo ou ao alvo de forma mais ou menos moral do que a imagem apresentada.

Poderíamos creditar a ausência de efeitos devido a condição experimental, ao tipo de dilema em questão? Conforme descrito pela literatura, ao tratar-se de dilema sacrificial, pessoal de alto conflito, o efeito de rejeição, conduta moral adotada pela personagem mostra-se de forma evidente na média de resposta muito abaixo do que se tinha a partir do primeiro estudo executado sobre Julgamento moral (Greene et. al., 2008).

Além disso, foi observado que as médias caminharam na direção de um menor percentual nas respostas de si e do alvo, o que sugere que os participantes tenderam a julgar a situação como menos moral do que a imagem apresentada. No entanto, como não houve uma diferença significativa entre as médias, não é possível confirmar esta hipótese.

Em resumo, pode-se afirmar que os resultados indicam que no cenário de dilema moral apresentado não houve uma tendência significativa de o respondente julgar a si mesmo ou ao alvo de forma mais ou menos moral do que a imagem apresentada. No entanto, as médias caminharam na direção de um menor percentual nas respostas de si e do alvo, sugerindo uma possível tendência de julgamento menos moral da situação como um todo.

Em relação à condição experimental, vários estudos têm apontado que o tamanho da amostra é um fator crítico para a identificação de diferenças em pesquisas com medidas repetidas. Por exemplo, um estudo de Bakdash e Marusich (2017) mostrou que a demonstração com menos de 30 participantes pode não ter poder estatístico suficiente para detectar diferenças em medidas repetidas. Além disso, outros fatores como a forma como a pesquisa é conduzida e o tipo de estímulo apresentado também podem afetar os resultados. Por exemplo, um estudo de Dawes et al. (2015) demonstrou que a forma como as instruções são criadas aos participantes pode afetar os resultados de medidas repetidas.

Em relação ao tipo de dilema em questão (do Transplante), os estudos prévios mostraram que diferentes tipos de dilemas podem gerar respostas e julgamentos morais distintos. Por exemplo, um estudo de Greene et al. (2008) experimentou que dilemas envolvendo conflitos entre valores pessoais e sociais (como em situações de dano a outra pessoa para salvar vidas) gerou diferentes respostas e julgamentos morais do que dilemas que conflitos envolvendo entre igualdade e tutela (como em situações de distribuição de recursos limitados). Além disso, estudos têm apontado que a complexidade e ambiguidade dos dilemas podem afetar a forma

como as pessoas processam a informação e tomam decisões morais (Haidt, 2001; Koenigs et al., 2007).

Assim, é importante considerar que a ausência de efeitos observados na ANOVA de medidas repetidas pode ser influenciada por uma série de fatores, incluindo a condição experimental e o tipo de dilema em questão. No entanto, acreditamos que é necessária a realização de estudos adicionais para entender melhor essas possíveis influências e identificar outras possíveis causas para a ausência de efeitos influenciadores na presente pesquisa.

A seguir, apresentamos as mesmas variáveis com a modificação do cenário de dilema moral, desta feita trata-se de dilema impessoal.

Perfil Étnico e Atratividade Física Facial Manipulada (AFFM) e Sexo no Cenário de Dilema Moral Impessoal - Dilema da Carteira Perdida

Executamos uma ANOVA de medidas repetidas para aferir o efeito das dimensões da atratividade física facial manipulada, o perfil étnico e o sexo da face na avaliação da tomada de decisão moral, que as participantes atribuíram para si e para o alvo, presentes no cenário do dilema moral da Carteira Perdida, e ela não foi significativa [$F(1, 317) = .041, p = .0839; \eta^2 = 2.132 \times 10^{-5}$]. Desta análise, não emergiu nenhum efeito significativo entre a atratividade física facial manipulada e o perfil étnico das faces apresentadas. Isso significa dizer que este resultado independe das manipulações experimentais.

Para discutir o resultado da ANOVA de medidas repetidas, é importante levar em consideração os estudos prévios que abordam a relação entre atratividade física facial, perfil étnico, sexo e tomada de decisão moral.

Em relação à atratividade física facial, os estudos têm apontado que indivíduos com características emocionais mais atraentes são avaliados positivamente em diversas situações,

incluindo a tomada de decisão moral (Halberstadt et al., 2011). No entanto, outros estudos sugerem que a relação entre atratividade física facial e tomada de decisão moral pode ser mais complexa e dependente de fatores contextuais (Zebrowitz et al., 2012). Por exemplo, um estudo de Jiang et al. (2020) mostrou que a atratividade física facial pode influenciar a tomada de decisão moral em situações de conflito entre benefício pessoal e interesse coletivo, mas não em situações de conflito entre igualdade e independência.

Em relação ao perfil étnico e sexo das faces, os estudos anteriores também apontam para a influência desses fatores na avaliação social e tomada de decisão moral. Por exemplo, um estudo de Navarrete et al. (2012) mostrou que a etnia da pessoa retratada em um cenário de dilema moral pode influenciar a forma como as pessoas avaliam a situação e tomam decisões morais. Além disso, estudos têm demonstrado que o sexo das pessoas retratadas em situações de dilema moral pode influenciar a forma como as pessoas avaliam a situação e tomam decisões morais (Wunderlich & Job, 2020).

Com base nesses estudos prévios, o resultado da ANOVA de medidas repetidas pode ser interpretado como indicativo de que a atratividade física facial, perfil e sexo das faces no cenário do dilema moral da Carteira Perdida não influenciaram significativamente a tomada de decisão moral dos participantes. No entanto, é importante ressaltar que outros fatores contextuais ou individuais podem influenciar a tomada de decisão moral e devem ser investigados em estudos futuros.

O dilema impessoal é caracterizado por situações em que a escolha moral não envolve diretamente a interação com outras pessoas (Greene, et. al., 2008). Por exemplo, o dilema do trem, onde os participantes devem decidir se devem acionar uma alavanca para mudar a direção de um trem e evitar que ele atropеле cinco pessoas, mas sabendo que essa mudança de direção irá fazer com que o trem atropеле uma pessoa que está em outra via.

Nesse tipo de dilema, o impacto das dimensões da atratividade física facial, perfil e sexo da face pode ser menos significativo na avaliação da tomada de decisão moral, uma vez que a escolha não envolve diretamente uma interação social. Portanto, é possível que o tipo de dilema moral impessoal possa ter influenciado os resultados da ANOVA de medidas repetidas mencionadas anteriormente, indicando que as dimensões da atratividade física facial, perfil étnico e sexo da face não tiveram um efeito significativo na avaliação da tomada de decisão moral.

O dilema impessoal geralmente envolve escolhas que não incluem diretamente a morte ou a vida de outras pessoas, mas sim uma decisão moral que pode afetar pessoas de forma mais indireta. Exemplos de dilemas impessoais incluem escolhas entre cumprir uma lei ou seguir um código moral pessoal, ou escolhas entre receber um benefício pessoal ou contribuir para o bem-estar da sociedade (Greene, 2014).

No contexto do estudo mencionado, o dilema da Carteira Perdida pode ser considerado um dilema impessoal, pois envolve uma decisão de devolução ou não uma carteira perdida, que pode afetar uma pessoa que perdeu, mas não envolver diretamente sua vida ou morte.

Assim, o impacto do dilema impessoal no resultado da avaliação da tomada de decisão moral em relação às dimensões da atratividade física facial, perfil e sexo da face pode ser que essas características não influenciem muito a decisão da participante, uma vez que o dilema não envolve diretamente a vida ou morte de outras pessoas.

No entanto, é importante lembrar que a avaliação da tomada de decisão moral é um processo complexo e influenciado por muitos fatores diferentes, e outros aspectos do dilema impessoal (como sua resistência para a vida pessoal do participante) podem influenciar a decisão. Portanto, é importante considerar o contexto específico do dilema impessoal e suas características ao interpretar os resultados da avaliação da tomada de decisão moral em relação às dimensões da atratividade física facial, perfil e sexo da face.

Existem muitos estudos que podem fornecer embasamento para as demandas sobre o impacto do tipo de dilema moral nos resultados da avaliação da tomada de decisão moral em relação às dimensões da atratividade física facial, perfil e sexo da face. Por exemplo, um estudo realizado por Petersen e Lüders (2015) examinou como as emoções e a moralidade influenciam a avaliação de dilemas morais envolvendo a escolha de salvar uma única pessoa em relação a várias outras. Os autores descobriram que a emoção e a moralidade influenciam a avaliação de dilemas morais envolvendo a escolha de salvar uma única pessoa em relação a várias outras. Os autores descobriram que a emoção desempenhou um papel importante na avaliação da tomada de decisão moral em diferentes tipos de dilemas, e que as características da vítima (como sua idade e sexo) afetaram a tomada de decisão de forma diferente em cada tipo de dilema.

Outro estudo realizado por Aharoni et. al. (2017) examinou como a atratividade física facial e outras características pessoais (como personalidade e habilidades sociais) experimentaram a tomada de decisão moral em relação a dilemas que envolvem a escolha entre salvar uma única pessoa em relação a várias outras. Os autores descobriram que a atratividade física facial afetou a tomada de decisão moral de forma diferente em diferentes tipos de dilemas, e que outras características pessoais também influenciaram a decisão.

Além disso, um estudo realizado por Haidt et.al. (2014) examinou como diferentes tipos de dilemas morais influenciam a tomada de decisão moral em relação a questões de cuidado, justiça e liberdade. Os autores descobriram que a avaliação da tomada de decisão moral varia de acordo com o tipo de dilema e a questão moral em foco, sugerindo assim, que diferentes tipos de dilemas morais podem influenciar a tomada de decisão moral de maneira diferente.

Esses são apenas alguns exemplos de estudos que podem fornecer embasamento para as afirmações sobre o impacto do tipo de dilema moral nos resultados da avaliação da tomada de decisão moral em relação às dimensões da atratividade física facial, perfil étnico e sexo da face. E demonstram a importância de realizar mais pesquisas em diferentes contextos e com

diferentes tipos de dilemas para entender completamente como esses influenciam a tomada de decisão moral.

Existem vários estudos que podem embasar as questões sobre o impacto do tipo específico de dilema moral na avaliação da tomada de decisão moral em relação às dimensões da atratividade física facial, perfil étnico e sexo da face. Algumas referências relevantes incluem: (Cikara, Farnsworth, Harris & Fiske, 2010; Greene, Sommerville, Nystrom, Darley & Cohen, 2001; Kahane, Everett, Earp, Farias & Savulescu, 2015; Koenigs, Young, Adolphs, Tranel, Cushman, Hauser & Damasio, 2007; Paxton, Ungar & Greene, 2012).

Esses estudos têm em comum o objetivo de investigar como diferentes aspectos do dilema moral (por exemplo, a infecção pessoal, a presença de vítimas específicas, a complexidade da questão moral, entre outros) podem afetar a avaliação da tomada de decisão moral em relação a características marcantes, incluindo atratividade física, perfil e sexo da face. Essas pesquisas utilizam uma variedade de métodos, incluindo neuroimagens, comportamentos e tarefas comportamentais, para avaliar a relação entre esses fatores e a avaliação moral.

Discussão dos Resultados da Hipótese (H1)

Passamos agora a apresentar as discussões referentes aos resultados relativos ao julgamento moral do alvo, presente no cenário de dilema moral pessoal de baixo conflito, alto conflito e no cenário cujo dilema era impessoal. De acordo com as previsões iniciais, faces com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física aumentado teriam maior positividade na avaliação da tomada de decisão moral do que faces com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física reduzido, assim como faces com perfil étnico africanizado e grau de atratividade física aumentado teriam maior concordância das participantes na avaliação da tomada de decisão moral do que faces com perfil étnico africanizado e grau de atratividade física reduzido.

Com base nos resultados apresentados, podemos inferir que a atratividade física facial manipulada, o perfil étnico e o sexo da face não tiveram um efeito significativo na avaliação da tomada de decisão moral no cenário dos dilemas da Carteira Perdida e do Transplante. Isso sugere que, nesses contextos, outros fatores podem estar desempenhando um papel mais importante na tomada de decisão moral.

Por outro lado, no cenário do dilema da passarela, a apresentação das faces teve um efeito significativo na avaliação da tomada de decisão moral, com diferenças entre o percentual de julgamento moral da imagem e o percentual de julgamento moral do próprio respondente. Além disso, foi encontrado um efeito principal da interação entre o perfil étnico da face e o grau de atratividade física manipulado.

Esses resultados podem ser discutidos com base em estudos anteriores que viram a importância da aparência física no processo de tomada de decisão moral, bem como a influência de fatores culturais e sociais, como a etnia e a atratividade física, nessas decisões. No entanto, é importante notar que os resultados são específicos para os contextos dos dilemas morais apresentados e podem não se generalizar para outras situações.

Considerando os achados apresentados, é possível discutir que a apresentação da face pode ter um impacto significativo na avaliação da tomada de decisão moral em certos tipos de dilemas morais, como no caso do dilema da passarela, mas não em outros, como no caso do dilema do transplante e do dilema da carteira perdida. Ademais, a interação entre o perfil étnico da face e o grau de atratividade física manipulado também pode influenciar a avaliação da tomada de decisão moral em determinados contextos, como no caso da face de homem com perfil europeizado e grau de atratividade física diminuído no dilema da passarela.

Para embasar essas provas, é possível acompanhar os estudos anteriores que investigaram o efeito da apresentação de faces em diferentes tipos de dilemas morais, como o estudo de

Greene et al. (2001), que encontrou um aumento na atividade neural associada a emoções morais em resposta a dilemas pessoais em comparação com dilemas impessoais. Também é possível citar estudos que investigaram o efeito da atratividade física na avaliação moral, como o estudo de Malle et al. (2014), que descobriu que indivíduos mais atraentes são percebidos como menos tolerantes a cometer transgressões morais em comparação com indivíduos menos atraentes.

Para além disso, é preciso ressaltar que esses dilemas demonstram condições similares da lógica utilitarista em que se renuncia a uma vida para o benefício de várias outras, mais comumente como dilemas sacrificiais (Kahane, 2015; Kahane, et. al, 2015), o que nem sempre refletem uma maior concordância com a tomada de decisão moral da parte de seus respondentes, já que há estudos que demonstram que uma maior concordância com a tomada de decisão moral a este tipo de dilema (sacrificial) podem ser indicativos de traços de personalidade antissocial e não refletem uma intenção de alcançar o “bem comum”, da parte de quem responde (Kahane, et. al, 2015).

Além disso, outros estudos já investigaram a interação entre o perfil étnico e a atratividade física na percepção social, como o estudo de Zebrowitz et al. (2013), que encontrou que indivíduos com traços expressivos europeizados são percebidos como mais atraentes e mais competentes do que indivíduos com traços afro-americanos marcantes, independentemente do grau de atratividade física. No entanto, é importante ressaltar que os resultados obtidos em cada estudo podem ser específicos do contexto experimental utilizado e, portanto, é necessário sermos cautelosos na generalização dos resultados para outros contextos.

Os resultados apresentados sugerem que a apresentação de faces pode afetar a tomada de decisão moral em diferentes cenários de dilema moral, mas não em todos. No caso do dilema da passarela, a apresentação das faces teve um efeito significativo nas respostas dos participantes, indicando que a aparência da face pode influenciar na avaliação moral da situação. Além

disso, houve interação entre o perfil étnico e a atratividade física manipulada das faces, indicando que essas características combinadas podem ter um impacto específico na tomada de decisão moral.

Por outro lado, no cenário do dilema moral do transplante, não houve diferenças significativas entre o percentual de julgamento moral da imagem apresentado e o percentual de julgamento moral do próprio respondente. Isso sugere que, neste caso, a aparência da face não teve um impacto significativo na avaliação moral da situação.

Já no caso do dilema moral da Carteira Perdida, a manipulação da atratividade física, perfil étnico e sexo da face, não teve um efeito significativo na avaliação da tomada de decisão moral pelos participantes. Isso sugere que, neste caso, a aparência da face não influencia a avaliação moral da situação.

Estudos anteriores que também investigaram a influência da aparência da face na tomada de decisão moral em diferentes cenários de dilema moral, por exemplo (Greene, Nystrom, Engell, Darley & Cohen, 2004), ao descrever as bases neurais do conflito cognitivo e controle no julgamento moral. Oosterhof e Todorov (2008), ao abordarem a base funcional da avaliação da face. Zebrowitz, Bronstad, & Lee, 2007, ao abordarem a contribuição da familiaridade facial para o favoritismo e estereótipos do grupo.

A partir dos resultados apresentados, podemos afirmar que, no cenário do dilema moral da passarela, uma apresentação de diferentes faces teve um efeito significativo nas respostas de avaliação da tomada de decisão moral. Especificamente, houve diferença entre o percentual de julgamento moral da imagem apresentado e o percentual de julgamento moral do próprio respondente. Além disso, houve um efeito principal da interação entre o perfil étnico da face e o grau de atratividade física manipulado, com uma média mais elevada na condição em que os participantes avaliaram a tomada de decisão moral do alvo e foram expostos a face de homem de perfil europeizado e grau de atratividade física diminuído, em comparação com

faces de homem de perfil étnico europeizado e grau de atratividade física aumentado (ver figura 4).

No entanto, no cenário do dilema moral do transplante, não houve diferenças significativas entre o percentual de julgamento moral da imagem apresentado e o percentual de julgamento moral do próprio respondente. De modo geral, as médias caminharam na direção de um menor percentual nas respostas de si e do alvo, o que não confirmou a hipótese levantada neste cenário de dilema moral pessoal de alto conflito.

Já no cenário do dilema moral da Carteira Perdida, não emergiu nenhum efeito significativo entre a atratividade física facial manipulada e o perfil étnico das faces apresentadas. Isso significa que este resultado é independente das manipulações experimentais.

Portanto, com base nos resultados apresentados, é possível afirmar que a atratividade física facial e o perfil étnico podem ter um efeito na avaliação da tomada de decisão moral em determinados contextos, mas não em outros. Ainda assim, é importante lembrar que cada estudo tem suas particularidades e limitações, e é necessário avaliar os resultados com cautela e considerar os achados de outros estudos na área.

Nesse sentido, uma observação precisa ser feita em relação aos escores previamente avaliados nos dilemas que foram selecionados para este estudo. Identificamos uma concordância muito inferior ao que esteve presente no estudo desenvolvido por Greene et. al., (2008). A exemplo, o dilema do transplante o percentual de concordância com a tomada de decisão moral previamente identificado foi de 21% e em nosso estudo obtivemos um percentual de concordância abaixo desse valor (10%). Isso é algo que poderíamos atribuir a um efeito do contexto cultural, especificamente o brasileiro, mas caberia aqui uma investigação mais acurada a fim de mensurar o impacto desse fator.

Com base nos resultados do teste da referida hipótese, pode-se concluir que houve um efeito significativo da apresentação das faces na avaliação da tomada de decisão moral no cenário do dilema da passarela, mas não houve efeito significativo no dilema moral do transplante ou no dilema da carteira perdida. Além disso, registrou-se uma interação significativa entre o perfil étnico da face e o grau de atratividade física manipulado no cenário da passarela. As médias apontam para um julgamento moral mais elevado quando os participantes avaliavam a tomada de decisão moral do alvo expostos a uma face de homem de perfil étnico europeizado e grau de atratividade física diminuída, em comparação com as faces de homem de perfil étnico europeizado e grau de atratividade física aumentou.

Para embasar esses achados, estudos que investigam a influência da aparência física no julgamento moral podem ser citados. Por exemplo, um estudo de Olivola e Todorov (2010) mostrou que a aparência física influencia o julgamento moral, e os indivíduos fisicamente atraentes são mais tolerantes a serem vistos como moralmente bons. Outro estudo de Wilson et al. (2018) identificou que indivíduos considerados atraentes fisicamente são menos tolerantes a serem condenados por crimes violentos do que aqueles considerados menos atraentes.

No cenário de dilema moral de baixo conflito, a tomada de decisão moral do personagem branco e com baixa atividade física parece ser vista como mais assertiva. Esse resultado pode ser sustentado a partir dos dados apresentados no estudo realizado com um recorte similar por Sigal & Ostrove, (1975), no qual agregou-se o a AFF e o sexo como variáveis de controle, os autores chegaram à conclusão de que as respostas dos participantes sofriam uma interferência do tipo do crime cometido, a depender do tipo, as respostas direcionadas para o modelo menos atrativo ganhavam mais expressividade do que aquelas direcionadas ao modelo mais atrativo, ou seja, quanto menos atrativo, maior a concordância com a tomada de decisão moral era percebida no infrator.

Além disso, estudos que examinaram a influência do perfil étnico na avaliação moral também podem ser relevantes para embasar nossos achados. Por exemplo, um estudo de Ho et al. (2015) mostrou que as pessoas tendem a avaliar as ações de membros de grupos étnicos diferentes do seu próprio grupo de maneira mais negativa do que as ações de membros de seu próprio grupo étnico. Outro estudo de Viki et al. (2003) mostrou que a raça da vítima e do agressor influencia o julgamento moral de indivíduos em casos de estupro.

Em resumo, esses achados sugerem que a aparência física e o perfil étnico podem influenciar o julgamento moral, e os resultados específicos dependem do contexto e do tipo de dilema moral apresentado. Nesse sentido, a segunda hipótese visa testar se fatores como o sexo e a pertença racial autodeclarada pelas participantes influenciaram nos resultados para a avaliação de tomada de decisão moral dos personagens. Esses resultados são descritos e discutidos no tópico a seguir.

5.3.2 Resultados do teste da hipótese (H2)

Esta seção inicialmente apresenta os dados obtidos durante o teste da hipótese de que as participantes tenderão a atribuir maior positividade à conduta moral das faces que apresentarem o mesmo sexo e perfil étnico que o seu, para, em seguida, realizar a discussão desses resultados.

Sexo e cor autodeclarada no cenário de dilema moral pessoal de baixo conflito - dilema da passarela

Uma ANOVA foi executada para aferir se os fatores sexo (homem x mulher) e cor da pele autodeclarada da participante (preta x parda x branca) impactariam no julgamento da conduta moral dos alvos presentes no cenário do dilema moral da *Passarela*, e ela não foi significativa [$F(1, 308) = ,881$ $p < .415$; $\eta^2 = 0,006$]. Os resultados dessa ANOVA indicam

que não houve diferença significativa no julgamento da conduta moral dos alvos presentes no cenário do dilema moral da Passarela em relação ao sexo dos participantes e à cor da pele autodeclarada. Em outras palavras, homens e mulheres e participantes de diferentes núcleos de pele tiveram um comportamento semelhante em relação às suas estimativas morais dos alvos.

Isso pode sugerir que o julgamento moral não é influenciado pelo sexo ou pela cor da pele autodeclarada dos participantes. No entanto, é importante lembrar que esses resultados são específicos para o cenário do dilema moral da Passarela e não necessariamente se aplicam a outras situações ou contextos. Além disso, outros fatores que não foram considerados nesta análise, como a idade ou a orientação política dos participantes, por exemplo, podem ter influenciado as estimativas morais dos alvos.

A análise realizada procurou investigar se o sexo e a cor da pele autodeclarada da participante conseguiram algum efeito sobre o julgamento da conduta moral dos alvos presentes no cenário do dilema moral da Passarela. Os resultados obtidos não indicaram que houve diferenças significativas entre homens e mulheres ou entre as diferentes categorias de cor de pele autodeclaradas na avaliação da conduta moral dos alvos. Isso sugere que esses fatores não influenciaram a tomada de decisão moral dos participantes nesse cenário específico.

No entanto, é importante ressaltar que outros estudos têm demonstrado que o sexo e a cor da pele podem influenciar a tomada de decisão moral em outros contextos. Por exemplo, estudos têm mostrado que as mulheres tendem a ser mais sensíveis a questões de justiça e igualdade, enquanto os homens tendem a se preocupar mais com questões de lealdade e autoridade. Além disso, a cor da pele pode influenciar a percepção de culpabilidade em processos judiciais, levando a decisões mais diversas para pessoas de cor. Existem muitos estudos que examinam o impacto do sexo e da raça na tomada de decisões morais. Aqui estão alguns exemplos: (Kilianski & Rudman, 1998; Kleider-Offutt, & Hoffarth, 2019; Kugler, Cooper & Nosek, 2016; Reynolds & Ceranic, 2007; Sidanius, Levin, Liu, & Pratto, 2000). Esses estudos abordam

temas relacionados ao impacto do sexo e da raça na tomada de decisões morais, incluindo julgamentos de conduta moral e justiça, preconceito e estereótipos, valores pessoais e posicionamentos políticos.

Estudos envolvendo o dilema moral da Passarela ressaltam que os fatores de sexo e etnia tem demonstrado seus impactos para com a forma como os participantes respondem a tomada de decisão moral.

Por exemplo, um estudo realizado por Thomson e Gunia (2015) investigou como a identidade de gênero dos participantes influenciou suas respostas ao dilema moral da Passarela. Os resultados do estudo indicaram que as mulheres eram mais propensas a optar por não mover o homem para a passarela, enquanto os homens eram mais tolerantes a fazê-lo. Esses resultados sugerem que a identidade de gênero pode influenciar a tomada de decisão moral em situações como o dilema da Passarela.

Outro estudo realizado por Sabin et al. (2015) investigou como a identidade étnica dos participantes influenciou suas respostas ao dilema moral da Passarela. Os resultados do estudo apreciaram que os participantes brancos eram mais tolerantes a afastar o homem para a passarela em comparação com os participantes negros e latinos. Além disso, os participantes brancos eram mais tolerantes a justificar suas ações com base em argumentos utilitários, enquanto os participantes negros e latinos eram mais tolerantes a justificar suas ações com base em argumentos deontológicos.

Dessa forma, embora os resultados dessa análise específica não tenham encontrado diferenças culturais, é importante considerar que fatores como sexo e cor da pele podem ter influência em outros cenários de dilemas morais e devem ser levados em conta na análise da tomada de decisão moral. Nesse sentido, seguimos com a análise desses mesmos fatores em

interação no cenário de dilema moral pessoal de alto conflito e checamos se haveriam diferenças significativas entre homens e mulheres de diferentes pertenças raciais. Os resultados podem ser acompanhados no próximo tópico.

Sexo e cor autodeclarada dos participantes no cenário de dilema moral pessoal de alto conflito - dilema do transplante

Uma ANOVA foi executada para aferir se os fatores sexo (homem x mulher) e cor da pele autodeclarada da participante (preta x parda x branca) impactariam no julgamento da conduta moral dos alvos presentes no cenário do dilema moral do *Transplante*, e ela foi significativa [F (1), (308) = 3,007 p < .051; $\eta^2 = 0,019$]. Houve diferenças significativas entre homens e mulheres de diferentes pertenças raciais sobre o percentual da avaliação da tomada de decisão moral das personagens. Observando-se uma média mais elevada na condição em que as participantes mulheres autodeclaradas brancas avaliavam a tomada de decisão moral do alvo (M=2.563; DP= 2.863) comparativamente aos participantes homens autodeclarados brancos (M= 1.563; DP= 2.047). Porém esses mesmos resultados não foram identificados no teste *pos-hoc de Turkey*, (ver figura 5).

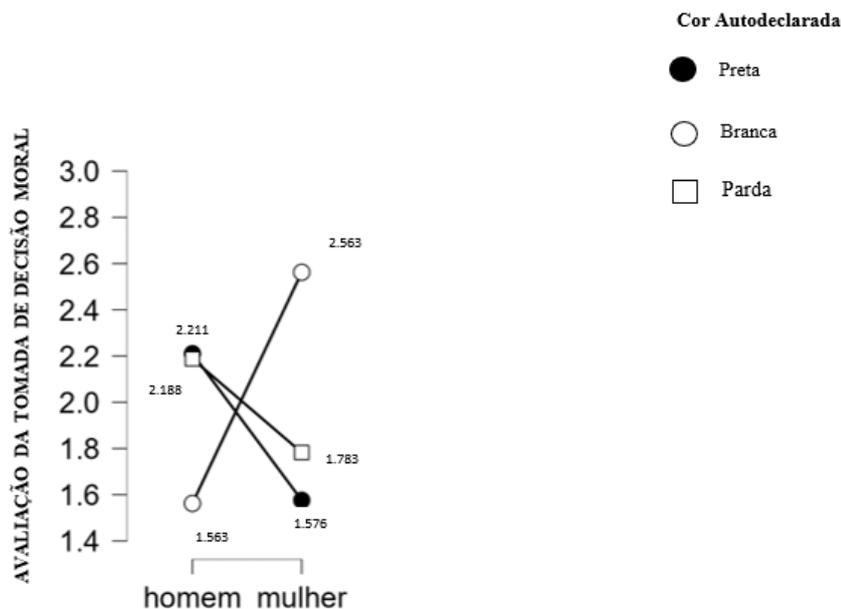


Figura 5. Gráfico contendo médias das avaliações da conduta moral feitas pelos participantes homens e mulheres, autodeclaradas brancas, pretas e pardas aos personagens presentes no cenário de dilema pessoal de baixo conflito (Dilema da Passarela).

Os resultados indicam que houve diferenças no julgamento moral entre homens e mulheres de diferentes pertencças raciais no cenário do dilema moral do Transplante. No entanto, é importante notar que a diferença não foi significativa no teste de *Turkey*, o que sugere que essa diferença pode ter sido devida ao acaso.

A literatura sobre julgamento moral, atratividade física facial e estereótipos raciais tem sugerido que indivíduos que são considerados mais atraentes tendem a receber melhores julgamentos e serem mais bem avaliados em comparação com aqueles que são menos atraentes. Além disso, estudos sugeriram que estereótipos raciais podem influenciar o julgamento moral de indivíduos (Cunningham, 1986; Bussab & Otta, 2002; Perrette, May & Yoshikawa, 1994).

No entanto, é importante destacar que a questão da cor da pele autodeclarada é complexa e não pode ser reduzida apenas a questões de atratividade física ou estereótipos raciais. A cor da pele está intimamente ligada às diferenças e desigualdades sociais que podem afetar

o julgamento moral de indivíduos. Além disso, a interseccionalidade de diferentes identidades, como raça e gênero, pode ter um impacto ainda maior no julgamento moral.

Portanto, é necessário examinar cuidadosamente e profundamente entre esses fatores e os efeitos que eles têm no julgamento moral. É possível que os resultados encontrados neste estudo sejam explicados por outros fatores que não foram incluídos na análise, como o nível socioeconômico dos participantes ou outras variáveis demográficas, posicionamento político e religioso.

O resultado dessa ANOVA indica que houve uma tendência significativa de que a cor da pele autodeclarada e o sexo do participante afetaram o julgamento da conduta moral dos alvos no cenário do dilema moral do Transplante. Em particular, os resultados sugerem que as mulheres autodeclaradas brancas tendem a fazer estimativas mais positivas da tomada de decisão moral do alvo do que os homens autodeclarados brancos.

Esses resultados estão de acordo com alguns estudos anteriores que mostram que as mulheres tendem a ser mais empáticas e sensíveis a questões morais do que os homens (Baumgartner & Schiller, 2014; Eisenberg & Lennon, 1983). Além disso, outros estudos indicam que as pessoas tendem a julgar os indivíduos mais atraentes como sendo mais morais e virtuosos (Dion, Berscheid & Walster, 1972), e que estereótipos raciais podem afetar o julgamento moral, com pessoas de pele mais clara sendo avaliadas de forma mais positiva (Eberhardt et al., 2006).

No entanto, é importante notar que a diferença encontrada não foi significativa no teste *post-hoc* de *Turkey*. Isso sugere que a tendência observada na ANOVA pode não ser tão forte quanto parece e que mais estudos são necessários para confirmar esses resultados. Além disso, é importante lembrar que as diferenças individuais na personalidade, na cultura e na experiência de vida também podem afetar o julgamento moral.

Assim, fomos examinar o que a literatura tem demonstrado em termos de reações diversas a esse tipo de dilema moral, especificamente ao dilema do Transplante. E percebemos que os resultados da ANOVA encontram-se em consonância com os estudos anteriores que apontam que fatores como raça e o gênero podem influenciar os julgamentos morais em diferentes contextos.

Por exemplo, O'Brien et al. (2010) conduziram um estudo em que os participantes foram apresentados a um cenário de dilema moral envolvendo um paciente que precisava de um transplante de coração. Os resultados demonstraram que os participantes tendiam a fazer julgamentos morais mais negativos em relação a pacientes negros ou pardos em comparação com pacientes brancos. Esse estudo sugere que a raça pode desempenhar um papel importante na forma como as pessoas fazem julgamentos morais em situações de dilemas morais relacionados à saúde.

Outro estudo relevante é o de Strohminger et al. (2017), que investigou como as pessoas fazem julgamentos morais em relação a pacientes idosos e jovens em um cenário de dilema moral semelhante ao do Transplante. Os resultados apreciaram que os participantes tendiam a fazer julgamentos morais mais positivos em relação aos pacientes jovens, em comparação com os pacientes idosos. Esse estudo destaca como a idade pode influenciar a forma como as pessoas fazem julgamentos morais em situações de dilemas morais relacionados à saúde.

Quanto ao dilema moral do Transplante, nota-se que é uma situação amplamente discutida na literatura sobre julgamento moral. Pesquisas anteriores sugerem que as pessoas tendem a fazer julgamentos morais diferentes com base em fatores como a idade, o sexo, a raça, a ocupação e outras categorias sociais dos respondentes destes tipos de pesquisa. Por exemplo, um estudo que demonstrou que as pessoas tendem a fazer julgamentos morais mais negativos em relação a pacientes negros ou pardos, em comparação com pacientes brancos (O'Brien et.al., 2010).

Os resultados desta pesquisa sugerem que há uma influência da identidade de gênero e cor da pele autodeclarada dos participantes no julgamento moral no cenário dilemático do Transplante (ver figura 5). Estudos anteriores também encontraram efeitos semelhantes. Por exemplo, pesquisas sobre estereótipos raciais indicaram que pessoas brancas tendem a fazer estimativas mais negativas de indivíduos de grupos étnicos minoritários em relação a indivíduos brancos (Kang & Gray, 2014; Plant & Peruche, 2005). Além disso, estudos têm mostrado que indivíduos brancos tendem a perceber rostos de indivíduos negros como mais ameaçadores e perigosos do que rostos de indivíduos brancos, mesmo que sejam apresentadas imagens neutras (Eberhardt, Goff, Purdie, & Davies, 2004).

Em relação à identidade de gênero, estudos sugerem que as mulheres têm uma maior sensibilidade para perceberem as emoções dos outros, o que pode levar a julgamentos mais benevolentes (Niemic et al., 2010; Koenig & Eagly, 2014). Já os homens tendem a ser mais propensos a adotar uma perspectiva utilitarista em suas avaliações morais, baseando suas decisões em considerações objetivas de custo-benefício (Gowda, Roberto, & Mohr, 1997).

Ademais, estudos sobre atratividade física facial têm mostrado que as pessoas tendem a fazer avaliações mais favoráveis de indivíduos considerados mais atraentes (Langlois et al., 2000). No entanto, os efeitos da atratividade facial na avaliação moral são menos claros e podem depender do contexto e da cultura (Gray & Wegner, 2008).

Dessa forma, é possível inferir que os resultados da presente pesquisa podem ser explicados por uma combinação desses fatores, incluindo os estereótipos raciais, a sensibilidade emocional e perspectivas utilitaristas. Não obstante, é importante ressaltar que essas conclusões são apenas provisórias e dependem do contexto dilemático em que estavam inseridas as nossas participantes (no nosso caso, o dilema do Transplante), assim, estudos futuros são necessários para confirmar essas hipóteses. Nesse interim, seguimos as análises em um outro cenário, desta feita de dilema impessoal.

Sexo e cor autodeclarada dos participantes no cenário de dilema moral impessoal - dilema da carteira perdida

A ANOVA executada para aferir se a avaliação da tomada de decisão moral atribuída ao alvo sofreu influências da cor da pele autodeclarada (se branca x parda x preta) e do sexo da/o participante (homem x mulher) no cenário de dilema moral da Carteira Perdida e ela não foi significativa. Desta análise resultou em um *efeito marginal* em função da interação entre o sexo e a cor da pele autodeclarada pelas participantes [$F_{(1), (308)} = 2,634$; $p = ,073$; $\eta^2 = 0,017$], observando-se uma tendência a média mais elevada dentre o grupo de participantes homens autodeclarados pretos ($M=3.550$) ($p=.88$) comparativamente ao grupo de participantes mulheres autodeclaradas pardas ($M=1.880$). As restantes comparações não produziram diferenças significativas. Para compreender melhor estes resultados, que realizamos o teste *pós-hoc* e novamente apareceu a tendência da interação entre cor da pele e sexo da participante. Estes resultados são apresentados no gráfico presente na Figura 6.

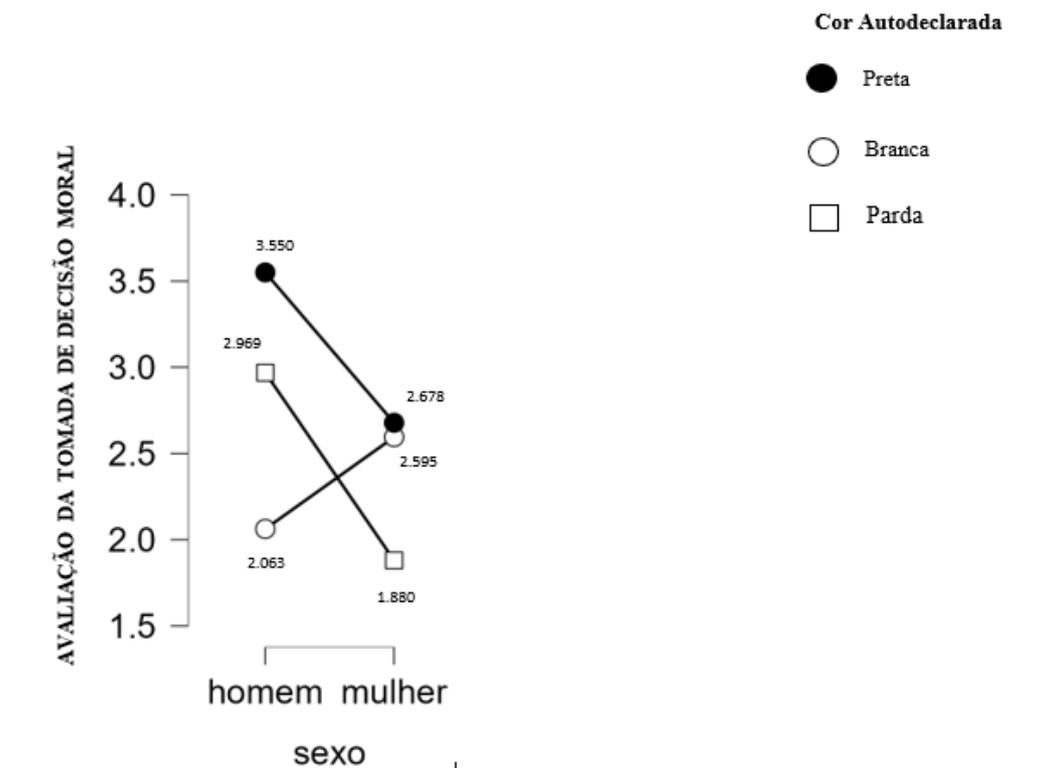


Figura 6. Gráfico contendo médias das avaliações da conduta moral feitas pelas participantes homens e mulheres, autodeclaradas brancas, pretas e pardas aos personagens presentes no cenário de dilema impessoal (dilema da Carteira Perdida).

Este resultado parece estar em desacordo com alguns estudos anteriores que encontraram correlações investigativas entre a cor da pele e o julgamento moral. Por exemplo, um estudo de 2014 realizado por Olivola, Funk e Todorov descobriu que os rostos dos indivíduos negros eram mais frequentemente associados a características imorais e que isso afetava a forma como eram tratados em situações cotidianas. Da mesma forma, um estudo de 2015 de Sacco et al. descobriu que as pessoas tendem a julgar indivíduos negros mais duramente do que indivíduos brancos em situações de julgamento moral.

Contudo, outros estudos têm produzido resultados semelhantes ao da presente análise, com reflexos marginais ou não significativos entre a cor da pele e o julgamento moral. Por exemplo, um estudo de Krosch e Amodio (2016) descobriu que a percepção da moralidade de

indivíduos negros era sentida pela intensidade da expressão facial, mas não pela cor da pele em si. Da mesma forma, um estudo de Slepian et.al. (2018) descobriram que a aparência física de um indivíduo (incluindo raça e atratividade facial) não afetou a percepção de sua moralidade, mas sim suas ações.

No entanto, é importante notar que esses estudos exploram aspectos diferentes da relação entre julgamento moral, atratividade física facial e estereótipos raciais, e muitos deles são realizados em diferentes contextos e com diferentes metodologias. Portanto, é possível que essas discrepâncias possam ser explicadas por diferenças metodológicas e contextuais, ou até mesmo do referido dilema (impessoal).

O estudo em questão apresentou um resultado marginalmente significativo em relação à interação entre cor da pele autodeclarada e sexo do participante na avaliação da tomada de decisão moral do alvo. Especificamente, os participantes homens autodeclarados pretos apresentaram uma tendência a uma média mais elevada na avaliação da tomada de decisão moral do que os participantes mulheres autodeclaradas pardas.

Este resultado é interessante porque reforça achados anteriores que apreciam que a cor da pele e o sexo podem influenciar o julgamento moral. Alguns estudos sugerem que as pessoas tendem a avaliar indivíduos de cor de pele mais claras como mais moralmente virtuosos do que indivíduos de cor de pele mais escura, um fenômeno conhecido como viés de cor de pele (Bastian & Haslam, 2006; Blair, Judd & Chapleau, 2004; Maddox & Gray, 2002). Além disso, a literatura também indica que a atratividade física facial pode influenciar o julgamento moral. Indivíduos mais atraentes fisicamente podem ser avaliados como mais virtuosos e dignos de confiança do que indivíduos menos atraentes.

Em relação aos estereótipos raciais, há evidências de que eles também podem influenciar o julgamento moral. Por exemplo, estereótipos negativos sobre as pessoas negras podem levar a estimativas mais negativas de suas ações e intenções. Da mesma forma, estereótipos

positivos sobre as pessoas brancas podem levar a estimativas mais positivas de suas ações e intenções.

No que compete ao efeito do tipo de dilema moral nas respostas das participantes, podemos afirmar com base na literatura de modo geral, algumas diferenças acabam sendo identificadas em relação aos fatores de sexo e etnia e ou raça declarada pelos participantes.

Por exemplo, em um estudo de Palacios et al. (2016) investigaram a influência do gênero e da etnia na disposição dos participantes em devolver uma carteira perdida com dinheiro. Os resultados apontam que os participantes do sexo feminino tinham maior probabilidade de devolver a carteira do que os participantes do sexo masculino. Além disso, os participantes brancos eram mais tolerantes a devolver a carteira do que os participantes negros e hispânicos.

Um estudo mais recente, elaborado por Mak et al. (2019), examinou como a etnia e o gênero do dono da carteira perdida influenciou a disposição dos participantes em devolvê-la. Os resultados demonstram que os participantes tinham maior probabilidade de devolver a carteira quando o dono era um membro do mesmo grupo étnico. Além disso, os participantes do sexo masculino eram mais inclinados a devolver a carteira do que os participantes do sexo feminino.

Em um estudo de Liu et al. (2021), investigaram como a etnia e o gênero do entrevistado afetavam sua disposição em devolver a carteira perdida com dinheiro. Os resultados indicaram que os participantes brancos tinham maior probabilidade de retornar à carteira do que os participantes negros ou hispânicos. Além disso, os participantes do sexo masculino eram mais tolerantes a devolver a carteira do que os participantes do sexo feminino.

Esses estudos trazem claramente um viés de classe e raça presentes nestas tomadas de decisão moral, o que não necessariamente significa dizer que alguns membros de grupos con-

siderados minoritários são mais desonestos ou tendem a uma fragilidade moral. É preciso considerar o contexto socioeconômico como uma variável de atravessamentos até mesmo na flexibilização moral.

Considerando que tal tipo de dilema (impessoal) infringe um dano de modo indireto, ao contrário dos demais dilemas morais apresentados aqui, é importante notar que os resultados deste estudo foram marginalmente influenciados e que os efeitos não foram consistentes em todas as comparações realizadas. Mais pesquisas são necessárias para entender melhor como a cor da pele, o sexo e a atratividade física facial podem influenciar o julgamento moral e como esses fatores podem interagir entre si para produzir tal efeito.

Discussão dos resultados da hipótese (H2)

Os resultados encontrados nos três cenários de dilemas morais (Passarela, Transplante e carteira perdida) sugerem que a influência dos estereótipos raciais na avaliação da conduta moral pode variar dependendo do contexto em que se encontram. No cenário da Passarela, não houve diferença significativa na avaliação da conduta moral dos personagens em relação à cor da pele e sexo dos participantes. Isso indica que o estereótipo racial pode não ter tido influência no julgamento moral dos participantes nesse contexto.

Já no cenário do Transplante, houve diferenças significativas na avaliação da conduta moral dos personagens em relação à cor da pele e sexo dos participantes. As participantes mulheres autodeclaradas brancas avaliaram mais positivamente a tomada de decisão moral do alvo do que os participantes homens autodeclarados brancos. Isso pode ser explicado pelo estereótipo racial que associa a "brancura" com características positivas, como a inteligência e a competência moral. As mulheres brancas, por sua vez, podem ter sido influenciadas pelo estereótipo da "mulher moralmente superior" em relação aos homens.

No entanto, no cenário da carteira perdida, não houve diferença significativa na avaliação da conduta moral dos personagens em relação à cor da pele e sexo dos participantes. Isso sugere que a influência dos estereótipos raciais na avaliação da conduta moral pode ser mais complexa e depender do contexto específico.

Em relação à atratividade física facial, não foi avaliada diretamente nos cenários de dilemas morais. No entanto, estudos anteriores mostram que a atratividade física facial pode influenciar a percepção moral das pessoas, especialmente quando se trata de decisões relacionadas à justiça e ao castigo. Portanto, é possível que a atratividade física possa ter influenciado de alguma forma os resultados encontrados nos cenários de dilemas morais.

Em geral, esses resultados indicam que as relações entre estereótipos raciais, atratividade física facial e julgamento moral são complexas e podem variar dependendo do contexto em que se encontram. É importante continuar explorando essas relações para entender melhor como elas podem afetar a tomada de decisão moral e a justiça social.

Os resultados desses três cenários de dilemas morais estão relacionados com a literatura vigente sobre estereótipos raciais e atratividade físico facial. No cenário da Passarela, não houve diferenças no julgamento da conduta moral do alvo em função da cor da pele autodeclarada e do sexo do participante. Isso indica que, no geral, as características demográficas não influenciaram a avaliação moral dos participantes sobre o alvo.

Todavia, no cenário do Transplante, houve uma diferença significativa no julgamento da conduta moral do alvo em função do sexo e da cor da pele autodeclarada do participante. As mulheres brancas avaliaram a tomada de decisão moral do alvo de maneira mais positiva do que os homens brancos, indicando um possível viés positivo em relação a indivíduos brancos e negativo em relação a indivíduos de outras cores de pele. No entanto, esses resultados não foram confirmados pelo teste *pos-hoc*, o que indica que é necessário ter cautela na interpretação desses achados.

Um fator interessante que emergiu desses resultados aponta para um fenômeno já apresentado em outros estudos sobre identidade e favorecimento endogrupal (França, 2011; Tajfel & Turner, 1986). Este fenômeno toma maior forma no segundo resultado associado a esta hipótese quando no cenário de dilema moral impessoal, vemos que o personagem que recebe as maiores médias na avaliação de sua conduta moral é o de face preta e com alta atratividade física facial (ver seção 5.2.2.4) e que são as participantes pretas (homens e mulheres) que atribuem as maiores médias neste tipo de dilema. A natureza dessa relação pode estar ligada à identificação com o personagem, atração física ou repulsa em relação ao personagem, ou simpatia pelo personagem com certas características físicas (raça X sexo X atratividade), e essas características foram investigadas aqui.

No cenário da carteira perdida, houve uma tendência a uma média mais elevada entre os participantes homens autodeclarados pretos em comparação com os participantes mulheres autodeclaradas pardas. Esses resultados também mostram uma possível influência dos estereótipos raciais na avaliação da conduta moral do alvo.

Em geral, esses resultados sugerem que os estereótipos raciais e a atratividade física facial podem influenciar o julgamento moral das pessoas em relação aos outros. As diferenças no julgamento moral em função da cor da pele autodeclarada e do sexo do participante podem ser explicadas por estereótipos raciais e preconceitos implícitos.

As presentes descobertas de que a aparência de uma pessoa pode influenciar na avaliação de sua conduta moral para uma atividade ilegal tende a negar o clichê de que "a justiça é cega". E podemos localizar outros estudos sobre julgamento moral que atribuem a atratividade física uma melhora nas avaliações que são direcionadas a determinados alvos. Existem vários estudos que relacionam atratividade física e julgamento moral, alguns dos quais mostram que indivíduos considerados mais atraentes são julgados de forma mais favoráveis em determinadas situações morais.

Por exemplo, um estudo de Hamermesh e Biddle (1994) descobriu que pessoas consideradas mais atraentes fisicamente eram mais propensas a serem contratadas e receberem salários mais altos. Outro estudo de Duguid e Gonçalo (2012) mostrou que indivíduos considerados mais atraentes eram avaliados de forma mais positiva em situações de liderança.

No contexto específico do julgamento moral, um estudo de Kelly e Dunbar (2001) descobriu que indivíduos considerados mais atraentes eram julgados de forma mais favorável em situações de conflito moral, enquanto um estudo de Frieze, Olson e Russell (1991) mostrou que indivíduos considerados mais atraentes eram menos tolerantes a serem julgados como responsáveis por comportamentos imorais em uma situação hipotética.

Alguns estudos também sugerem que a atratividade física pode influenciar o processo de tomada de decisão moral em si. Por exemplo, um estudo de Simpson e Gangestad (1991) descobriu que indivíduos consideravam mais atraentes eram mais tolerantes a tolerar imoralidades em situações interpessoais. No entanto, é importante notar que nem todos os estudos concordam com essa relação entre atratividade física e julgamento moral, e que outros fatores também podem influenciar as avaliações morais de um indivíduo, como sua personalidade, valores culturais e histórico de vida.

Clifford, et al. (2015) realizaram um estudo em que os participantes foram convidados a avaliar a moralidade de um comportamento descrito em uma história, em que o protagonista era descrito como tendo traços característicos neutros ou atraentes. O estudo constatou que o protagonista com traços expressivos atraentes foi avaliado como mais moral do que o protagonista com traços expressivos neutros, independentemente do gênero do protagonista. Os autores argumentam que a atratividade física é um fator que pode influenciar as motivações morais, uma vez que os indivíduos atraentes são exibidos como tendo outras características positivas, como competência e habilidade social.

Olivola e Todorov (2010) também investigaram o papel da atratividade facial nas resistências morais, utilizando fotografias de políticos americanos e pedindo aos participantes que avaliassem a autoridade e a competência desses políticos. Os resultados demonstraram que a avaliação de competência e honestidade foi altamente influenciada pela atratividade física dos políticos, independentemente do partido político ao qual eles pertenciam.

Agrawal e Duhachek (2010) realizaram um estudo em que os participantes foram convidados a avaliar a moralidade de um indivíduo que participou de uma negociação de carro. Os resultados demonstraram que a avaliação da moralidade do indivíduo foi influenciada positivamente pela atratividade física do negociador, independentemente do gênero do avaliador. Os autores argumentam que a atratividade física pode servir como um sinal de competência e confiabilidade, o que pode levar a estimativas mais positivas das ações morais de um indivíduo.

Em resumo, esses estudos indicam que a atratividade física pode influenciar como sintomas morais, com indivíduos atraentes sendo frequentemente preferidos de maneira mais positiva em termos de moralidade e competência. No entanto, é importante notar que a relação entre atratividade física e sintomas morais pode variar dependendo do contexto específico e das características individuais dos avaliadores.

Uma das referências mais citadas sobre a relação entre atratividade física e julgamento moral é o estudo de Dion, Berscheid e Walster (1972), que mostrou que a atratividade física pode afetar a percepção de outras características, como personalidade e comportamento moral. Nesse estudo, os participantes foram apresentados a fotos de pessoas que foram rotuladas como atraentes ou não atraentes e, em seguida, avaliaram seus traços de personalidade e comportamento moral. Os resultados apreciaram que as pessoas que foram rotuladas como atraentes foram avaliadas de forma mais positiva do que aquelas rotuladas como não atraentes, mesmo que as informações fornecidas sobre elas fossem indiferentes.

Outro estudo relevante é o de Efran e Patterson (1976), que mostrou que a aparência física influencia na demonstração de culpa e punição em casos de delitos criminais. Nesse estudo, os participantes leram sequencialmente de crimes e avaliaram a culpa e a instrução planejada para o criminoso com base em sua foto, que foi manipulada para parecer atraente ou não atraente. Os resultados apreciaram que os criminosos atraentes foram apreciados como menos culpados e merecedores de punições mais leves do que os criminosos não atraentes.

Outro estudo que vale a pena mencionar é o de Ritter e Preston (2011), que mostrou que a aparência física pode afetar a percepção da honestidade em situações de negociação. Nesse estudo, os participantes assistiram a vídeos de pessoas negociando e avaliaram a honestidade dessas pessoas com base em sua aparência física. Os resultados mostraram que os participantes avaliaram as pessoas mais atraentes como mais honestas, mesmo que elas fizessem afirmações enganosas na negociação.

Esses estudos e outros sugerem que a aparência física pode afetar a percepção das pessoas sobre a personalidade, comportamento moral e honestidade. No entanto, é importante notar que nem sempre há uma correlação positiva entre atratividade física e avaliações positivas, e que os efeitos da aparência física nas percepções podem variar dependendo do contexto cultural, social e até mesmo dilemático (vide nossos resultados).

5.3.3 Resultados do teste das hipóteses (H3) e (H4)

Neste tópico, apresentamos os resultados obtidos a partir do teste da hipótese **H3**, de que participantes com escore mais altos na escala de identidade racial, tenderão a considerar as ações dos personagens com perfil étnico similar ao seu como possuindo maior conduta moral, independentemente de a face apresentada estar com atratividade física diminuída ou aumentada. Para em seguir apresentarmos o teste da hipótese H4, na qual prevemos que: participantes

com escore mais altos na escala de identidade moral suprimirão os efeitos dos constructos mencionados nas hipóteses 1, 2 e 3.

Para testar a hipótese de que os participantes com escores mais altos na escala de identidade racial perceberiam as ações dos personagens com perfil étnico semelhante ao deles como tendo maior conduta moral, independentemente das variações na atratividade física, foi realizada uma análise de covariância (ANCOVA).

A ANCOVA foi escolhida como método estatístico para permitir o controle variável de manipulação, neste caso a atratividade física dos personagens. Dessa forma, tornou-se possível examinar a relação entre a identidade racial e a percepção moral das ações dos personagens, levando em consideração a influência potencial da atratividade física na percepção das participantes deste estudo, conforme exhibe a tabela 1.

Na avaliação inicial, as faces com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física reduzida apresentaram, em média, valores significativos ($p = .007$) apenas quando os fatores atratividade física e raça interagem. Logo após, feito o ajuste pelas respostas à Escala de Identificação Racial, o resultado manteve-se significativo ($p = .009$), novamente apenas quando em interação com os fatores perfil étnico do modelo e grau de atratividade física manipulado. E mesmo após o ajuste pelas respostas a Escala de Identidade Moral, esta relação teve um *efeito* significativo, na avaliação. De modo geral, as faces com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física reduzida apresentaram, em média, valores significativamente maiores do que as faces de perfil étnico africanizado e grau de atratividade física aumentado ($p = .014$). E esse efeito aparente da variável perfil étnico e grau de atratividade física se intensifica com o ajuste para a Escala de Motivação para Controle Interno e Externo do Preconceito das participantes. Apresenta valores significativamente maiores do que as faces de perfil étnico africanizado e grau de atratividade física aumentado ($p = .009$), segundo exhibe a tabela 1.

Já no cenário de dilema pessoal de alto conflito (Dilema do Transplante), esta avaliação não se processa da mesma maneira, aqui não há médias estatisticamente significativas iniciais, ($p = .709$). E mesmo após o ajuste pelas respostas a Escala de Identidade Moral, esta relação não teve um *efeito* significativo, na avaliação ($p = .278$). Logo após, feito o ajuste pelas respostas à Escala de Identificação Racial, o resultado não apresentou um valor significativo, ($p = .713$). Por fim, foi feito o ajuste pelas respostas à Escala de Motivação para Controle Interno e Externo do Preconceito e o resultado permaneceu sem nenhuma alteração ($p = .678$). Vale ressaltar que neste dilema havia apenas imagens de mulheres enquanto no primeiro utilizou-se imagens apenas de homens.

Contudo, observamos que no cenário de dilema impessoal houve um outro fluxo de resultados. Na avaliação inicial, as faces de homens e com grau de atratividade física aumentado apresentaram, em média, valores significativos maiores do que as faces de homens e mulheres e com grau de atratividade física reduzido (AFF) ($p = .005$). E este padrão se manteve mesmo após o ajuste pelas respostas à Escala de Identidade Moral ($p = .006$). Logo após, feito o ajuste pelas respostas à Escala de Identificação Racial, o resultado apresentou maior significância estatística da diferença na avaliação da conduta moral dos alvos com grau de atratividade física reduzido muito abaixo da média de respostas atribuídas à conduta moral dos personagens homens e com grau de atratividade física aumentado ($p = .003$). Por fim, realizamos o ajuste pelas respostas à Escala de Motivação para Controle Interno e Externo do Preconceito e o resultado permaneceu sem nenhuma alteração ($p = .010$) e a interação entre o sexo e o grau de atratividade física manipulado manteve-se com o mesmo padrão de avaliações. Esses resultados podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 3. Resultados obtidos através da análise de ANCOVA, da pergunta referente a si próprio e ao alvo, nos três cenários de dilema moral e tendo como variantes as Escalas de: Identidade Moral (IDM), Identificação Racial (EIDR) e de Motivação Interna e Externa para Controle do Preconceito.

Cenário	S/Covariância	(IDM)	(EIDR)	(ECIP)
<i>Passarela</i>	$F_{(1), (319)} = 7.258, p = .007; \eta^2 = .022$	$F_{(1), (317)} = 6.167, p = .014; \eta^2 = .019$	$F_{(1), (319)} = 6.978, p = .009; \eta^2 = 0,021$	$F_{(1), (319)} = 6.873, p = .009; \eta^2 = .021$
<i>Trans-plante</i>	Não significativa $p = .709$	Não significativa $p = .278$	Não significativa $p = .713$	Não significativa $p = .678$
<i>Carteira Perdida</i>	$F_{(1), (315)} = 8.793, p = .003; \eta^2 = .027$	$F_{(1), (313)} = 7.597, p = .006; \eta^2 = .023$	$F_{(1), (315)} = 8.793, p = .003; \eta^2 = .027$	$F_{(1), (315)} = 6.718, p = .010; \eta^2 = .020$

Discussão dos Resultados da Hipótese (H3) e (H4)

Supomos que participantes com escore mais altos na escala de identidade moral ponderariam as ações dos personagens com perfil étnico similar ao seu como possuindo maior conduta moral, independentemente de a face apresentada estar com atratividade física diminuída ou aumentada. E que, por fim, considerando as pesquisas anteriormente apresentadas na seção 3.1.1, que utilizam o conceito de identidade moral. Prevemos que participantes com escore mais altos na escala de identidade moral suprimirão os efeitos dos constructos mencionados nas hipóteses 1, 2 e 3. Também buscamos um modelo explicativo para a avaliação da conduta moral atribuída a alvos de diferentes pertencas étnicas e variados graus de atratividade física facial, tendo o preconceito racial, a atratividade física e o contexto psicossocial como preditores.

Em relação aos resultados específicos, os achados sugerem que no cenário de dilema moral pessoal de baixo conflito (Dilema da Passarela), as faces com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física reduzido, tiveram avaliações como possuindo maior conduta moral do que as faces de perfil étnico africanizado e grau de atratividade física aumentado. Esses resultados foram encontrados mesmo após o ajuste pelas respostas à Escala de Identidade Moral e Escala de Identificação Racial. Esses achados estão em linha com estudos anteriores que encontraram que as pessoas tendem a atribuir características morais positivas a indivíduos atraentes e com características físicas que correspondem às normas dominantes da sociedade (Dion et al., 1972; Eagly et al., 1991; Fiske et al., 1991).

No cenário de dilema pessoal de alto conflito (Dilema do Transplante), os resultados não indicaram nenhuma diferença significativa na avaliação da conduta moral dos alvos, sugerindo que a aparência física não teve um papel relevante nesse contexto. Já no cenário de dilema impessoal, a aparência física parece ter influenciado a avaliação da conduta moral dos personagens, indicando que a aparência física pode ter um papel diferente dependendo do contexto

em que ocorre. É possível que no cenário de dilema pessoal de alto conflito (Dilema do Transplante) existiram outros atravessamentos refletidos na avaliação da conduta moral dos personagens, que não necessariamente tinha a ver com as referidas variáveis que foram manipuladas neste estudo. Esse resultado está em linha com estudos anteriores que mostram que as pessoas podem ser menos propensas a exibir preconceitos em situações que envolvem decisões morais pessoais (Crandall & Eshleman, 2003).

Esses resultados encontrados nesse estudo convergem com a literatura que destaca a influência da aparência física no julgamento moral. As pesquisas anteriores mostram que a aparência física é um fator importante que pode influenciar o preconceito e o reconhecimento de um determinado indivíduo (Dion, 2002; Fiske, Cuddy & Glick, 2007). A aparência física pode ser utilizada como um indicador da raça ou etnia dos indivíduos, o que pode levar a estereótipos e preconceitos (Eberhardt et al., 2006; Paim, 2017). Estudos também demonstram que as pessoas tendem a atribuir características morais positivas a indivíduos que são considerados atraentes (Dion et al., 1972; Eagly et al., 1991).

Os resultados do estudo em questão sugerem que a aparência física, em particular a atratividade facial e o perfil étnico, podem afetar a avaliação moral das pessoas em situações específicas. A literatura brasileira e internacional tem apontado que os estereótipos relacionados à raça e aparência física podem afetar o comportamento e o julgamento moral das pessoas (Dovidio & Gaertner, 2010; Monteiro, 2013).

5.4 Discussão geral - Atratividade física facial, viés racial e avaliação da conduta moral

Testamos a influência mútua dos estereótipos raciais e do grau de atratividade física facial na realização de tarefas de julgamento moral, na presença de alvos de diferentes perfis étnicos e com grau de atratividade física aumentado ou diminuído e em variados tipos de dilemas morais. Especificamente: (a) Identificamos se havia influência mútua dos estereótipos raciais e da atratividade física facial na avaliação

da conduta moral atribuída ao alvo. Observamos que os resultados apresentaram algo diverso ao que a literatura já tem demonstrado acerca dos efeitos positivos da atratividade física facial no julgamento da conduta moral de um alvo (Allen, 1976; Cash & Duncanson, 1984; Cross & Cross, 1971; Cui, Cheng, Lin, W., Lin, J. e Mo, 2019; Cheng, Liu, Kong, Weng & Mo, 2022; Langlois et al., 1995). Os resultados aqui presentes, ao trazerem a face europeizada e com grau de atratividade física reduzido como a mais suscetível a uma maior avaliação da conduta moral, divergem ao que foi preconizado como efeito do estereótipo da beleza sobre o julgamento moral. O porquê de isso ocorrer com a nossa amostra (no cenário de dilema moral pessoal de baixo conflito) nos remete ao fenômeno da flexibilidade moral, combinado com a ideologia do branqueamento presente aqui no Brasil, que associa as características de nobreza e de bondade à cor da pele branca (Bento, 2007; Lima & Vala, 2004, 2005). E este efeito parece desassociado ao estereótipo “quem é bonito é bom”, podemos afirmar que para a nossa amostra quem é feio também pode ser bom, desde que seja branco.

A investigação dos efeitos da interação entre afeto e cognição em escolhas morais pode esclarecer um fenômeno que é central no estudo da moralidade: a flexibilidade moral. Esta se refere à ideia de que as convicções e os comportamentos morais se modificam de acordo com o contexto em que estão inseridos (Greene, 2008).

Assim, prosseguimos com as discussões dos achados relativos as análises do impacto do sexo e da cor de pele autodeclarada das participantes sobre a avaliação da conduta moral atribuídos aos personagens presentes nos três dilemas.

Outro objetivo alcançado foi quando: (b) Detectamos em que contextos psicossociais ocorriam a associação entre estereótipos raciais e o grau de atratividade física facial na avaliação da conduta moral atribuída a um alvo, observamos que as variáveis mostraram *efeitos principais* quando no cenário de dilema moral pessoal de baixo conflito (Dilema da Passarela) e no cenário de dilema moral impessoal (Dilema da Carteira Perdida), contudo não apresentou nenhuma interação significativa no cenário de dilema moral de alto conflito (dilema

do transplante). Os resultados associados a estas variáveis mostraram um efeito principal no cenário do dilema moral de baixo conflito ligado a AFF e ao perfil étnico e outro efeito do sexo e da atratividade física no cenário de dilema impessoal. Cenários estes que já foram amplamente testados em estudos anteriores e identificado um perfil similar de baixas responsividade (Greene et.al., 2008; Kawashima, Martins & Bataglia, 2015).

Também, é preciso ressaltar que esses resultados parecem apontar que a racialidade e atratividade física facial do protótipo interferiram na avaliação da conduta moral, apenas quando se avaliava a conduta moral do outro/alvo apresentado, não surtindo o mesmo efeito quando o participante autoavaliava a sua conduta moral hipotética.

Em suma, no segundo nível de análise proposto, podemos observar que no cenário do dilema pessoal de baixo conflito e impessoal, a hipótese de que as participantes tenderão a atribuir maior positividade à conduta moral das faces que apresentarem o mesmo sexo e perfil étnico que o seu, foi corroborada. Houve diferenças significativas entre o sexo e a cor autodeclarada da participante. E foi corroborada até mesmo no cenário de dilema pessoal de alto conflito, em que os fatores de autodeclaração racial e do sexo das participantes pareceram influenciar na avaliação da conduta moral das personagens presentes neste tipo de dilema.

Já os resultados presentes no cenário da “carteira perdida”, parecem remeter aos achados nos estudos desenvolvidos por Lima e Vala (2005), ao identificarem um padrão que associa a brancura ao sucesso social e negritude ao contrário disso. Aqui, o homem branco e com atratividade reduzida passa a ser objeto do “linchamento moral” empregado por nossas respondentes. E, diferentemente dos resultados no cenário anterior, ser branco e “feio” quer dizer menos moral. Mas o contrário, ser negro, bonito, pareceu surtir um efeito de elevar a avaliação da conduta moral, algo não previsto por nossa hipótese.

Não obstante, é preciso considerar que mesmo não possuindo efeitos de grande variação, a atratividade física diminuída para uma pessoa negra não a colocou em situação de

maior desvantagem moral do que para um homem negro e com grau de atratividade física aumentado, algo que nos remete a uma ideia de “lugar natural” para o negro, e a branca, conforme já descrita na literatura, como o simbolismo da nobreza e beleza (Bento, 2007; Schuman, 2012). Logo, o que foge a isso deve ser veementemente repudiado. Em suma, podemos afirmar com base nos resultados que os contextos relativos também a qual dilema moral a participante estava exposta, se de baixo conflito tendia a atribuir mais moralidade ao personagem de menor atratividade física. Já em contextos em que o dilema moral em voga era impessoal, esse mesmo personagem sofria com um lixamento moral, enquanto o personagem negro e com alta atratividade lhe era atribuída maior moralidade a sua ação.

Remetendo esses resultados à literatura sobre cognição moral, é possível afirmar que muitas dessas decisões não são racionais, mas posteriormente racionalizadas. Para autores como Kahneman, há o entendimento de que as decisões humanas não são necessariamente racionais. E que só após essa tomada de decisão é que a racionalizamos. Há indícios, inclusive, de que a tomada de decisão ocorre antes mesmo de se estar ciente de que a decisão foi tomada (Bartels, 2014). Assim, é possível que fenômenos como o preconceito e os estereótipos raciais cheguem antes mesmo de uma racionalização da situação proposta como dilema moral, já que conforme estudos sobre prime semântico defendem o entendimento de que a presença de um alvo seria estímulo suficiente para a ativação do raciocínio categórico, como na categoria de pessoas bonitas, ativar o estereótipo “quem é bonito e (negro)...logo seria também bom” (Castro, 2011; Guimarães & Nina-e-Silva, 2013; Mello, 2011). Mas não é o suficiente para defender o raciocínio de quem é bonita e (negra) é boa. E a esse efeito atribuímos à ação dos estereótipos raciais em interação com os estereótipos da beleza.

O nosso terceiro nível de análise no qual buscávamos determinar em quais contextos psicossociais os estereótipos raciais associados com a atratividade física facial produziram graus de avaliação da conduta moral mais elevados, além de testar a nossa terceira hipótese que versava que participantes com escore mais alto na escala de identidade racial tenderão a

considerar as ações dos personagens com perfil étnico similar ao seu como possuindo maior conduta moral, independentemente de a face apresentada estar com atratividade física diminuída ou aumentada. A hipótese foi corroborada, até mesmo em cenário de dilema pessoal de alto conflito. Visto que os resultados demonstraram que os fatores de perfil étnico em conjunto com uma maior motivação para controle do preconceito eram preditores de uma maior avaliação da conduta moral do alvo apresentado.

Ainda no mesmo nível de análise que busca, determinar em quais contextos psicossociais os estereótipos raciais associados com a atratividade física facial produziram graus de avaliação da conduta moral mais elevados, testamos nossa quarta hipótese em que, supomos que participantes com escore mais altos na escala de identidade moral tenderão a suprimir os efeitos dos vieses mencionados nas hipóteses 1, 2 e 3.

Por fim, testamos um modelo explicativo para a avaliação da conduta moral atribuída a alvos de diferentes pertencas étnicas e variados graus de atratividade física facial, tendo o preconceito racial, a atratividade física e o contexto psicossocial como preditores.

Embora estes resultados, expostos em alguns estudos anteriores localizados (Ashmore & Longo, 1995; Dion, Berscheid, & Walster, 1972; Lemay, Clark, & Greenberg, 2010; Zebrowitz & Franklin, 2014), difiram em termos metodológicos do nosso estudo, uma vez que invariavelmente, são realizados apenas com a presença de imagens de pessoas brancas e com atratividade aumentada. Logo, é importante destacar que os resultados nem sempre são consistentes e podem ser afetados por outros fatores, como o contexto em que o dilema moral é apresentado. É essencial continuar investigando a relação entre estereótipos raciais, atratividade física facial e julgamento moral em diferentes contextos e com diferentes metodologias para entender melhor essa complexa dinâmica social.

A partir do quadro 2, é possível identificar ponto a ponto como a hipótese se comportou a cada nível de análise proposto.

Quadro 2

Hipótese alternativa e suas referidas conclusões a partir dos dados do estudo nos cenários de dilema moral: pessoal de baixo conflito, pessoal de alto conflito e im-pessoal.

HIPÓTESE	Conclusões
FACES com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física aumentado>FACES com perfil étnico europeizado e grau de atratividade física reduzido>FACES com perfil étnico africanizado e grau de atratividade física aumentado >FACES com perfil étnico africanizado e grau de atratividade física reduzido (H1).	Com base nos resultados, a hipótese não foi confirmada, posto que embora a manipulação da atratividade da face e do perfil étnico tenha se mostrado significativo, mas a análise de medidas repetidas não foi capaz de confirmar essa reação em relação a avaliação da tomada de decisão moral e diferiu pouco em relação aos cenários de dilema moral.
As participantes tenderão a atribuir maior positividade à conduta moral das faces que apresentarem o mesmo sexo e perfil étnico que o seu (H2).	Com base nos resultados obtidos durante o teste desta hipótese, podemos afirmar que ela não foi confirmada. Pois a ANOVA confirmou que não houve diferenças significativas produzidas pela cor da pele autodeclarada e o sexo das nossas participantes. Com exceção de uma tendência observada na interação entre sexo e cor da pele autodeclarada no cenário do dilema moral do Transplante. E no cenário do dilema moral da Carteira Perdida a ANOVA não foi significativa, embora tenha apresentado um efeito marginal em função da interação entre sexo e cor autodeclarada pela participante.
Participantes com escore mais altos na escala de identificação racial, tenderão a considerar as ações dos personagens com perfil étnico similar ao seu como possuindo maior conduta moral, independentemente de a face apresentada estar com atratividade física diminuída ou aumentada (H3).	A nossa hipótese não foi corroborada, em nenhum dos cenários, visto que os resultados demonstraram que os fatores de perfil étnico da face em conjunto com uma maior motivação para controle do preconceito eram preditores de uma maior avaliação da conduta moral do alvo apresentado.
Supomos que participantes com escore mais altos na escala de identidade moral tenderão a suprimir os efeitos dos vieses mencionados nas hipóteses 1 e 2 e 3 (H4).	

Em suma, o segundo estudo desenvolvido ao longo desta tese buscou descrever em que circunstâncias experimentais ocorrem associação entre estereótipos raciais e o grau de atratividade física facial na avaliação da tomada de decisão moral atribuída a um alvo. Aferir em que circunstâncias experimentais os estereótipos raciais associados com a atratividade física facial produzem graus na avaliação da tomada de decisão moral mais elevados. Por fim, buscou

o teste de um modelo explicativo para a avaliação da tomada de decisão moral atribuída a alvos de diferentes pertencas étnicas e variados graus de atratividade física facial, tendo o preconceito racial, a atratividade física e o contexto psicossocial como preditores.

Os resultados presentes no cenário de dilema moral pessoal de baixo conflito comprovam que “o que é feio é bom (desde que seja branco)”. O que vai à contramão do estereótipo da beleza, acreditamos esse efeito a forte carga da ideologia do branqueamento e da branquitude presente no nosso país. Ser homem, também, demonstrou ser um fator que impacta na percepção de moralidade. Atribuímos, inicialmente, os resultados obtidos a um efeito do contexto em que as imagens das personagens mulheres estavam inseridas (dilema moral pessoal de alto conflito), no entanto, ao nos depararmos com os resultados das suas inserções em contextos de dilemas moral impessoal, observa-se sim, forte carga do machismo e do sexismo nas avaliações das suas condutas morais, elas são reprováveis socialmente falando em face a conduta moral dos homens, logo ser homem é ter maior aprovação nas suas ações, independentemente delas serem morais ou não.

Aqui o contexto psicossocial atua para contradizer os estereótipos da beleza: o homem branco e com baixa atratividade física tem a sua conduta avaliada como moralmente mais aceitável do que quando o personagem era homem negro com baixa atratividade, ou até mesmo branco e com alta atratividade. Neste cenário, o que está em jogo é entregar uma vida para benefício de cinco outras, assim, esse é o personagem cuja conduta não foi desapreciada da mesma forma que os demais, de tal modo, observamos aqui a predominância do viés racial, que associa a brancura com a nobreza e a valores morais mais elevados, no que se refere ao nosso estudo.

Chama nossa atenção também o fato de a personagem mulher negra mesmo quando com grau de atratividade física aumentado, foi moralmente linchada em sua conduta comparativamente a ação do homem negro e com grau de atratividade aumentado, este teve a sua conduta moral avaliada de forma mais complacente.

Observamos que esse fenômeno do “linchamento moral” não se deveu senão ao fator de identificação racial presente na nossa amostra, participantes brancas avaliaram mais positivamente a conduta dos personagens brancos, assim como participantes negras foram quem impactaram nos resultados dos personagens negros. Assim, também chegamos a uma outra observação da amostra, as suas respostas sofreram pouca influência dos constructos identidade moral; no entanto, em relação ao controle do preconceito, observa-se que quanto maior a projeção de controle, maior era a avaliação dada a conduta dos personagens dos dilemas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, este trabalho possibilitou a testagem da influência mútua dos estereótipos raciais e do grau de atratividade física facial na realização de tarefas de julgamento moral, na presença de alvos de diferentes perfis étnicos e com grau de atratividade física aumentado ou diminuído. E especificamente possibilitou identificar se há influência mútua dos estereótipos raciais e da atratividade física facial na avaliação da tomada de decisão moral atribuída aos alvos.

Ao longo desta pesquisa, nos dedicamos a testar a influência mútua dos estereótipos raciais e do grau de atratividade física facial na realização de tarefas de julgamento moral, considerando alvos de diferentes perfis étnicos e níveis de atratividade. O objetivo foi identificar se esses fatores têm uma influência mútua na avaliação da tomada de decisão moral atribuída aos alvos.

Para realizar essa investigação, o primeiro passo foi criar e validar um banco de imagens, que incluiu avaliações da cor da pele (preta, parda ou branca) e do grau de atratividade das imagens (baixa, média ou alta atratividade), seguindo o estudo de Mendes et al. (2009). Os resultados obtidos nessa etapa foram fundamentais para o desenvolvimento do segundo estudo, que envolveu a elaboração e validação de um novo instrumento.

Para a elaboração desse instrumento, utilizamos uma técnica antiga de fotografia, mas com a incorporação de novas tecnologias da informação, como programas de editoração gráfica (*Facegin*) e uma plataforma para coleta de dados on-line, que possibilitaram a dinamização da apresentação do instrumento e à randomização das imagens e instrumentos, evitando alguns vieses metodológicos. Esse instrumento pode ser um recurso valioso para futuras pesquisas que necessitem de um banco de imagens validado quanto à cor da pele e ao grau de atratividade física facial.

O segundo estudo se propôs a testar a influência mútua dos estereótipos raciais e do grau de atratividade física facial na realização de tarefas de julgamento moral em três cenários de dilemas morais, na presença de alvos de diferentes perfis étnicos e com grau de atratividade física aumentado ou diminuído. Especificamente, buscou identificar se havia influência mútua dos estereótipos raciais e da atratividade física facial na avaliação da conduta moral atribuída ao alvo: observamos a partir dos resultados haver uma influência dos estereótipos raciais na avaliação da conduta moral, os resultados presentes nos três cenários nos sinalizam a presença desse fenômeno. Buscou detectar em que contextos psicossociais ocorrem associação entre estereótipos raciais e o grau de atratividade física facial na avaliação da conduta moral atribuído a um alvo.

De modo geral, é importante destacar que os resultados obtidos neste estudo foram específicos para o contexto relatado, que envolveu a avaliação de comportamentos morais em imagens de personagens fictícios. A literatura sugere que os estereótipos e preconceitos podem se manifestar de maneira diferente em diferentes contextos e situações (Devine, 1989; Kunda & Oleson, 1995). Portanto, é importante considerar os resultados deste estudo dentro do contexto específico em que foram obtidos. Algo que nos faz refletir, como seria o efeito de outros dilemas morais. E se deveríamos tê-los validados em amostras brasileiras antes de utilizarmos neste trabalho, observamos um comportamento mais moralista de nossas participantes brasileiras do que da amostra original presente no estudo do (Greene et. al, 2008).

Os resultados presentes no segundo estudo possivelmente colaboram para determinar em quais contextos psicossociais os estereótipos raciais associados com a atratividade física facial produzem graus de avaliação da conduta moral mais elevados. Observamos, com base nos resultados que os contextos psicossociais em que os estereótipos raciais associados com a atratividade física facial produzem graus mais elevados na avaliação da conduta moral, foram os contextos em que o dilema era pessoal de baixo conflito.

No entanto, chama a atenção que no cenário em que o dilema era impessoal, ou seja, o que estava em jogo era devolver ou não uma carteira perdida, o que diretamente não gera nenhum dano físico a outrem, o personagem que mais teve a sua conduta moral aprovada era um homem negro e de alta atratividade física. Todavia, ser mulher negra e com alta atratividade física, neste cenário de dilema mora, acentuou a reprovação frente a sua conduta moral.

Por fim, no segundo estudo havia a expectativa de testarmos um modelo explicativo para a avaliação da conduta moral atribuída a alvos de diferentes pertencas étnicas e variados graus de atratividade física facial, tendo o preconceito racial, a atratividade física e o contexto psicossocial como preditores. Os resultados sugerem que a pertença étnica do alvo e sua atratividade física facial influenciaram na avaliação moral, levando-nos a acreditar que o preconceito racial possa ser um mediador para essas avaliações enquanto o contexto psicossocial não apresentou uma relação significativa.

Para além disso, neste trabalho foi possível constatar a partir dos resultados encontrados, que a lógica de “quem é bonito é bom” pode ser endossada pelo: “quem é “feio” também pode ser bom, desde que seja branco”. Também foi possível identificar uma forte carga do sexismo nas respostas, pois quando se trata de mulheres, ser bonita ou não, impactou muito pouco no julgamento de sua conduta moral. Havia maior complacência com os atos dos homens do que quando esses personagens eram mulheres.

Ainda sobre os dilemas e os contextos psicossociais, observou-se que dilemas com alta carga emocional, ou seja, os dilemas pessoais de alto conflito impactaram substancialmente na baixa responsividade das participantes ao tipo de conduta adotada pela personagem, conforme defendem Greene, et al, 2008, ao mencionar sobre os tipos de dilemas existentes e o fator carga emocional associados a eles: por exemplo, os dilemas pessoais de alto conflito possuem alta carga emocional, ou seja, impactam substancialmente na baixa responsividade das participantes ao tipo de conduta adotado pela personagem.

Não obstante, também não podemos desconsiderar os fatores de machismo e sexismos presentes no nosso contexto cultural e social brasileiro, posto que mesmo em cenários de dilemas morais impessoais, ou seja, com baixa carga emocional, mulheres são as que recebem as menores avaliações sobre a suas referidas condutas morais em relação aos homens e isso independentemente de estar com a atratividade aumentada ou reduzida. No entanto, o gênero do julgador não exerceu um papel significativo na avaliação moral dos alvos, o que significa dizer que homens e mulheres compartilham das mesmas crenças morais.

Ainda, neste trabalho pretendíamos demonstrar a importância do controle dessas variáveis mencionadas anteriormente e da necessidade de uma maior atenção às características sociais de participantes de estudos como os que avaliam faces e as classificam em um contínuo de beleza. A utilização de uma plataforma on-line para os desenvolvimentos dos referidos estudos foi de suma importância para a consecução desta pesquisa como um todo, possibilitou o alcance de uma amostra de participantes significativa em ambos os estudos. A coleta de dados do segundo estudo, por exemplo, ocorreu em meio à Pandemia pelo Corona Vírus.

Os resultados deste trabalho também destacam a importância de se considerar a diversidade e a complexidade da sociedade na formulação de políticas e práticas relacionadas à saúde e à justiça social. Com base nos resultados acima mencionados, podemos inferir que fatores como a cor da pele e o gênero podem influenciar as estimativas morais em situações de dilemas morais. Portanto, é essencial levar em consideração esses fatores ao lidar com pacientes de diferentes raças e etnias e ao abordar questões de justiça e equidade na área da saúde, por exemplo.

Outro aspecto identificado neste trabalho foi quanto aos resultados do teste das hipóteses no estudo II. Nesse sentido, pensamos que seria interessante, em estudos futuros, investigar se a manipulação da emoção dos participantes poderia ter algum efeito sobre os resultados encontrados na ANOVA de medidas repetidas realizadas no estudo em questão.

As perspectivas futuras de pesquisas nesse campo podem se concentrar em incluir outras variáveis que devido à limitação deste estudo foram deixadas de lado, por exemplo, a idade e a orientação sexual das participantes, além de investigar como outras características físicas do alvo poderiam impactar no julgamento da sua conduta moral, como o peso corporal e a aparência física no geral.

Dada a importância do tema, pode ser interessante explorar como as crenças religiosas e culturais dos julgadores afetam as suas avaliações morais, bem como investigar se essas crenças podem mediar o impacto da etnia e da atratividade física facial na avaliação moral. Outra perspectiva de pesquisa podem ser os estudos longitudinais para avaliar como o julgamento evolui ao longo do tempo e como isso pode ser influenciado por mudanças no contexto social e cultural. E, em particular, a pesquisadora reflete sobre todo o processo que nos trouxe até aqui. Foram anos de estudos, debruçada sobre o tema escolhido e procurando sempre avançar em novas perspectivas.

Ao refletir sobre o impacto dos dilemas morais apresentados em nosso contexto brasileiro, questiono-os se nossas preocupações morais são similares ou diferentes daquelas da cultura norte-americana, e se há nuances que ainda não foram devidamente exploradas. Além disso, considerar que as categorias de cor ou raça propostas pelo IBGE podem ser insuficientes para classificar as características faciais de nossa população e sugiro a possibilidade de julgar a cor em um contínuo físico. Ou ainda, se para nós algumas questões morais são mais impactantes que outras, a exemplo do dilema o transplante, nós temos mais resistência à doação de órgãos (só no estado de Sergipe, 78%³ da população disse não para a doação (pós-morte) dos órgãos ou demonstram crença negativas a respeito de doações de órgãos (Santos, 2019).

³ <https://www.jornaldacidade.net/saude/2021/09/324536/doacao-de-orgaos-tem-78-de-recusa-familiar-em-sergipe.html>

Novos temas de pesquisa irão despertar a atenção da pesquisadora, mas para o momento, podemos ressaltar que as seguintes dúvidas a inquietam, por exemplo, no estudo I, as categorias de cor ou raça propostas pelo IBGE mostraram-se insuficientes para classificar as características de cor ou raça das imagens apresentadas aos participantes, e sugere-se que se poderia julgar cor da população brasileira em um contínuo físico. Em futuros estudos, faz-se necessário considerarmos a utilização de outros métodos de classificação de cor ou raça e avaliar o impacto dessas categorias na avaliação da atratividade física.

Outras questões que ficaram salientes ao longo em que chegávamos aos resultados, envolve os tipos de dilemas propostos como cenário para a tomada de decisão moral e ao trabalharmos com esses respectivos dilemas, surgem alguns questionamentos, a exemplo: (a) quais são os fatores culturais e sociais que influenciam as avaliações de conduta moral no Brasil e como eles se comparam com outras culturas? (b) existe uma preocupação brasileira em relação a distintos dilemas morais que não é identificada na cultura de outros países? (c) como o contexto cultural brasileiro pode afetar a disposição das pessoas à doação de órgãos e como isso é identificado em outras culturas? (d) o fator religiosidade pode impactar nas avaliações da tomada de decisão moral, mesmo na presença de estereótipos relativos à cor da pele e a atratividade física facial? São alguns dos questionamentos que gostaria de me empenhar em responder em pesquisas futuras.

Por último, mas não menos importante, durante a realização desta pesquisa enfrentamos diversos desafios. Durante o segundo estudo em particular, tivemos que lidar com muitas incertezas decorrentes do contexto social em que vivíamos, embora também tenhamos visto uma mobilização social em torno da importância da ciência para solucionar problemas reais. Além disso, a pesquisadora também teve que enfrentar os desafios de ser mãe solo enquanto trabalhava na tese.

Ao selecionar os dilemas morais para a pesquisa, focamos principalmente em critérios numéricos, sem levar em conta como eles seriam recebidos no contexto cultural brasileiro. Essa decisão acabou impondo algumas limitações aos resultados obtidos e, no futuro, para estudos que envolvam moralidade e dilemas morais, daremos mais atenção a esse fator cultural.

Em suma, com base nos resultados desta pesquisa, podemos destacar duas possíveis contribuições no campo da cognição social e do julgamento moral. A primeira trata de como esta pesquisa mostrou que o preconceito racial pode afetar a avaliação da conduta moral de alvos pertencentes a diferentes grupos étnicos. Isso sugere que existe uma relação entre as crenças morais e as atitudes preconceituosas, o que pode ter implicações significativas para o tratamento de questões relacionadas à diversidade étnica e à justiça social.

Em segundo lugar, a pesquisa também confirma que a atratividade física pode sim influenciar a avaliação da conduta moral, mostrando a importância de fatores não-morais na formação de juízos morais. Esses resultados podem fornecer insights importantes sobre como as pessoas avaliam as ações de outras pessoas e como essas avaliações podem ser influenciadas por fatores da aparência física.

Finalmente, a pesquisa também possibilitou explorar como o contexto psicossocial pode afetar a avaliação da conduta moral, mostrando que dilemas com alta carga emocional (por exemplo, dilema do Transplante) pode levar a baixa responsividade dos participantes em relação à conduta moral dos alvos. Esses achados destacam a importância de considerar não apenas as características pessoais dos indivíduos, mas também as condições em que as avaliações morais são feitas.

Por fim, em termos de perspectivas futuras, este trabalho como um todo poderá possibilitar novas oportunidades para o estudo de como fatores sociais, culturais e cognitivos podem afetar o julgamento moral. Novas pesquisas podem explorar a influência de outras variáveis, como gênero, idade e status socioeconômico, na avaliação da tomada de decisão moral. Além

disso, estudos adicionais podem aprofundar a compreensão das relações complexas entre preconceito, emoção e moralidade, contribuindo para um entendimento mais completo dos processos cognitivos envolvidos na formação de juízos morais.

REFERÊNCIAS

- Agnew, R. (1984). Aparência e inadimplência. *Criminology*, 22 (3), 421-440.
- Aharoni, E., Sinnott-Armstrong, W., & Kiehl, K. A. (2017). Can psychopathic offenders discern moral wrongs? A new look at the moral/conventional distinction. *Journal of Abnormal Psychology*, 126(8), 983-997.
- Agrawal, N., & Duhachek, A. (2010). Emotional compatibility and the effectiveness of mismatched donation requests. *Journal of Marketing Research*, 47(3), 531-542.
- Akotirene, C. (2019). Interseccionalidade. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Allen, B. (1976). Race and physical attractiveness as criteria for white subjects' dating choices. *Social Behavior And Personality: An International Journal*, 4(2), 289-296.
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*, New York: Basic Books.
- Amit, E., & Greene, J. D. (2012). You see, the ends don't justify the means: Visual imagery and moral judgment. *Psychological Science*, 23(8), 861-868.
- Andersen, S. M., & Baum, A. (1994). Transference in interpersonal relations: Inferences and affect based on significant other representations. *Journal of Personality*, 62(4), 459– 497.
- Andersen, S. M., Reznik, I., & Manzella, L. M. (1996). Eliciting facial affect, motivation, and expectancies in transference: Significant-other representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(6), 1108-1126.
- Appiah, K. A. (2006). The case for contamination. *New York Times Magazine*, 1, 32.
- Aquino, K., & Reed, A. (2002). The self-importance of moral identity. *Journal of personality and social psychology*, 83(6), 1423.
- Aronson, E., Wilson, T. D., & Sommers, S. R. (2013). *Social Psychology* (8th ed.). Pearson.

- Araújo, J.Z. (2006). A força de um desejo: a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. *Revista USP*, n.69, (pp.72-79). <https://www.usp.br/revistausp/69/07-joelzito.pdf>>.
- Ashmore, R. D., & Longo, L. C. (1995). Accuracy off stereotypes: What research on physical attractiveness can teach us. In Y.-T. Lee, L. J. Jussim, & C. R. McCauley (Eds.), *Stereotype accuracy: Toward appreciating group difference* (pp. 63–86). Washington, DC: American Psychological Association.
- Azevedo, Thales (1996). *As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social & classes sociais e grupos de prestígio*. Salvador: EDUFBA/EGBA.
- Backman, B.J. (2009). “Passarão por mestiços”: o bronzearo nas praias cariocas, noções de cor e raça e ideologia racial, 1920-1950. *Afro-Ásia*, 40, (pp.173-221).
- Badr, L. K., & Abdallah, B. (2001). Physical attractiveness of premature infants affects outcome at discharge from the NICU. *Infant Behavior and Development*, 24, 129–133.
- Bakdash, J. Z., & Marusich, L. R. (2017). Repeated measures correlation. *Frontiers in psychology*, 8, 456.
- Barbujani, G. (2007). *A invenção das raças*. (Rodolfo Ilari (trad.)). São Paulo: Contexto.
- Bartels, D. M. (2008). Principled moral sentiment and the flexibility of moral judgment and decision making. *Cognition*, 108(2), 381–417.
- Bartels, D. M., Bauman, C. W., Cushman, F. A., Pizarro, D. A., & McGraw, A. P. (2015). Moral judgment and decision making. In *APA handbook of personality and social psychology*, Vol. 2: Moral development and socialization (pp. 389–419). American Psychological Association.

- Bartels, D. M., Bauman, C. W., Cushman, F. A., Pizarro, D. A., & McGraw, A. P. (2014). Moral judgment and decision making. In D. Reisberg (Ed.), *The Oxford Handbook of Cognitive Psychology* (pp. 910-927). Oxford University Press.
- Bastian, B., & Haslam, N. (2006). Psychological essentialism and stereotype endorsement. *Journal of experimental social psychology, 42*(2), 228-235.
- Batista, J. R. M. (2014). Os estereótipos e o efeito do contato virtual no preconceito contra negros e nordestinos.
- Bauman, C. W., & Skitka, L. J. (2009). Moral disagreement and procedural justice: Moral mandates as constraints to voice effects. *Australian Journal of Psychology, 61*(1), 40-49.
- Baumgartner, T., & Schiller, B. (2014). *Fear of crime: Pervasive in public space?* Springer.
- Bell, C., Lee, G., Pazzani, L., & Vuk, M. (2021). If looks could kill: Do characteristics of female offenders influence death penalty sentencing decisions?. *Women & Criminal Justice, 31*(2), 87-107.
- Bell, C., Lee, G., Pazzani, L., & Vuk, M. (2019). If Looks Could Kill: Do Characteristics of Female Offenders Influence Death Penalty Sentencing Decisions?. *Women & Criminal Justice, 1-21*.
- Benson, P. L., Karabenick, S. A., & Lerner, R. M. (1976). Pretty pleases: The effects of physical attractiveness, race, and sex on receiving help. *Journal of Experimental Social Psychology, 12*(5), 409-415.
- Bernstein, M. J., Young, S. G., Brown, C. M., Sacco, D. F., & Claypool, H. M. (2011). Adaptive responses to social exclusion: Social rejection improves detection of real and fake smiles. *Psychological Science, 22*(12), 1547-1552.

- Bento, M.A.S. (2007). Branqueamento e Branquitude no Brasil, Em I., Carone & M.A.S. Bento (Orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*, (pp. 25-58), Petrópolis: Vozes.
- Bernd, Z. (1984). *A questão da negritude*. São Paulo: Brasiliense.
- Berggren, H., Jordahl, H., & Poutvaara, P. (2010). The looks of a winner: Beauty and electoral success. *Journal of Public Economics*, 94(1-2), 8-15
- Berscheid, E. (1985). Interpersonal attraction. In G. Lindzey & E. Aronson (Eds.), *The handbook of social psychology* (3rd ed., Vol. 3, pp. 413–484). New York: McGrawHill.
- Berscheid, E., Dion, K. & Walster, G.W. (1971). Physical Attractiveness and Dating Choice: A Test of the Matching Hypothesis. *Journal Of Experimental Social Psychology* 7, 173-189.
- Berscheid, E., & Reis, H. T. (1998). Attraction and close relationships. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The Handbook of Social Psychology* (4th ed., Vol. 2, pp. 193-281). McGraw-Hill.
- Berscheid, E., & Walster, E. (1978). *Interpersonal attraction*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Berscheid, E., & Walster, E. (1974). The Matching Hypothesis: Physical Attractiveness among Newlywed Couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31(1), 79-84.
- Biaggio, A., Virkan, A. & Camino, C. (2005). Orientação Social, Papel Sexual e Julgamento Moral: Uma Comparação entre duas Amostras Brasileiras e uma Norueguesa. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 18(1), 1-16.
- Biernat, M., & Manis, M. (1994). Shifting standards and stereotype-based judgments. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(1), 5-20.
- Blair, I. V., Judd, C. M., & Chapleau, K. M. (2004). The influence of Afrocentric facial features in criminal sentencing. *Psychological Science*, 15(10), 674-679.
- Blasi, A. (1983). Moral cognition and moral action: A theoretical perspective. *Developmental Review*, 3(2), 178-210. doi:10.1016/0273-2297(83)90029-1

- Blasi, A. (1995). Moral understanding and moral personality: The process of moral integration. In W. M. Kurtines & J. L. Gewirtz (Orgs.), *Moral development: An introduction* (pp. 229-254). Boston: Allyn & Bacon.
- Blasi, A. (2004). Moral functioning: moral understanding and personality. In D. K. Lapsley & D. Narvaez (Eds.), *Moral development, self, and identity* (pp. 335-347). London: Psychology Press.
- Borges, E., Medeiros, C.A. & D'Adesky, J. (2002). Raça e discriminação. Em Loconte, W. (coord.), *Racismo, preconceito e intolerância*, São Paulo: Atual.
- Borges, L.C. (2006). 100% negro, camisetas, insígnias e utopias sociais. *Rev. Imaginário*, v. 12, n.13, 57-81. <https://www.revistas.usp.br/ima/article/view/42417>.
- Bornstein, R. F. (1989). Exposure and affect: Overview and meta-analysis of research, 1968–1987. *Psychological Bulletin*, 106, 265–289.
- Borráz-León, J. I., & Cerda-Molina, A. L. (2015). Facial asymmetry is negatively related to assertive personality but unrelated to dominant personality in men. *Personality and Individual Differences*, 75, 94-96.
- Brah, A. (2006). Diferença, diversidade, diferenciação, *Cadernos Pagu*, vol.26, (pp.329- 376). Retirado em: 19 de abr. 2013, do site: <www.scielo.br/scielo>.
- Brand, R. J., Bonatsos, A., D'Orazio, R., & DeShong, H. (2012). What is beautiful is good, even online: Correlations between photo attractiveness and text attractiveness in men's online dating profiles. *Computers in Human Behavior*, 28, 166–170.
- Bresolin Marinho, J. C., Da Silva, J. A., & Vale Caetano, M. R. (2017). Dilemas morais de saúde como estratégia de ensino para adolescentes. *Enseñanza de las ciencias*, (Extra), 3939-3944.

- Burke, D. M., Ames, M. A., Etherington, R., & Pietsch, J. (1990). Effects of victim's and defendant's physical attractiveness on the perception of responsibility in an ambiguous domestic violence case. *Journal of Family Violence*, 5(3), 199-207.
- Bussab, V. S., & Otta, E. (2002). Efetividade de estilos de fotos e de fala na percepção da atratividade feminina. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 131-145.
- Byrne, D. (1971). *The attraction paradigm*. New York: Academic Press.
- Byrne, D., Clore, G. L., & Smeaton, G. (1966). The attraction hypothesis: Do similar attitudes affect anything? *Journal of Personality and Social Psychology*, 3(6), 525-530.
- Camino, C., Camino, L. & Moraes, R. (2003). Moralidade e Socialização: Estudos Empíricos sobre Práticas Maternas de Controle Social e o Julgamento Moral. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 41-61.
- Camino, L., Silva, P. Machado, A. & Pereira, C. (2001). A Face Oculta do Racismo no Brasil: Uma Análise Psicossociológica. *Revista Psicologia Política* 1, 13-36. <https://www.fafich.ufmg.br>.
- Carone, Iray (2007). Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. Em I. Carone & M.A.S. Bento (Orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*, (pp.13-24), Petrópolis: Vozes.
- Carvalho, J.J. (2000). Racismo fenotípico e estética da segunda pele, *Revista cinética*, [s/n]. <https://www.revistacinetica.com.br>.
- Cash, T.F., Cash, D.W. & Butters, J.W.(1993). Mirror, Mirror, on the wall...?: Contrast effects and Self-Evaluations of Physical Attractiveness. *Personality and Social Psychology*, vl.9, n.3, pp. 351-358.
- Cash, T. F., & Duncan, N. C. (1984). Physical attractiveness stereotyping among Black American college students. *The Journal of Social Psychology*, 122(1), 71-77.

- Caspi, A., & Herbener, E. S. (1990). Continuity and change: Assortative marriage and the consistency of personality in adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(2), 250-258.
- Castro, N.A. (2011). Credibilidade da vítima e percepção do agressor com base na face. [Dissertação de Mestrado]. Departamento de Educação, Universidade de Aveiro.
- Cavior, N., & Howard, LR (1973). Atratividade facial e delinquência juvenil entre criminosos negros e brancos. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 1 (2), 202-213.
- Chelcea, S., & Ivan, L. (2016). O "efeito Aphrodite": Trabalho discriminação no mercado com base na atratividade. *Psihologia sociala*, (37), 37.
- Cheng, Q., Han, Z., Liu, S., Kong, Y., Weng, X., & Mo, L. (2022). Neural responses to facial attractiveness in the judgments of moral goodness and moral beauty. *Brain Structure and Function*, 227(3), 843-863.
- Chimamanda, A. (2009). The danger of a single story. TED Ideas worth spreading.
- Cikara, M., Farnsworth, R. A., Harris, L. T., & Fiske, S. T. (2010). On the wrong side of the trolley track: Neural correlates of relative social valuation. *Social cognitive and affective neuroscience*, 5(4), 404-413.
- Cikara, M., & Van Bavel, J. J. (2014). The neuroscience of intergroup relations: An integrative review. *Perspectives on Psychological Science*, 9(3), 245-274.
- Colby, A., & Damon, W. (1992). *Some do care: Contemporary lives of moral commitment*. New York: Free Press.
- Collado, S., Rodríguez-Rey, R., & Sorrel, MA (2021). A beleza importa? O efeito da atratividade percebida nos julgamentos morais das crianças sobre ações prejudiciais aos animais. *Environment and Behavior*. <https://doi.org/00139165211014626>.

- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2000). A safe haven: An attachment theory perspective on support seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 1053–1073.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663.
- Conselho Nacional de Saúde (CNS). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.
- Collins, P. H. (2009). *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. Routledge.
- Costa, A. A. D. (2012). *Parâmetros microestéticos numa reabilitação do setor anterior* (Doctoral dissertation, [sn]).
- Costa, R.G. (2009). Mestiçagem, racialização e gênero. *Sociologias*, 11(21), (pp.94-120).
- Coutinho, L.L. (2010). *Antônia sou eu, Antônia é você: identidade de mulheres negras na televisão brasileira*. 189 fls., (Dissertação de Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Crandall, C. S., & Eshleman, A. (2003). A justification-suppression model of the expression and experience of prejudice. *Psychological Bulletin*, 129(3), 414-446.
- Creswel, J. W. (2009). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*, Luciana de Oliveira da Rocha, trad.), Porto Alegre: Artmed.
- Crockett, M. J., Clark, L., Hauser, M. D., & Robbins, T. W. (2010). Serotonin selectively influences moral judgment and behavior through effects on harm aversion. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 107(40), 17433-17438.
- Cross, J. F., & Cross, J. (1971). Age, sex, race, and the perception of facial beauty. *Developmental Psychology*, 5(3), 433.

- Cui, X., Cheng, Q., Lin, W., Lin, J., & Mo, L. (2019). Different influences of facial attractiveness on judgments of moral beauty and moral goodness. *Scientific reports*, 9(1), 12152. <https://doi.org/10.1038/s41598-019-48649-5>
- Cunningham, M.R. (1986). Measuring the Physical in Physical Attractiveness: Quasi-Experiments on the Sociobiology of Female Facial Beauty. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 50, No. 5, 925-935.
- Cushman, F., & Greene, J. D. (2012). Finding faults: How moral dilemmas illuminate cognitive structure. *Social Neuroscience*, 7(3), 269-279.
- Cushman, F. A., Young, L., & Greene, J. D. (2010). Our multi-system moral psychology: Towards a consensus view. In J. Decety & J. Cacioppo (Eds.), *The Oxford Handbook of Social Neuroscience* (pp. 575-590). Oxford University Press.
- Damon, W. (1984). Self-understanding and moral development from childhood to adolescence. In W. M. Kurtines & J. L. Gewirtz (Eds.), *Morality, moral behavior and moral development* (pp.109-127). Hoboken: Willey.
- Dawes, R. M., Cesarini, D., Fowler, J. H., Johannesson, M., Magnusson, P. K., & Oskarsson, S. (2015). The relationship between genes, psychological traits, and political participation. *American Journal of Political Science*, 59(1), 171-191.
- Desantts, A., & Kayson, W. A. (1997). Defendants' characteristics of attractiveness, race, and sex and sentencing decisions. *Psychological reports*, 81(2), 679-683.
- DeScioli, P., & Kurzban, R. (2013). A solution to the mysteries of morality. *Psychological bulletin*, 139(2), 477.
- Dermer, M., & Thiel, DL (1975). Quando a beleza pode falhar. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31 (6), 1168.
- Devine, P. G. (1989). Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(1), 5-18.

- Dion, K. L. (2002). Physical attractiveness and evaluations of children's transgressions. *Journal of Applied Social Psychology*, 32(1), 86-103.
- Dion, K., Berscheid, E., & Walster, E. (1972). What is beautiful is good. *Journal of Personality and Social Psychology*. 24, 285-290.
- Dion, K., & Berscheid, E. (1971). Physical attractiveness and peer perception among children. *Sociometry*, 34(2), 136-144.
- Ditto, B., Eclache, M., & Goldman, N. (2006). Short-term autonomic and cardiovascular effects of mindfulness body scan meditation. *Annals of behavioral medicine*, 32(3), 227-234.
- Ditto, P. H., Pizarro, D. A., & Tannenbaum, D. (2006). Motivated moral reasoning. *Psychological Inquiry*, 17(2), 187-193.
- Diwan, Pietra Stefania (2002). Do feio ao belo: os caminhos da desumanização. Projeto *História*, 25, (pp.423-431). São Paulo.
- Domingues, P.J. (2002). Negros de alma branca? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 03, (pp.563-599). Retirado em: 15 de maio 2013, no site:<www.scielo.com.br>.
- Dovidio, J. F., & Gaertner, S. L. (2010). Intergroup bias. In S. T. Fiske, D. T. Gilbert, & G. Lindzey (Eds.), *Handbook of social psychology* (5th ed., Vol. 2, pp. 1084-1121). Wiley.
- Dovidio, J. F., Kawakami, K., & Gaertner, S. L. (2002). Implicit and explicit prejudice and interracial interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(1), 62-68.
- DuBois, J. M., Walsh, H., & Strait, M. (2018). It is time to share (some) qualitative data: Reply to Guishard (2018), McCurdy and Ross (2018), and Roller and Lavrakas (2018). *Qualitative Psychology*, 5(3), 412–415. <https://doi.org/10.1037/qup0000092>
- Duckit, J. (1992). Psychology and Prejudice. A historical analysis and a integrative framework. *American Psychologist*, 67, 10, 182-193.
- Duguid, M. M., & Gonçalo, J. A. (2012). Living large: The powerful overestimate their

- own height. *Psychological Science*, 23(1), 36-40.
- Dungan, J. A., Young, L., & Waytz, A. (2015). The psychology of morality. In J. Wright (Ed.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (Second Edition) (pp. 449-456). Elsevier. doi: 10.1016/B978-0-08-097086-8.52083-3.
- Dunton, B. C., & Fazio, R. H. (1997). An individual difference measure of motivation to control prejudiced reactions. *Personality and Social Psychology Bulletin*.
- Dyrenforth, P. S., Kashy, D. A., Donnellan, M. B., & Lucas, R. E. (2010). Predicting relationship and life satisfaction from personality in nationally representative samples from three countries: The relative importance of actor, partner, and similarity effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 99(4), 690–702.
- Eagly, A.H., Makhijani, M.G., Ashmore, R.D., Longo, L.C. (1991). What Is Beautiful Is Good, But...: A Meta-Analytic Review of Research on the Physical Attractiveness Stereotype. *Psychological Bulletin*, Vol. 110, No. 1, pp.109-128.
- Eagly, A. H., Mladinic, A., & Otto, S. (1991). Are women evaluated more favorably than men? An analysis of attitudes, beliefs, and emotions. *Psychology of Women Quarterly*, 15(2), 203-216.
- Eastwick, P. W., Luchies, L. B., Finkel, E. J., & Hunt, L. L. (2014). The predictive validity of ideal partner preferences: A review and meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 140(3), 623–665.
- Eberhardt, J. L., Davies, P. G., Purdie-Vaughns, V. J., & Johnson, S. L. (2006). Looking deathworthy: Perceived stereotypicality of Black defendants predicts capital-sentencing outcomes. *Psychological Science*, 17(5), 383-386
- Eberhardt, J. L., Goff, P. A., Purdie, V. J., & Davies, P. G. (2004). Seeing black: Race, crime, and visual processing. *Journal of Personality and Social Psychology*, 87(6), 876-893

- Efran, M. G., & Patterson, E. S. (1976). The eye of the beholder: Parents' views on sex of newborns. *American Journal of Orthopsychiatry*, 46(2), 295-301.
- Eisenberg, N., & Lennon, R. (1983). Sex differences in empathy and related capacities. *Psychological Bulletin*, 94(1), 100-1.
- Ekman, P., & Friesen, W. V. (1971). Constants across cultures in the face and emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 17(2), 124-129.
- Esses, V. M., Dovidio, J. F., Semanya, A. H., & Jackson, L. M. (2004). Attitudes toward immigrants and immigration: The role of national and international identity. In *Social psychology of inclusion and exclusion* (pp. 335-356). Psychology Press.
- Evans, M. G., Rutberg, S. E., & CharII, K. R. (1991). Nonverbal decoding skills and relationship well-being in adults. *Journal of Nonverbal Behavior*, 15(2), 113-125.
- Facegen Modeller v.3.0. (n.d.). [Software]. Disponível em: <https://facegen.com/modeller.htm>
- Feingold, A. (1992). Good-looking people are not what we think. *Psychological Bulletin*, 111, 304-341.
- Festinger, L., Back, K., Schachter, S., Kelley, H. H., & Thibaut, J. (1950). Theory and experiment in social communication. Ann Arbor: Research Center for Dynamics, Institute for Social Research, University of Michigan.
- Figueiredo, A. (2002). “Cabelo, cabeluda, descabelada”: identidade, consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros, Trabalho apresentado na XXVI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, MG.
- Fini, L.D.T. (1988). Desenvolvimento moral: de Piaget a Kohlberg. Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Professores do PROEPRE, Faculdade de Educação, UNICAMP, Lindóia, São Paulo.

- Fiske, S. T. (2013). Varieties of (de) humanization: Divided by competition and status. In *Objectification and (de) humanization* (pp. 53-71). Springer New York.
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J., & Glick, P. (2007). Universal dimensions of social cognition: Warmth and competence. *Trends in Cognitive Sciences*, 11(2), 77-83.
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J., Glick, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 878-902.
- Flores, M.B.R. (2007). *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*, Chapecó: Argos.
- Forgas, J. P. (2011). She just doesn't look like a philosopher...? Affective influences on the halo effect in impression formation. *European Journal of Social Psychology*, 41, 812–817.
- França, D.X. (2011). Concepções sobre o próprio e outro grupo: Um estudo sobre estereótipos em crianças índias, mulatas, negras e brancas. Em E.M., Techio, M.E.O., Lima (Orgs.). *Cultura e produção das diferenças: estereótipos no Brasil, Espanha e Portugal*. Brasília: Technopolitik.
- Fredrickson, George, M. (2002). *Racism – a short history*, (Miguel Ramallete, trad.), Princeton University.
- Freedman, R. J. (2014). Reflections on Beauty. *Health and the Female Adolescent*, 29.
- French, M. T. (2002). Illicit drug use, employment, and labor market success. *International Journal of Law and Psychiatry*, 25(3), 302-316.
- Frieze, I. H., Olson, J. E., & Russell, J. (1991). Attractiveness and responsibility in social interaction: Effects of race, sex, and sexual orientation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(6), 961-969.

- Frimer, J. A., Tell, C. E., & Haidt, J. (2015). Liberals condemn sacrilege too: The harmless desecration of Cerro Torre. *Social Psychological and Personality Science*, 6(8), 878–886. [https:// doi.org/10.1177/1948550615597974](https://doi.org/10.1177/1948550615597974)
- Frimer, J. A., & Walker, L. J. (2009). Reconciling the self and morality: an empirical model of moral centrality development. *Developmental Psychology*, 45(6), 1669-1681. doi:10.1037/a0017418.
- Fritzen, B. W. (2016). Efeito de informações sobre a vítima na tomada de decisão em dilemas morais.
- Fryrear, J. L., Nuell, L. R., & Ridley, S. D. (1974). Photographic self-concept enhancement of male juvenile delinquents. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42, 915.
- Gibbs, JC, Arnold, KD, Morgan, RL, Schwartz, ES, Gavaghan, MP, & Tappan, MB (1984). Construção e validação de uma medida de raciocínio moral de múltipla escolha. *Desenvolvimento infantil*, 527-536.
- Gilligan, C. (1982). Novos mapas de desenvolvimento: novas visões de maturidade. *American Journal of Orthopsychiatry*, 52 (2), 199.
- Gladue, B. A., & Delaney, H. J. (1990). Gender differences in perception of attractiveness of men and women in bars. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 16(2), 378-391.
- Goff, P. A., Jackson, M. C., Di Leone, B. A. L., Culotta, C. M., & DiTomasso, N. A. (2014). The essence of innocence: Consequences of dehumanizing Black children. *Journal of Personality and Social Psychology*, 106(4), 526-545.
- Gowda, M. S., Roberto, A. J., & Mohr, J. A. (1997). A model for reverse logistics entry by third-party providers. *International Journal of Physical Distribution & Logistics Management*, 27(3/4), 183-203.

- Graham, J., & Haidt, J. (2012). Valores sagrados e adversários do mal: Uma abordagem dos fundamentos morais. Em P. Valdesolo & J. Graham (Eds.), *Neurociência social e moralidade: Perspectivas cognitivas e afetivas* (pp. 11-30). Springer.
- Graham, J., Haidt, J., & Nosek, B. A. (2013). The moral foundations questionnaire: Analyses of longitudinal data. In M. R. Waldman (Ed.), *The Oxford handbook of political psychology* (2nd ed., pp. 1–39). Oxford University Press.
- Graham, J., Haidt, J., Koleva, S., Motyl, M., Iyer, R., Wojcik, S. P., & Ditto, P. H. (2013). Moral foundations theory: The pragmatic validity of moral pluralism. In *Advances in experimental social psychology* (Vol. 47, pp. 55-130). Academic Press.
- Graham, J., Haidt, J., & Nosek, B. A. (2009). Liberals and conservatives rely on different sets of moral foundations. *Journal of personality and social psychology*, 96(5), 1029–1046.
- Gray, K., & Wegner, D. M. (2008). The sting of intentional pain: When motive matters in the experience of hurt. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34(6), 732-745. doi: 10.1177/0146167208318407
- Greene, J., & Haidt, J. (2002). How (and where) does moral judgment work?. *Trends in cognitive sciences*, 6(12), 517-523.
- Greene, J. D., Morelli, S. A., Lowenberg, K., Nystrom, L. E., & Cohen, J. D. (2008). Cognitive load selectively interferes with utilitarian moral judgment. *Cognition*, 107(3), 1144-1154.
- Greene, J. D., Nystrom, L. E., Engell, A. D., Darley, J. M., & Cohen, J. D. (2004). The neural bases of cognitive conflict and control in moral judgment. *Neuron*, 44(2), 389-400.

- Greene, J. D., Sommerville, R. B., Nystrom, L. E., Darley, J. M., & Cohen, J. D. (2001). An fMRI investigation of emotional engagement in moral judgment. *Science*, 293(5537), 2105-2108.
- Greenberg, J., Pyszczynski, T., & Solomon, S. (1982). The self-serving attributional bias: Beyond self-presentation. *Journal of Experimental Social Psychology*, 18, 56–67.
- Greenberg, J., Schmader, T., Arndt, J., & Landau, M. J. (2016). A meta-analytic review of experiments examining the effects of mortality salience on prosocial behavior. *Psychological Bulletin*, 142(4), 859-886
- Greene, J., Sommerville, B. R., Nystrom, L. E., Darley, J. M., & Cohen, J. D. (2001). An fMRI investigation of emotional engagement in moral judgment. *Science*, 293, 2105–2108.
- Griffitt, W., & Veitch, R. (1974). Hot and crowded: Influence of population density and temperature on interpersonal affective behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 29(4), 549-556.
- Guimarães, A.S.A. (1999). Raça e os estudos de relações raciais no Brasil, *Novos Estudos*, n. 54, (pp. 147-156), CEBRAR.
- Guimarães, J.C.M. & Nina-e-Silva, C. H. (2013). Critérios masculinos e femininos de escolha de parceiros em uma amostra de estudantes universitários da cidade de Rio Verde-Go. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações*, v. 10, n. 1, 618-629.
- Gunnthorsdottir, A. (2001). Physical attractiveness of an animal species as a decision factor for its preservation. *Anthrozoös*, 14(4), 204–215.
<https://doi.org/10.2752/089279301786999355>

- Haidt, J., & Joseph, C. (2007). The moral mind: How five sets of innate intuitions guide the development of many culture-specific virtues, and perhaps even modules. *The innate mind*, 3, 367-391.
- Haidt, J. (2003). As emoções morais. No Manual de ciências afetivas (pp. 852-870). Imprensa da Universidade de Oxford.
- Haidt, J. (2001). The emotional dog and its rational tail: a social intuitionist approach to moral judgment. *Psychological review*, 108(4), 814.
- Halberstadt, J., Rhodes, G., & Zebrowitz, L. A. (2011). The attractiveness halo effect and the babyface stereotype in older and younger adults: Similarities, own-age accentuation, and older adult positivity effects. *Experimental Aging Research*, 37(2), 170-191.
- Hamermesh, D. S., & Biddle, J. E. (1994). Beauty and the labor market. *American Economic Review*, 84(5), 1174-1194.
- Hamilton, D. L. (1981). Illusory correlation as a basis for stereotyping. In D. L. Hamilton (Ed.), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior* (pp. 563–571). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Hehman, E., Flake, J. K., & Freeman, J. B. (2015). Facial attractiveness predicts moral judgments of individuals. *Social Psychological and Personality Science*, 6(7), 843-851.
- Heilman, M. E., & Saruwatari, L. R. (1979). When beauty is beastly: The effects of appearance and sex on evaluations of job applicants for managerial and nonmanagerial jobs. *Organizational behavior and human performance*, 23(3), 360-372.
- Heine, S. J., Lehman, D. R., Peng, K., & Greenholtz, J. (2002). What's wrong with cross-cultural comparisons of subjective Likert scales?: The reference-group effect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 903-918.

- Hertz, S. G., & Krettenauer, T. (2016). Does moral identity effectively predict moral behavior? A Meta-Analysis. *Review of General Psychology*, 20(2), 129-140. doi:10.1037/gpr0000062
- Hewstone, M., & Jaspars, J. (1987). Covariation and causal attribution: A logical model of the intuitive analysis of variance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 663– 672.
- Hill, S. E., & Buss, D. M. (2008). The mere presence of opposite-sex others on judgments of sexual and romantic desirability: opposite effects for men and women. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34(5), 635-647.
- Hinsz, V. B. (1989). Mate selection preferences: Gender differences examined in a national sample. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(3), 377-385.
- Ho, A. K., Sidanius, J., Kteily, N. S., Sheehy-Skeffington, J., Pratto, F., Henkel, K. E., & Stewart, A. L. (2015). The nature of social dominance orientation: Theorizing and measuring preferences for intergroup inequality using the new SDO7 scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109(6), 1003-1028.
- Hordge-Freeman, E. (2020). *A cor do amor: Estigma racial, traços fenotípicos e socialização em famílias negras brasileiras*. Selo Negro Edições.
- Hordge-Freeman, E. (2019). *The Color of Love: Racial Features, Stigma, and Socialization in Black Brazilian Families*. University of Texas Press.
- Hofbauer, Andreas (2006). *Uma história do branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora UNESP.
- Hogg, M. A., & Abrams, D. (1988). *Social identifications*. London: Routledge.
- Hovland, C. I., & Sears, R. R. (1940). Minor studies in aggression: 6. Correlation of lynchings with economic indices. *Journal of Psychology*, 9, 301–310.

- Hugenberg, K., & Bodenhausen, G. V. (2004). Ambiguity in social categorization: The role of prejudice and facial affect in race categorization. *Psychological Science, 15*(5), 342-345.
- Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico do Brasil (2013). Características étnico-raciais da população: classificações e identidades. Petrucelli, J.L & Saboia, A.L. (orgs.). (Estudos e Análises, n. 2). Rio de Janeiro.
- JASP Team (2022). JASP (version 0.16.4) [Computer Software].
- Jiang, C., He, W., Ma, X., & Zhao, Y. (2020). Beauty matters: Physical attractiveness and moral decision making in social dilemmas. *Frontiers in Psychology, 11*, 2439.
- Juiz, C., Hurst, J., & Simon, A. (2009). What does a median voter model say about the gender gap in support for public spending? *Journal of Politics, 71*(3), 821-830.
- Kahane, G. (2015). Sidetracked by trolleys: Why sacrificial moral dilemmas tell us little (or nothing) about utilitarian judgment. *Social neuroscience, 10*(5), 551-560.
- Kahane, G., Everett, J. A., Earp, B. D., Farias, M., & Savulescu, J. (2015). 'Utilitarian' judgments in sacrificial moral dilemmas do not reflect impartial concern for the greater good. *Cognition, 134*, 193-209.
- Kahane, G., Everett, J. A., Earp, B. D., Farias, M., & Savulescu, J. (2012). 'Utilitarian' judgments in sacrificial moral dilemmas do not reflect impartial concern for the greater good. *Cognition, 126*(3), 353-362.
- Kang, S. K., & Gray, J. R. (2014). Divergent effects of belief and disbelief in free will on moral judgments. *Journal of Personality and Social Psychology, 106*(4), 501-513.
- Kawashima, R. A., Martins, R. A., & Bataglia, P. U. R. (2015). Histórias e dilemas morais com crianças: instrumento para pesquisadores e educadores. *Interfaces da Educação, 6*(16), 211-230.

- Kelly, S., & Dunbar, R. I. (2001). Who dares, wins: Heroism versus altruism in women's mate choice. *Human Nature*, 12, 89-105.
- Kenny, D. A., & La Voie, L. (1982). Reciprocity of interpersonal attraction: A confirmed hypothesis. *Social Psychology Quarterly*, 45, 54–58
- Kilianski, S. E., & Rudman, L. A. (1998). Wanting it both ways: Do women approve of benevolent sexism?. *Sex Roles*, 39(5-6), 333-352.
- Killgore, W. D. S., Killgore, D. B., Day, L. M., Li, C., Kamimori, G. H., & Balkin, T. J. (2007). The effects of 53 hours of sleep deprivation on moral judgment. *Sleep*, 30(3), 345–352.
- Kilomba, G. (2019). *Plantation memories: Episodes of everyday racism*. Unrast Verlag.
- Klebl, C., Luo, Y., & Bastian, B. (2022). Beyond aesthetic judgment: Beauty increases moral standing through perceptions of purity. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 48(6), 954-967.
- Kleider-Offutt, H. M., & Hoffarth, M. R. (2019). Beyond sexual objectification: Exploring the consequences of sexual pressure from male peers. *Psychology of Women Quarterly*, 43(1), 48-65.
- Kobayashi, E.; Faria, L. & Costa, M.C. (2009). Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional, *Sociologias*, ano 11, nº 22, (pp. 314-351), Porto Alegre.
- Koenigs, M., Kruepke, M., Zeier, J., & Newman, JP (2012). Juízo moral utilitário na psicopatia. *Neurociência Social Cognitiva e Afetiva*, 7(6), 708-714.
- Koenigs, M., Young, L., Adolphs, R., Tranel, D., Cushman, F., Hauser, M., et al. (2007). Damage to the prefrontal cortex increases utilitarian moral judgements. *Nature*, 446(7138), 908–911.

- Kohatsu, L. N. (2017). Notas sobre o uso de imagens visuais nas pesquisas em psicologia. *Revista de Psicologia*, 8(1), 23-36.
- Kohlberg, L. (1976). The quest for justice in 200 years of American history and in contemporary American education. *Contemporary Education*, 48(1), 5.
- Kohlberg, L. (1971). Stages of moral development. *Moral education*, 1(51), 23-92.
- Kohlberg, L. (1968). The child as moral philosopher, *Psychology Today*, 2, 25-30.
- Kohlberg, L. (1966). Moral Education in the schools: a development view the school review, 74, 1-30, p.3 e 14.
- Kohlberg, L. (1958). The desenvolvimento of moes of moral thinking and choise in the years tem on sixteen, (unpublished doctoral dissertation), University of Chicago.
- Kohlberg, L. (1989). Estadios morales y moralización: El enfoque cognitivo-evolutivo. In E. Turiel, L. Enesco, & J. Linaza (Orgs.), *El mundo social en la mente infantil*. Madrid: Alianza Editorial.
- Koller, S. H., Wilson, M. L., & Rutledge, S. E. (1994). Children's moral reasoning and their knowledge of social events: A longitudinal study. *Merrill-Palmer Quarterly*, 40(3), 380-401.
- Kower, R. (1998). Effects of social deviance labels on judgments of facial attractiveness: A comparison of labeling procedures using Japanese raters. *International Journal of Psychology*, 33, 1-16.
- Kraut, R., Patterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukophadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). Internet paradox: A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, 53(9), 1017–1031.
- Kristiansen, C. M., & Hotte, A. M. (1996). Morality and the self: Implications for the when and how of value-attitude-behavior relations. In *The psychology of values:*

- The Ontario symposium* (Vol. 8, pp. 77-105). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Krosch, A. R., & Amodio, D. M. (2016). Economic scarcity shapes racial bias in empathy and attention. *Social Psychological and Personality Science*, 7(5), 463-471.
- Kteily, N. S. (2015). Ethnicity and judgment of moral transgressions: Some preliminary findings. *Journal of Cognition and Culture*, 15(3-4), 295-317.
- Kugler, M. B., Cooper, J., & Nosek, B. A. (2016). Disproportional associations in evaluations of groups: The role of outgroup favorability in selecting exemplars and evaluating contrasting categories. *Journal of Experimental Social Psychology*, 65, 73-80.
- Landis, C. (1924). Studies of emotional reactions: II. General behavior and facial expression. *Journal of Comparative Psychology*, 4(5), 447-509.
- Landau, M. J., Meier, B. P., & Keefer, L. A. (2010). A metaphor-enriched social cognition. *Psychological Bulletin*, 136(6), 1045–1067. doi:10.1037/a0020970.
- Landová, E., Poláková, P., Rádlová, S., Janovcová, M., Bobek, M., & Frynta, D. (2018). Beauty ranking of mammalian species kept in the Prague Zoo: Does beauty of animals increase the respondents' willingness to protect them? *The Science of Nature*, 105(11–12), 69.
- Langlois, J. H., Kalakanis, L., Rubenstein, A. J., Larson, A., Hallam, M., & Smoot, M. (2000). Maxims or myths of beauty? A meta-analytic and theoretical review. *Psychological bulletin*, 126(3), 390.
- Langlois, J. H., Ritter, J. M., Casey, R. J., & Sawin, D. B. (1995). Infant attractiveness predicts maternal behaviors and attitudes. *Developmental Psychology*, 31(3), 464–472. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0012-1649.31.3.46>.

- Lapsley, D. K. (2010). Moral agency, identity and narrative in moral development: Commentary on Pasupathi and Wainryb. *Human Development*, 53(2), 87-97. doi:10.1159/000288210
- Lapsley, D. K., & Hill, P. L. (2009). The development of the moral personality. In D. Narvaez & D. K. Lapsley (Eds.), *Personality, identity, and character: Explorations in moral psychology* (pp. 185-213). New York: Cambridge University Press.
- Lapsley, D. K., & Narvaez, D. (2004). A social-cognitive approach to the moral personality. In: D. K. Lapsley & D. Narvaez (Eds.), *Moral development, self, and identity* (pp.189-212). London: Psychology Press.
- Lapsley, D. K., & Stay, P. (2014). Moral self-identity as the aim of education. In L. Nucci & D. Narvaez (Eds.), *Handbook of moral and character education*. Abingdon: Routledge
- Latané, B., Liu, J. H., Nowak, A., Bonevento, M., & Zheng, L. (1995). Distance matters: Physical space and social impact. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21(8), 795–805.
- Leder, H., Belke, B., Oeberst, A., & Augustin, D. (2004). Um modelo de apreciação estética e julgamentos estéticos. *Jornal britânico de psicologia*, 95 (4), 489-508.
- Lee-Manoel, C.L.; Morais, M.L.S.; Bussab, V.S.R. & Otta, E. (2002). Quem é bom (e eu gosto) é bonito: efeitos da familiaridade na percepção de atratividade física em pré-escolares, *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15(2), 271-782.
- Leite, F. T. (2008). *Metodologia Científica: métodos, técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros*, Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras.
- Lemay Jr, E. P., Clark, M. S., & Greenberg, A. (2010). What is beautiful is good because what is beautiful is desired: Physical attractiveness stereotyping as projection of interpersonal goals. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 36(3), 339-353.

- Leventhal, G., & Kratochwill, R. (1977). Physical attractiveness and severity of sentencing. *Psychological Reports*, 40(1), 315-318.
- Lima, M. E. O., dos Santos Rodrigues, H., & Santos, E. V. (2022). Sexual Racism in Brazil: Aesthetic Preference, Beauty Models and Stereotypes. *Trends in Psychology*, 30(3), 480-496.
- Santos, E. V. (2015). A influência da cor da pele nas representações sociais sobre beleza e feiura.
- Lima, M.E.O. (2011). Da diferença à indiferença: Racismo contra Índios, Negros e Ciganos no Brasil. Em Techio, E.M. & Lima, M.E.O. (orgs.). Brasília: Technopolitik.
- Lima, M.E.O., & Vala, J. (2005). The colour of success: Effects of the social and economical performance on the whitening and on the inhumanization of Blacks in Brazil. *Psicologia USP*, 16 (3), 143-165. <https://www.scielo.com.br>.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 9, (3), (pp.401-411). <https://www.biblioteca.planejamento.gov.br>
- Lima, M. E. O. (2002). Normas Sociais e Racismo: Efeitos do Individualismo Meritocrático e do Igualitarismo na Infra Humanização dos Negros, (Tese de Doutorado), Instituto Superior de Ciências do Trabalho da Empresa - ISCTE. <https://www.marcuseugenio.wordpress.com>
- Lippa, R. A. (2007). The preferred traits of mates in a cross-national study of heterosexual and homosexual men and women: An examination of biological and cultural influences. *Archives of Sexual Behavior*, 36(2), 193-208.
- Liu, Y., Smith, J., Johnson, R., & Garcia, J. (2021). Ethnicity and gender effects on wallet-return behavior: A study of cultural differences. *Journal of Social Psychology*, 65(2), 143-158.

- Mackinnon, S. P., Jordan, C. H., & Wilson, A. E. (2011). Birds of a feather sit together: Physical similarity predicts seating choice. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 37, 879–892.
- Maddox, K. B., & Gray, S. A. (2002). Cognitive representations of Black Americans: Reexploring the role of skin tone. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(2), 250-259.
- Malle, B. F., Guglielmo, S., & Monroe, A. E. (2014). A theory of blame. *Psychological Inquiry*, 25(2), 147-186.
- McConnell, M. (2014). Moral dilemmas and moral failure. In E. N. Zalta (Ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2014 Edition). Retrieved from <https://plato.stanford.edu/archives/fall2014/entries/moral-dilemmas/>
- Maheirie, K. (2005). Autofotografia: Retratos de si no espelho fotográfico. *Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia*, 26, 81-92.
- Marešová, J., & Frynta, D. (2008). Noah's Ark is full of common species attractive to humans: The case of boid snakes in zoos. *Ecological Economics*, 64(3), 554–558. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2007.03.012>
- Marinho, J. C. B., & Silva, J. A. D. (2019). The moral and ethical analysis in the health care of Cape Verdean and Brazilian adolescents regarding the consumption of cigarettes, alcohol, drugs and anabolics. *Ciência & Educação (Bauru)*, 25(2), 297-315.
- Mak, S., Chen, Z., & Lee, F. (2019). The influence of owner ethnicity and gender on wallet-return behavior. *Journal of Social Psychology*, 55(3), 217-231.
- Maurente, N. (2007). A autofotografia e as relações identitárias contemporâneas. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 4(11), 99-116.

- McGuire, J., Langdon, R., Coltheart, M., & Mackenzie, C. (2009). A reanalysis of the personal/impersonal distinction in moral psychology research. *Journal of Experimental Social Psychology, 45*(3), 577-580.
- McPherson, M., Smith-Lovin, L., & Cook, J. M. (2001). Birds of a feather: Homophily in social networks. *Annual Review of Sociology, 27*(1), 415-444.
- Meier, B. P., Robinson, M. D., Carter, M. S., & Hinsz, V. B. (2010). Are sociable people more beautiful? A zero-acquaintance analysis of agreeableness, extraversion, and attractiveness. *Journal of Research in Personality, 44*(2), 293-296.
- Mello, J.J. (2011). “A beleza é a melhor carta de recomendação”: Associação da beleza com julgamentos de credibilidade a um nível implícito e explícito. (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário – Lisboa, Portugal.
- Mendes, A.I.F., Arrais, K.C., & Fukusima, S.S. (2009). Faces Prototípicas Provenientes de Amostras Populacionais de uma Região Brasileira. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 22*(2), 261-268.
- Miller, C. T. (1982). The role of performance-related similarity in social comparison of abilities: A test of the related attributes hypothesis. *Journal of Experimental Social Psychology, 18*, 513–523.
- Mills, J. (1984). Nonverbal communication and attraction: Approach or avoidance behavior. *Journal of Nonverbal Behavior, 8*(1), 53-63.
- Mobius, M. M., & Rosenblat, T. S. (2006). Why beauty matters. *American Economic Review, 96*(1), 222-235.
- Monteiro, M. B. (2013). Preconceito, estereótipo e discriminação: Interfaces com a Psicologia Social. In R. N. Castro, M. S. R. Pereira, & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia social contemporânea: Livro-texto* (pp. 236-259). Pioneira Thomson Learning.

- Montoya, R. M., & Horton, R. S. (2013). A metaanalytic investigation of the processes underlying the similarity-attraction effect. *Journal of Social and Personal Relationships*, 30, 64–94.
- Morel, A. P. S. (2014). *Trabalhada no glamour: identidade e consumo de beleza por mulheres da nova classe média*.
- Moreland, R. L., & Beach, S. R. (1992). Exposure effects in the classroom: The development of affinity among students. *Journal of Experimental Social Psychology*, 28(3), 255–276.
- Moshman, D. (2011). *Adolescent rationality and development: Cognition, morality, and identity* (3a ed.). Abingon: Taylor & Francis.
- Navarrete, C. D., McDonald, M. M., Molina, L. E., & Sidanius, J. (2012). Prejudice at the nexus of race and gender: An outgroup male target hypothesis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 102(4), 689-703.
- Neiva-Silva, L., & Koller, S. H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de psicologia (Natal)*, 7, 237-250.
- Newcomb, T. M. (1956). *The acquaintance process*. Holt, Rinehart and Winston.
- Newman, A. A. (2009, February 18). The body as billboard: Your ad here. *The New York Times*, p. B3. <https://www.nytimes.com/2009/02/18/business/media/18adco.html>.
- Newman, L. S. (1996). Trait impressions as heuristics for predicting future behavior. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22, 395–411.
- Nichols, S. (2002). Norms with feeling: Towards a psychological account of moral judgment. *Cognition*, 84(2), 221-236.
- Nichols, S., & Mallon, R. (2006). Dilemas morais e regras morais. *Cognição*, 100, 530-542.

- Niemiec, C. P., Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2010). The path taken: Consequences of attaining intrinsic and extrinsic aspirations in post-college life. *Journal of Research in Personality*, 44(3), 255-257
- Nogueira, O. (2007), "Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil". *Tempo soc.*, 19, (1), (pp.287-308).
- Norton, M. I., Frost, J. H., & Ariely, D. (2007). Less is more: The lure of ambiguity, or why familiarity breeds contempt. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92(1), 97–105.
- Nosek, B. A. (2007). Implicit–explicit relations. *Current directions in psychological science*, 16(2), 65-69.
- Nosek, B. A., Banaji, M. R., & Greenwald, A. G. (2002). Harvesting implicit group attitudes and beliefs from a demonstration web site. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 6(1), 101.
- Novaes, J.V. (2006). O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos, Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio: Garamond.
- Novaes, J.V. & Vilhena, J. (2003). De Cinderela à moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. *Interações*, vol. 8, n. 15, (pp. 09-36). [https:// www.pepsic.bvsa-lud.org/](https://www.pepsic.bvsa-lud.org/).
- Nunes, S.S. (2010). Racismo contra negros: um estudo sobre o preconceito sutil. [Tese de Doutorado] – Instituto de Psicologia. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
- O'Brien, L. T., Blodorn, A., Adams, G., Garcia, D. M., Hammer, E., & Plaut, V. C. (2010). Ethnic variation in gender-STEM stereotypes and STEM participation: An

- intersectional approach. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 16(3), 462-470.
- Oliveira, A.C.D. (2007). *Novas imagens, velhos conceitos: a produção de imagens de moda no Brasil e a visibilidades dos modelos negros*. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Olivola, C. Y., Funk, F., & Todorov, A. (2014). Social attributions from faces bias human choices. *Trends in Cognitive Sciences*, 18(11), 566-570.
- Olivola, C. Y., & Todorov, A. (2010). Elected in 100 milliseconds: Appearance-based trait inferences and voting. *Journal of nonverbal behavior*, 34, 83-110.
- Omote, S. (1994). Fidedignidade na percepção da atratividade física facial. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 10 (2), 143-157.
- Oosterhof, N. N., & Todorov, A. (2008). The functional basis of face evaluation. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 105(32), 11087-11092.
- Paim, L. R. (2017). *A aparência racializada: Percepções e experiências de mulheres negras sobre seu corpo*. *Revista Gênero*, 17(1), 89-110.
- Paim, A. S.; Pereira, M. E. (2011). *Aparência física, estereótipos e discriminação racial*. In: *Ciências & Cognição*, vol. 16 (1), (pp.02-018), Salvador. [https://:www.cienciasecognicao.org](https://www.cienciasecognicao.org).
- Paim, A.S. (2007). *Aparência física, Estereótipos e inserção profissional: um estudo sobre a profissão de Secretariado Executivo segundo a percepção das estudantes de secretariado*. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós-Graduação. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

- Palacios, M. L., Garcia-Marques, L., & Mackie, D. M. (2016). Toward a general model of the impact of distinct emotions on judgments and decisions: A review of evidence. *Emotion Review*, 8(3), 289-302.
- Palma, T., & Maroco, J. (2009). Escalas de motivação interna e motivação externa para responder sem preconceito: Estudo de validação cruzada da versão portuguesa. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 10(2), 267-275.
- Patil, I., Zucchelli, MM, Kool, W., Campbell, S., Fornasier, F., Calò, M., Silani, G., Cikara, M., & Cushman, F. (2021). O raciocínio apóia resoluções utilitaristas para dilemas morais em diversas medidas. *Journal of Personality and Social Psychology*, 120 (2), 443-460. <https://doi.org/10.1037/pspp0000281>
- Paunonen, SV (2006). Você é honesto, por isso gosto de você e te considero atraente. *Journal of Research in Personality*, 40 (3), 237-249.
- Paxton, JM, Ungar, L., & Greene, JD (2012). Reflexão e raciocínio no julgamento moral. *Ciência Cognitiva*, 36(1), 163-177.
- Peplau, L. A., & Fingerhut, A. W. (2007). The close relationships of lesbians and gay men. *Annu. Rev. Psychol.*, 58, 405-424.
- Pereira, M. E. (2002). Preconceito, estereótipos e discriminação: uma introdução ao estudo das relações entre cultura e comportamento. Editora da Universidade Federal da Paraíba.
- Pereira, M. E., Dantas, C. R., & Alves, H. M. (2011). O papel das pistas ambientais na ativação de estereótipos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(1), 17-24.
- Perrette, D.I., May, K.A. & Yoshikawa, S. (1994). Facial shape and judgments of female attractiveness, *Nature*, 368, 239-242.
- Petersen, M. B., & Lüders, C. (2015). Moral emotions and moral cognition in dilemmas of life and death. *Emotion*, 15(5), 569-580.

- Petersen, MB, Sell, A., Tooby, J., & Cosmides, L. (2013). *Psicologia Evolutiva e o Cérebro. Opinião atual em psicologia*, 3, 1-7.
- Piaget, J. (1932). *Le judgment moral Chez L'enfant*, Paris, France, Presses Universitaires, 1973 (original de 1932).
- Piaget, J. (2014). *Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança*. Rio de Janeiro, RJ: Wak. (Trabalho original publicado em 1953).
- Pintner, R. (1918). Intelligence as estimated from photographs. *Psychological Review*, 25(4), 286.
- Plant, E. A., & Peruche, B. M. (2005). The consequences of race for police officers' responses to criminal suspects. *Psychological Science*, 16(3), 180-183.
- Pohling, R., & Diessner, R. (2016). Moral elevation and moral beauty: A review of the empirical literature. *Review of General Psychology*, 20(4), 412-425.
- Poterotto, J. J., & Wise, S. L. (1987). Development and validation of the Multigroup Ethnic Identity Measure (MEIM) within an adolescent population. *Journal of Applied Measurement*, 1(1), 51-64.
- Putz, Á., Palotai, R., Csertő, I., & Bereczkei, T. (2016). Beauty stereotypes in social norm enforcement: The effect of attractiveness on third-party punishment and reward. *Personality and Individual Differences*, 88, 230-235.
- Reed, A., Kay, A., Finnel, S., Aquino, K., & Levy, E. (2016). I don't want the money, I just want your time: How moral identity overcomes the aversion to giving time to prosocial causes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 110(3), 435-457. doi:10.1037/pspp0000058.
- Reis, H. T., Wheeler, L., Spiegel, N. H., Kernis, M. H., Nezlek, J. B., & Perri, M. G. (1982). Physical attractiveness and dating choice: A test of the matching hypothesis. *Journal of Experimental Social Psychology*, 18(4), 388-396.

- Reis, H. T., Nezlek, J. B., & Wheeler, L. (1980). Physical attractiveness in social interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(5), 604-617.
- Rennels, J. L., & Langlois, J. H. (2014). Children's attractiveness, gender, and race biases: A comparison of their strength and generality. *Child Development*, 85(4), 1401-1418.
- Resende, L. M., & Porto, J. B. (2017). Identidade moral e julgamentos morais em situações de dilema moral. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 17(3), 870-889.
- Rest, J., Thoma, SJ, Narvaez, D., & Bebeau, MJ (1997). Alquimia e além: indexando o teste de questões definidoras. *Journal of Educational Psychology*, 89 (3), 498.
- Reynolds, S. J., & Ceranic, T. L. (2007). The effects of moral judgment and moral identity on moral behavior: an empirical examination of the moral individual. *Journal of applied psychology*, 92(6), 1610.
- Ritter, B. A., & Preston, C. C. (2011). Implicit measures of the attractiveness stereotype: How "liking" relates to age and race. *Sex Roles*, 64(7-8), 586-596.
- Rottman, J., Kelemen, D., & Young, L. (2015). Hindering harm and preserving purity: How can moral psychology save the planet? *Philosophy Compass*, 10(2), 134–144. <http://dx.doi.org/10.1111/phc3.12195>
- Rozin, P., & Ruby, M. B. (2020). Bugs are blech, butterflies are beautiful, but both are bad to bite: Admired animals are disgusting to eat but are themselves neither disgusting nor contaminating. *Emotion*, 20(5), 854–865. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/emo0000587>
- Rozin, P. (1999). The process of moralization. *Psychological science*, 10(3), 218-221.
- Ruby, M. B., & Heine, S. J. (2012). Too close to home. Factors predicting meat avoidance. *Appetite*, 59(1), 47–52. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2012.03.020>

- Rule, N. O., Ambady, N., & Adams Jr, R. B. (2009). Personality in perspective: Judgmental consistency across orientations of the face. *Perception*, 38, 1688-1699.
- Rule, NO, & Ambady, N. (2008). A face do sucesso: inferências da aparência dos diretores executivos prevêem os lucros da empresa. *Psychological Science*, 19(2), 109-111.
- Sabin, J. A., Nosek, B. A., Greenwald, A. G., & Rivara, F. P. (2015). Physicians' implicit and explicit attitudes about race by MD race, ethnicity, and
- Sacco, A. M. (2015). Orgulho e preconceito: O desenvolvimento de atitudes raciais implícitas e explícitas em crianças de Porto Alegre e Salvador.
- Sant'Anna, D. B. (2005). Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. Em: Sant'Anna, D. B. (org.), *Políticas do corpo*, São Paulo: Estação Liberdade.
- Santos, E.V. & Lima, M.E.O. (2019) A influência da cor da pele nas representações sociais sobre a beleza e a feiura no Brasil. In André Faro Marcus Eugênio Oliveira Lima Dalila Xavier de França Sonia Regina Fiorim Enumo Cícero Roberto Pereira (Orgs.). CRV: Curitiba-PR.
- Santos, E.V. & Da Silva, P. (2017). Introdução. In *Psicologia e Relações Interétnicas: Diálogos Interdisciplinares*. [https:// Psicologia e relações interétnicas dialogos interdisciplinares by GT-Relações Interétnicas - issuu](https://Psicologia e relações interétnicas dialogos interdisciplinares by GT-Relações Interétnicas - issuu).
- Santos, E.V. & Souza, I.M. (2017). Trajetórias e estratégias de mobilidade social de mulheres negras sergipanas In *Psicologia e Relações Interétnicas: Diálogos Interdisciplinares*. [https:// Psicologia e relações interétnicas dialogos interdisciplinares by GT-Relações Interétnicas - issuu](https://Psicologia e relações interétnicas dialogos interdisciplinares by GT-Relações Interétnicas - issuu).
- Santos, E.V. & Rocha, N.G. (2017). Estética negra, consumo e ascensão social. In *Psicologia e Relações Interétnicas: Diálogos Interdisciplinares*. [https:// Psicologia e](https://Psicologia e)

relações interétnicas dialogos interdisciplinares by GT-Relações Interétnicas - is-suu.

Santos, E.V. & Lima, M.E.O. (2015). Representações sociais sobre beleza e feiura: relações com a cor de pele e racismo na mídia televisiva brasileira In Silva, I.C., Pignatelli, M. & Viegas, S.M. (coords.), Livro de Atas do 1º Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa 2015, Lisboa, Portugal.

Santos, E.V. & Silva, P. (2011). Representações sociais da estética negra, Trabalho apresentado no 7º Congresso Norte-Nordeste de Psicologia, Salvador. <http://www.conpsi7.ufba.br/>.

Santos, J. F. et al. (2019). Knowledge, attitudes and beliefs about organ donation and transplantation among young people from Sergipe, Brazil. *Acta Paulista de Enfermagem*, 32(1), 48-55.

Spivak, G. C. (2016). *A critique of postcolonial reason: Toward a history of the vanishing present*. Harvard University Press.

Sato, L. (2009). *Imagens do eu: Um estudo sobre a fotografia e a autoimagem na cultura contemporânea*. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, 3(2), 61-73.

Schucman, Lia Vainer (2012). *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”:* raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana, Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo.

Shenhav, A., & Greene, J. D. (2014). Moral judgments recruit domain-general valuation mechanisms to integrate representations of probability and magnitude. *Neuron*, 82(3), 683-694.

Sherif, M. (1956). Experiments in group conflict. *Scientific American*, 195(5), 54-59.

- Shimizu, A. D. M. (2005). Os instrumentos de medida de julgamento moral elaborados com base na teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, 3(4).
- Shweder, R. A., Mahapatra, M., & Miller, J. G. (1987). Culture and moral development. *The emergence of morality in young children*, 1-83.
- Shweder, R. A., Much, N. C., Mahapatra, M., Park, L., Brandt, A., & Rozin, P. (1997). Morality and health. *A. Brandt & P. Rozin (Eds.)*, 119-169
- Sidanius, J., Levin, S., Liu, J., & Pratto, F. (2000). Social dominance orientation, anti-egalitarianism and the political psychology of gender: An extension and cross-cultural replication. *European Journal of Social Psychology*, 30(1), 41-67.
- Sigal, H., & Ostrove, N. (1975). Beautiful but dangerous: effects of offender attractiveness and nature of crime in juridical judgements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31(3), 410-414.
- Silva, M. A. M. D., & Araújo, U. F. D. (2020). Self moral e identidade moral: integração entre perspectivas. *Psicologia USP*, 31.
- Silva, A.V., Günther, R., Lara, A.A., Cunha, L.F. & Almeida, V.J.S. (1998). Técnicas da carta-perdida como instrumento de pesquisa social um estudo sobre preconceito e ajuda. <https://www.educadores.diaadia.pr.gov.br>.
- Silverstein, B., Perdue, L., Peterson, B. & Kelly, E. (1986). The role of the mass media in Promoting a thin standard of bodily attractiveness for women. *Sex Roles*, 14 (9-10), 519-532.
- Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: Evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(6), 870-883.

- Skitka, L. J., Bauman, C. W., & Sargis, E. G. (2005). Moral conviction: Another contributor to attitude strength or something more?. *Journal of personality and social psychology*, 88(6), 895.
- Slepian, M. L., Weisbuch, M., Rule, N. O., & Ambady, N. (2018). Tough and tender: Embodied categorization of gender. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 44(1), 82-94.
- Sletteboe, A. (1997). Dilemma: a concept analysis. *Journal of Advanced Nursing*, 26(3), 449-454.
- Smith, J. D., Dishion, T. J., Shaw, D. S., Wilson, M. N., & Winter, C. C. (2014). Características semelhantes de personalidade são importantes para casais heterossexuais. *Journal of Personality and Social Psychology*, 107(1), 55-75.
- Smith, M. B. (1984). Conceptions of morality: A theoretical and empirical study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(3), 585-595.
- Souto, R.P. & Cornélio, C.G. (2014). Cognição e cultura: implicações do discurso argumentativo sobre os processos do desenvolvimento moral. *Ágora Filosófica*, 14, n. 1, 91-102.
- Souza, N.S. (2019). Tornar-se Negro: As vicissitudes da Identidade do negro brasileiro em ascensão social, Rio de Janeiro: Graal;
- Starmans, C., & Bloom, P. (2018). People judge the morality of sacrificing one person to save many depending on how the sacrifice is carried out. *Journal of Experimental Psychology: General*, 147(6), 815-826.
- Stern, P. C., Dietz, T., Abel, T., Guagnano, G. A., & Kalof, L. (1999). A value-belief-norm theory of support for social movements: The case of environmentalism. *Human Ecology Review*, 6, 81-97.
- Strohinger, N., Knobe, J., & Newman, G. E. (2017). The true self: A psychological concept distinct from the self. *Perspectives on Psychological Science*, 12(4), 551-560.

- Suenaga, C.; Lisboa, D.C; Silva, M.S. & Paula, V.B. (2012). Conceito, beleza e contemporaneidade: fragmentos históricos no decorrer da evolução estética. (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) – Universidade do Vale do Itajaí, Florianópolis, SC.
- Sznycer, D., Tooby, J., Cosmides, L., Porat, R., Shalvi, S., & Halperin, E. (2017). A vergonha acompanha de perto a ameaça de desvalorização por parte dos outros, mesmo entre culturas. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 114(25), 6408-6413.
- Tacca, M. C. M. (2005). O autorretrato fotográfico: Representações do eu na contemporaneidade. *Revista Famecos*, 27, 7-13.
- Tajfel, H., & Turner, J.C. (1986). The social identify theory of intergroup behavior. In Worchel, S., & Austin W.G. (eds.), *Psychology of intergroup relations*, Chicago: Nelson.
- Techio, E.M. (2011). Estereótipos sociais como preditores das relações intergrupais. In Techio, E.M. & Lima, M.E.O., *Cultura e Produção das diferenças: estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal*.
- Thilen, I.P., Neto, M.R., Soares, D.P. & Hartmann, R.C. (2005). Metaphor: o jogo do trânsito. *Psicologia: Pesquisa & Trânsito*, v. 1, nº 1, 45-52.
- Thyne, M., Robertson, K., Thomas, T., & Ingram, M. (2016). “It is amazing how complete is the delusion that beauty is goodness”: expectancies associated with tween makeup ownership. *International Journal of Consumer Studies*, 40(5), 543-551.
- Tidwell, N. D., Eastwick, P. W., & Finkel, E. J. (2013). Perceived, not actual, similarity predicts initial attraction in a live romantic context: Evidence from the speed-dating paradigm. *Personal Relationships*, 20(2), 199–215.
- Thorndike, E. L. (1920). A constant error in psychological ratings. *Journal of Applied Psychology*, 4(1), 25-29.

- Tokumar, R.S., Baumel, S.W., Aires, F.C.G., Viana, D.P., Ambrósio, L.A., Aguiar, Y.N., Monteiro, R.N. (2010). O efeito da infidelidade sobre a atratividade facial de homens e mulheres. *Estudos de Psicologia*, 15(1), 103-110.
- Thomson, J. J. (1985). The Trolley Problem. *Yale Law Journal*, 94(6), 1395-1415.
- Thomson, C., & Gunia, B. C. (2015). What Makes Moral Dilemmas Unique? Judgments About Hypothetical and Real-Life Moral Dilemmas. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 131, 128-139.
- Tsai, W. H. S. (2013). " There Are No Ugly Women, Only Lazy Ones": Taiwanese Women's Social Comparison with Mediated Beauty Images. *Advertising & Society Review*, 13(4).
- Turiel, E. (1996). Equality and hierarchy: Conflict in values. In: E. S. Reed, E. Turiel, & T. Brown (Eds.), *Values and knowledge* (pp.75-101). London: Psychology Press
- Turiel, E. (1989). Dominios y categorías en el desarrollo cognitivo y social. In E. Turiel, L. Enesco, & J. Linaza (Orgs.), *El mundo social en la mente infantil* (p. 37-70). Madrid: Alianza editorial.
- Turiel, E. (1983). *The Development of Social Knowledge: Morality and Convention*. Cambridge University Press.
- Turra, C., & Venturi, G. (1995). *Racismo Cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil*. Datafolha, São Paulo: Ática.
- Uhlmann, EL, Pizarro, DA, Diermeier, D., & Tannenbaum, D. (2015). Além do bem e do mal, em direção ao uso efetivo da psicologia moral na política econômica. *Ciência Comportamental e Política*, 1(1), 1-12.
- Unger, R. K., Hilderbrand, M. E., & Madar, R. S. (1982). Gender and the perception of facial beauty. *Social Psychology Quarterly*, 45(2), 185-190.
- Valdesolo, P., & DeSteno, D. (2006). Manipulations of emotional context shape moral judgment. *Psychological Science*, 17(6), 476–477.

- Vasilyeva, A. (2015). The 'Beauty Models' Portrayed by Women's Magazines and their Stereotypical effects on Women in the Russian Federation.
- Venturi, G. & Bokany, W. (2005). Pesquisando discriminação institucional e identidade racial: considerações metodológicas. Em: G. Santos & M.P. da Silva (Orgs.). Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Viki, G. T., Abrams, D., & Hutchison, P. (2003). The "true" romantic: Benevolent sexism and paternalistic chivalry. *Sex Roles*, 49(9-10), 533-537.
- Vilhena, J. de; Medeiros, S. & Novaes, J. de V. (2005). A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. *Rev. Mal-estar Subj.* [online], vol.5, n.1, pp. 109-144. <https://www.pepsic.bvsalud.org>.
- Volpato, G. & Barreto, R.E. (2016). Estatística Sem dor!!! Botucatu-SP: Best Writing.
- Yoder, KJ, & Decety, J. (2014). O bom, o mau e o justo: a sensibilidade da justiça prediz a resposta neural durante a avaliação moral das ações realizadas por outros. *Journal of Neuroscience* , 34 (12), 4161-4166.
- Walther, J. B., Slovacek, C. L., & Tidwell, L. C. (2001). Is a picture worth a thousand words? Photographic images in long-term and short-term computer-mediated communication. *Communication Research*, 28(1), 105-134.
- Wareham, J., Blackwell, B. S., Berry, B., & Boots, D. P. (2019). Complainant's physical attractiveness and juristic judgments of blame and punishment in physical, domestic, and sexual assault scenarios. *Deviant Behavior*, 40(8), 912-929.
- Wang, J., Xia, T., Xu, L., Ru, T., Mo, C., Wang, T. T., & Mo, L. (2017). What is beautiful brings out what is good in you: The effect of facial attractiveness on individuals' honesty. *International Journal of Psychology*, 52(3), 197-204

- Weaver, J. R., & Bosson, J. K. (2011). Características semelhantes de personalidade são importantes para casais heterossexuais. *Journal of Personality*, 79(4), 903-926.
- Wilkins, C. L., Chan, J. F., & Kaiser, C. R. (2011). Racial stereotypes and interracial attraction: Phenotypic prototypicality and perceived attractiveness of Asians. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 17(4), 427.
- Wilson, J. P., Chen, J. M., & Bond, M. H. (2018). Comparing moral dilemmas and coordination games as models of moral judgment. *Frontiers in Psychology*, 9, 1111.
- Wunderlich, A. C., & Job, V. (2020). A new approach to the conceptualization and measurement of moral flexibility. *Personality and Social Psychology Review*, 24(4), 375-400. <https://doi.org/10.1177/1088868319888037>
- Zajonc, R. B. (1968). Attitudinal effects of mere exposure. *Journal of personality and social psychology*, 9(2p2), 1.
- Zebrowitz, LA, Bronstad, PM, & Lee, HK (2007). A contribuição da familiaridade facial para o favoritismo e estereótipos do grupo. *Social Cognition*, 25(3), 306-338.
- Zebrowitz, L. A., Wang, R., Bronstad, P. M., Eisenberg, D., Undurraga, E., Reyes-García, V., & Godoy, R. (2012). First impressions from faces among US and culturally isolated Tsimane' people in the Bolivian rainforest. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 43(1), 119-134.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tabelas das análises do Estudo I

Tabela 1. Média, Desvio padrão e Teste-T de diferenças das médias entre amostras de homens e mulheres na Escala de Atratividade Física para modelo prototípico classificado previamente como branco no Estudo I.

Escala de Atratividade Física (Homens Brancos)					
Imagens prototípicas	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Teste-T
hbr_1	homem	24	5,54	2,395	-,802 (p= ,775)
	mulher	68	6,00	2,437	
hbr_5	homem	22	6,50	2,874	,428 (p= ,340)
	mulher	54	6,20	2,358	
hbr_6	homem	20	6,35	2,007	-,061 (p=,246)
	mulher	52	6,38	2,529	
hbr_4	homem	19	7,47	2,776	,423 (p=,262)
	mulher	65	7,58	2,193	
hbr_2	homem	18	6,39	2,704	-,182 (p= ,547)
	mulher	57	6,09	2,407	
hbr_8	homem	20	6,00	2,471	,423 (p=,969)
	mulher	59	6,59	2,478	
hbr_16	homem	22	5,32	2,571	-,466 (p=,539)
	mulher	58	5,62	2,648	
hbr_15	homem	30	6,80	2,734	-,061 (p=,848)
	mulher	65	6,06	2,603	

Tabela 2. Média, Desvio padrão e Teste-T de Levine da variância das respostas de homens e mulheres a Escala de Atratividade Física para modelo prototípico classificado previamente como pardo no Estudo I.

Escala de Atratividade Física (Homens Pardos)					
Imagens prototípicas	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Teste-T
hpa_5	homem	23	5,17	2,103	,897(p=,254)
	mulher	55	4,69	2,316	
hpa_1	homem	17	6,00	2,236	1,169 (p=,297)
	mulher	78	5,29	2,423	
hpa_13	homem	27	5,22	2,225	,211 (p=,220)
	mulher	72	5,33	2,616	
hpa_8	homem	25	4,44	2,631	2,375 (p=,410)
	mulher	62	5,92	2,626	
hpa_7	homem	23	5,09	2,762	3,218 (p=,329)
	mulher	55	7,22	2,424	
hpa_9	homem	30	7,00	3,151	,791 (p=,062)
	mulher	77	7,51	2,458	

Tabela 3. Média, Desvio padrão e Teste-T de Levine da variância das respostas de homens e mulheres a Escala de Atratividade Física para modelos prototípicos classificados previamente como pretos no Estudo I.

Escala de Atratividade Física (Homens Pretos)					
Imagens prototípicas	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Teste-T
hpr_1	homem	20	7,20	2,628	,882 (p= ,332)
	mulher	76	7,76	2,172	
hpr_8	homem	25	5,32	2,376	-,352 (p= ,435)
	mulher	61	5,52	2,612	
hpr_7	homem	22	6,09	2,991	,149 (p= ,343)
	mulher	63	5,98	2,618	
hpr_9	homem	17	6,47	2,896	128 (p= ,384)
	mulher	67	6,37	2,448	
hpr_15	homem	18	6,78	2,777	,987 (p= ,830)
	mulher	64	6,05	2,774	
hpr_13	homem	20	6,05	2,929	-,533 (p= ,935)
	mulher	62	6,45	2,940	
hpr_14	homem	19	6,47	2,065	,064 (p= 0, 356)
	mulher	55	6,44	2,537	
hpr_12	homem	18	5,33	3,087	-1,489 (p= 0,187)
	mulher	57	6,51	2,308	

Tabela 4. Média, Desvio padrão e Teste-T de Levine da variância das respostas de homens e mulheres a Escala de Atratividade Física para modelos prototípicas classificadas previamente como brancas no Estudo I.

Escala de Atratividade Física (Mulheres Brancas)					
Imagens prototípicas	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Teste-T
mbr_1	homem	19	6,74	2,306	,321 (p=,855)
	mulher	63	6,56	2,116	
mbr_12	homem	17	6,76	2,386	,407 (p=,703)
	mulher	62	6,50	2,373	
mbr_15	homem	23	6,91	2,295	,587 (p=,763)
	mulher	57	6,60	2,137	
mbr_16	homem	28	6,61	2,061	,667 (p=,087)
	mulher	61	6,97	2,490	
mbr_13	homem	27	6,44	2,044	,998 (p=,440)
	mulher	57	5,91	2,385	
mbr_5	homem	22	6,64	2,401	,041 (p=,748)
	mulher	54	6,61	2,422	
mbr_4	homem	22	5,91	2,369	-1,766 (p=,551)
	mulher	54	6,93	2,239	

Tabela 5. Média, Desvio padrão e Teste-T de Levine da variância das respostas de homens e mulheres a Escala de Atratividade Física para modelos prototípicas classificadas previamente como pardas no Estudo I.

Escala de Atratividade Física (Mulheres Pardas)					
Imagens prototípicas	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Teste-T
mpa_2	homem	20	6,25	2,337	,798 (p=,964)
	mulher	65	6,72	2,254	
mpa_5	homem	17	7,47	2,154	-1,075 (p=,703)
	mulher	59	8,10	2,057	
mpa_10	homem	22	6,86	2,077	,662 (p=,591)
	mulher	60	6,52	2,175	
mpa_11	homem	20	5,50	1,762	-,193 (p=,052)
	mulher	58	5,60	2,772	
mpa_12	homem	12	5,00	2,523	-1,210 (p=,612)
	mulher	60	5,97	2,544	
mpa_13	homem	20	6,55	2,523	,444 (p=,457)
	mulher	56	6,27	2,178	
mpa_16	homem	17	5,71	2,312	-,830 (p=,768)
	mulher	69	6,23	2,450	

Tabela 6. Média, Desvio padrão e Teste-T de Levine da variância das respostas de homens e mulheres a Escala de Atratividade Física para modelos prototípicas classificadas previamente como pretas no Estudo I.

Escala de Atratividade Física (Mulheres Pretas)					
Imagens prototípicas	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Teste-T
mpr_5	homem	22	5,82	2,403	-,745 (p=,757)
	mulher	56	6,27	2,385	
mpr_6	homem	17	6,18	2,099	-,131 (p=,628)
	mulher	63	6,25	2,389	
mpr_1	homem	21	6,81	2,205	,822 (p=,763)
	mulher	68	6,35	2,291	
mpr_4	homem	24	6,13	2,173	-1,012(p=,988)
	mulher	58	6,67	2,357	
mpr_7	homem	18	6,28	2,137	-,558 (p=,262)
	mulher	70	6,61	2,773	
mpr_9	homem	21	5,76	2,625	-,337 (p=,566)
	mulher	61	5,98	2,526	
mpr_14	homem	17	5,94	2,331	-,834 (p=,385)
	mulher	57	6,49	2,564	

Tabela 7. Médias e desvios padrões (entre parêntesis) das respostas a escala de atratividades físicas referentes a protótipos de homens brancos no Estudo I.

Escala de Atratividade Física (Homens Brancos)								
Cor da pele do Participante								
Nº da Imagem	Sexo	N	Branco	Preto	Pardo	Amarelo	Índice	Total
hbr_16	homem	58	6,20 (2,933)	5,31 (2,414)	5,12 (2,421)	-	10,00(,000)	5,62 (2,648))
	mulher							
hbr_15	homem	65	5,78 (2,758)	6,88 (2,934)	6,12 (2,422)	7,33 (1,528)	9,00 (-)	6,06 (2,603)
	mulher							
hbr_1	homem	68	6,43 (2,158)	5,78 (2,411)	5,30	7,50 (2,121)	9,5 (,707)	8,00 (2,437)
	mulher							
hbr_2	homem	57	6,37 (1,978)	6,21 (2,326)	5,81 (2,960)	5,50 (2,121)	6,00 (-)	6,09 (2,358)
	mulher							
hbr_5	homem	54	6,15 (1,951)	6,00 (2,560)	6,16 (2,433)	5,00 (-)	9,50 (,707)	6,20 (2,358)
	mulher							
hbr_6	homem	52	7,21 (2,299)	6,33 (2,674)	5,67 (2,536)	-	-	6,36 (2,529)
	mulher	59						
hbr_8	homem	22	6,74 (2,557)	7,00 (2,418)	6,16 (2,495)	-	9,00 (-)	6,59 (2,478)
	mulher	58						
hbr_4	homem	30	7,67 (2,999)	7,38 (2,418)	7,52 (2,622)	8,33 (2,082)	9,00 (-)	7,58 (2,199)
	mulher	65						

Tabela 8. Médias e desvios padrões (entre parêntesis) das respostas a escala de atratividades físicas referentes a protótipos de homens pardos no Estudo I.

Escala de Atratividade Física (Homens pardos)								
Cor da pele do Participante								
Nº da Imagem	Sexo	N	Branco	Preto	Pardo	Amarelo	Índice	Total
hpa_1	homem	58	6,20 (2,933)	5,31 (2,414)	5,12 (2,421)	-	10,00(000)	5,62 (2,648))
	mulher							
hpa_5	homem	65	5,78 (2,758)	6,88 (2,934)	6,12 (2,422)	7,33 (1,528)	9,00 (-)	6,06 (2,603)
	mulher							
hpa_13	homem	68	6,43 (2,158)	5,78 (2,411)	5,30	7,50 (2,121)	9,5 (,707)	8,00 (2,437)
	mulher							
hpa_9	homem	57	6,37 (1,978)	6,21 (2,326)	5,81 (2,960)	5,50 (2,121)	6,00 (-)	6,09 (2,358)
	mulher							

Tabela 9. Médias e desvios padrões (entre parêntesis) das respostas a escala de atratividades físicas referentes a protótipos de homens pretos.

Escala de Atratividade Física (Homens Pretos)								
Cor da pele do Participante								
Nº da Imagem	Sexo	N	Branco	Preto	Pardo	Amarelo	Índice na	Total
hpr_1	homem	58	6,20 (2,933)	5,31 (2,414)	5,12 (2,421)	-	10,00(,000)	5,62 (2,648))
	mulher							
hpr_14	homem	65	5,78 (2,758)	6,88 (2,934)	6,12 (2,422)	7,33 (1,528)	9,00 (-)	6,06 (2,603)
	mulher							
hpr_13	homem	68	6,43 (2,158)	5,78 (2,411)	5,30	7,50 (2,121)	9,5 (,707)	8,00 (2,437)
	mulher							
hpr_15	homem	57	6,37 (1,978)	6,21 (2,326)	5,81 (2,960)	5,50 (2,121)	6,00 (-)	6,09 (2,358)
	mulher							
hpr_12	homem	54	6,15 (1,951)	6,00 (2,560)	6,16 (2,433)	5,00 (-)	9,50 (,707)	6,20 (2,358)
	mulher							
hpr_9	homem	52	7,21 (2,299)	6,33 (2,674)	5,67 (2,536)	-	-	6,36 (2,529)
	mulher	59						
hpr_7	homem	22	6,74 (2,557)	7,00 (2,418)	6,16 (2,495)	-	9,00 (-)	6,59 (2,478)
	mulher	58						
hpr_8	homem	30	7,67 (2,999)	7,38 (2,418)	7,52 (2,622)	8,33 (2,082)	9,00 (-)	7,58 (2,199)

mulher 65

Tabela 10. Médias e desvios padrões (entre parêntesis) das respostas a escala de atratividades físicas referentes a protótipos de mulheres brancas.

Escala de Atratividade Física (Mulheres Brancas)								
Nº da Imagem	Sexo	N	Cor da pele do Participante				Índice	Total
			Branco	Preto	Pardo	Amarelo		
mbr_1	homem	58	6,20 (2,933)	5,31 (2,414)	5,12 (2,421)	-	10,00(,000)	5,62 (2,648))
	mulher							
mbr_4	homem	65	5,78 (2,758)	6,88 (2,934)	6,12 (2,422)	7,33 (1,528)	9,00 (-)	6,06 (2,603)
	mulher							
mbr_5	homem	68	6,43 (2,158)	5,78 (2,411)	5,30	7,50 (2,121)	9,5 (,707)	8,00 (2,437)
	mulher							
mbr_15	homem	57	6,37 (1,978)	6,21 (2,326)	5,81 (2,960)	5,50 (2,121)	6,00 (-)	6,09 (2,358)
	mulher							
mbr_13	homem	54	6,15 (1,951)	6,00 (2,560)	6,16 (2,433)	5,00 (-)	9,50 (,707)	6,20 (2,358)
	mulher							
mbr_16	homem	52	7,21 (2,299)	6,33 (2,674)	5,67 (2,536)	-	-	6,36 (2,529)
	mulher	59						
mbr_12	homem	22	6,74 (2,557)	7,00 (2,418)	6,16 (2,495)	-	9,00 (-)	6,59 (2,478)
	mulher	58						

Tabela 11. Médias e desvios padrões (entre parêntesis) das respostas a escala de atratividades físicas referentes a protótipos de mulheres pardas.

Escala de Atratividade Física (Mulheres Pardas)								
Nº da Imagem	Sexo	N	Cor da pele do Participante				Índige na	Total
			Branco	Preto	Pardo	Amarelo		
mpa_2	homem	58	6,20 (2,933)	5,31 (2,414)	5,12 (2,421)	-	10,00(000)	5,62 (2,648))
	mulher							
mpa_10	homem	65	5,78 (2,758)	6,88 (2,934)	6,12 (2,422)	7,33 (1,528)	9,00 (-)	6,06 (2,603)
	mulher							
mpa_11	homem	68	6,43 (2,158)	5,78 (2,411)	5,30	7,50 (2,121)	9,5 (,707)	8,00 (2,437)
	mulher							
mpa_12	homem	57	6,37 (1,978)	6,21 (2,326)	5,81 (2,960)	5,50 (2,121)	6,00 (-)	6,09 (2,358)
	mulher							
mpa_13	homem	54	6,15 (1,951)	6,00 (2,560)	6,16 (2,433)	5,00 (-)	9,50 (,707)	6,20 (2,358)
	mulher							
mpa_5	homem	52	7,21 (2,299)	6,33 (2,674)	5,67 (2,536)	-	-	6,36 (2,529)
	mulher	59						
mpa_16	homem	17	3,33 (2,517)	6,40 (,894)	6,13 (2,642)	6,00 (-)	-	5,71 (2,312)
	mulher	69	6,73 (1,870)	6,71 (1,611)	5,57 (2,790)	9,00 (-)	10,00 (-)	6,23 (2,450)

Tabela 12. Médias e desvios padrões (entre parêntesis) das respostas a escala de atividades físicas referentes a protótipos de mulheres pretas.

Escala de Atratividade Física (Mulheres Pretas)								
Nº da Imagem	Sexo	N	Cor da pele do Participante					Total
			Branco	Preto	Pardo	Amarelo	Indígena	
mpr_1	homem	21	5,60 (2,510)	5,00 (5,657)	7,46 (1,266)	8,00 (-)	-	6,81 (2,205)
	mulher	68	6,35 (1,663)	7,12 (2,088)	5,93 (2,711)	8,00 (-)	4,00 (-)	6,35 (2,291)
mpr_4	homem	24	4,50 (2,074)	8,33 (0,577)	6,36 (2,061)	6,00 (-)	-	6,13(2,173)
	mulher	58	6,65 (2,178)	7,86 (1,834)	5,92 (2,465)	-	10,00 (-)	6,67 (2,357)
mpr_5	homem	22	3,67 (2,517)	6,75 (2,712)	5,70 (2,003)	6,00 (-)	-	5,82 (2,403)
	mulher	56	5,82 (2,040)	7,62 (1,710)	5,76 (2,586)	6,00 (-)	7,50 (3,536)	6,27 (2,385)
mpr_7	homem	18	6,80 (2,775)	9,00 (0,000)	5,55 (1,572)	-	-	6,28 (2,137)
	mulher	70	7,22 (2,016)	7,13 (2,692)	5,70 (3,148)	8,00 (-)	-	6,61 (2,773)
mpr_6	homem	17	5,50 (6,364)	7,33 (1,155)	6,00 (1,414)	-	-	6,18 (2,099)
	mulher	63	5,92 (2,499)	7,50 (2,499)	5,24 (2,488)	7,00 (1,000)	-	6,25 (2,389)
mpr_9	homem	21	7,50 (2,121)	6,17 (2,563)	5,08 (2,746)	-	8,00 (-)	5,76 (2,625)
	mulher	61	5,89 (2,664)	6,80 (1,317)	5,83 (2,614)	1,00 (-)	9,00 (-)	5,96 (2,526)
mpr_14	homem	17	4,40 (2,191)	7,80 (2,049)	5,00 (2,000)	6,00 (1,414)	8,00 (-)	5,94 (2,331)
	mulher	57	6,86 (2,248)	7,61 (1,944)	5,50 (2,859)	5,00 (-)	-	6,49 (2,564)

APÊNDICE B – Fotografias que compuseram o banco de imagens do Estudo I

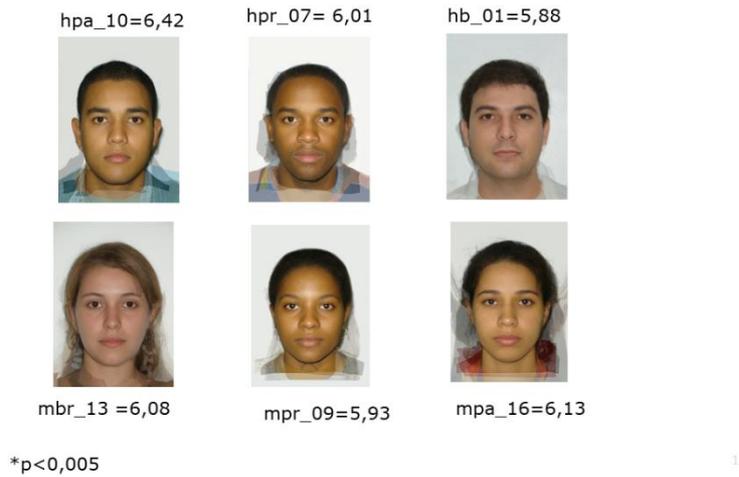


Figura 1. Fotografias de Faces Pouco Atrativas que compuseram o banco de imagens do Estudo I, após os critérios de exclusão serem aplicados.

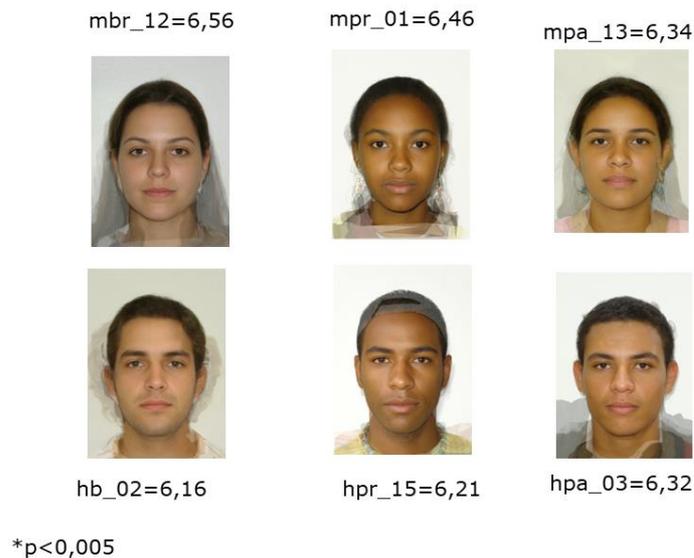


Figura 2. Fotografias de Faces Medianamente Atrativas que compuseram o banco de imagens do Estudo I, após os critérios de exclusão serem aplicados.

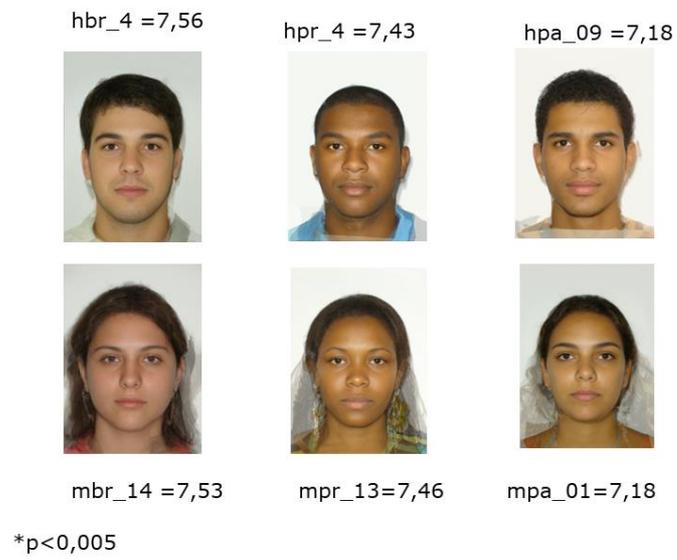


Figura 3. Fotografias de Faces Muito Atrativas que compuseram o banco de imagens do Estudo I, após os critérios de exclusão serem aplicados.

APÊNDICE C - Questionário Utilizado no Estudo I

Questionnaire

1 TERMO

Para confirmar a sua participação, por favor leia o texto abaixo e, caso concorde, selecione a opção "Concordo em participar da pesquisa".

Prezada/o participante, Você está sendo convidada/o a participar da pesquisa "ATRATIVIDADE FÍSICA", desenvolvida por Eleonora Vaccarezza Santos de Freitas, discente de Doutorado em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, sob orientação do Professor Dr. Marcos Emanuel Pereira. O objetivo central do estudo é : entender melhor como as pessoas avaliam uma pessoa fisicamente atraente. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizada/o de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Caso você tenha interesse em participar, deve concordar com as seguintes condições: Sua participação é voluntária, você poderá deixar a pesquisa sem quaisquer consequências, penalizações ou prejuízos a qualquer momento; Sua participação é sigilosa e confidencial. Você não precisará fornecer o seu nome nem seus contatos. Não há possibilidade de fazer nenhuma devolução individual dos resultados; Você não terá nenhum tipo de despesa assim como nada lhe será remunerado; As informações obtidas por meio desta pesquisa serão arquivadas sob a guarda dos pesquisadores responsáveis e os resultados deste estudo serão divulgados em meio científico; Os riscos e inconveniências são mínimos porque você pode sentir algum desconforto e/ou cansaço durante o preenchimento. O questionário envolve questões relativas avaliação de uma pessoa ao nível de sua aparência física. Se sua participação mobilizar algum sentimento em que você necessite atenção psicológica, pode entrar em contato com a pesquisadora responsável através dos e-mails e dos telefones disponibilizados que, em um primeiro momento, prestaremos um acolhimento psicológico e, em seguida, o encaminharemos para um serviço gratuito especializado; Uma vez iniciado o questionário você deve completá-lo até o final. Não é possível interromper e salvar as repostas. Os resultados desta pesquisa serão divulgados em periódicos científicos de circulação nacional em formato de artigo, em congressos e através da tese que será produzida ao final. Pesquisadora responsável: Doutoranda: Eleonora Vaccarezza Santos de Freitas - Telefone (71) 3283-6442 - E-mail:vaccarezzaeleonora@gmail.com Observações: Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia - CEPIPS. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade. Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (CEP/IPS) da UFBA Rua Aristides Novis, Campus São Lázaro, 197, Federação, CEP 40.170-055, Salvador, Bahia, telefone (71)3283.6457, E-mail: cepips@ufba.br

Concordo em participar da pesquisa

2 INTRODUÇÃO AO ESTUDO

Esse questionário tem como objetivo conhecer melhor sua AVALIAÇÃO DE IMAGENS ATRATIVAS e sobre sua PERCEPÇÃO DA COR DA PELE.

Obrigada por dedicar um tempo para contribuir para o nosso estudo e para a compreensão deste tema!

3 Dados Sociodemográficos

Sexo:

homem

mulher

Qual a sua idade?

4.1 hb_1

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.2 hb_2

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.3 hb_3

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.4 hb_4

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.5 hb_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.6 hb_6

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.7 hb_7

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.6 hb_6

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.6 hb_6

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.9 hb_9

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.10 hb_10

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.10 hb_10

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.11 hb_11

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.10 hb_10

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.10 hb_10

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.13 hb_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.14 hb_14

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.14 hb_14

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.15 hb_15

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.14 hb_14

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.14 hb_14

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.17 hpa_1

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.20 hpa_4
Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.20 hpa_4

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.19 hpa_3

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.20 hpa_4

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.20 hpa_4

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.21 hpa_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.24 hpa_8

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.24 hpa_8

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.23 hpa_7

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.24 hpa_8

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



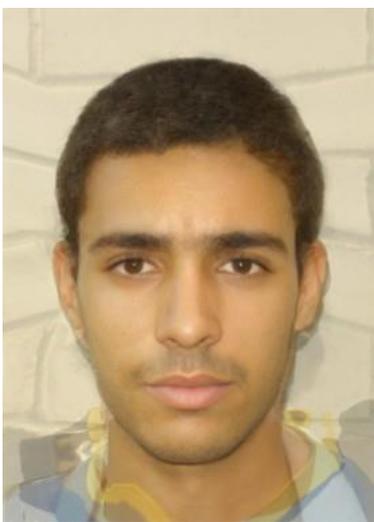
Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.24 hpa_8

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.25 hpa_9

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.26 hpa_10

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.26 hpa_10

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.27 hpa_11

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

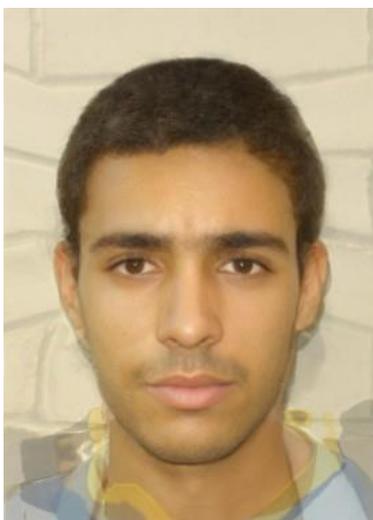
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.26 hpa_10

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.26 hpa_10

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.29 hpa_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.30 hpa_14

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.30 hpa_14

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.31 hpa_15

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.32 hpa_16

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.32 hpa_16

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.33 hpr_1

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.34 hpr_2

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.34 hpr_2

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.35 hpr_3

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.34 hpr_2

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.34 hpr_2

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.37 hpr_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.38 hpr_6

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.38 hpr_6

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.39 hpr_7

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.38 hpr_6

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



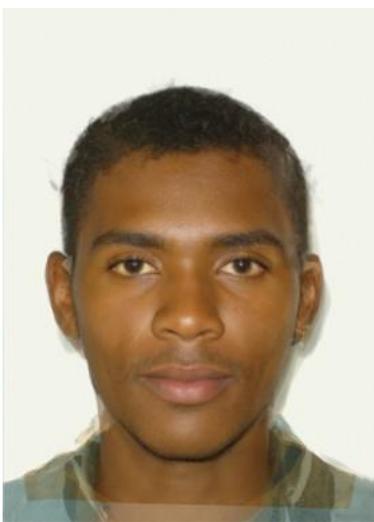
Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.38 hpr_6

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.41 hpr_9

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:

 hpr9.JPG

O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.42 hpr_10

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa ◊ ◊ ◊ ◊ ◊ ◊ ◊ ◊ ◊ ◊ ◊ Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

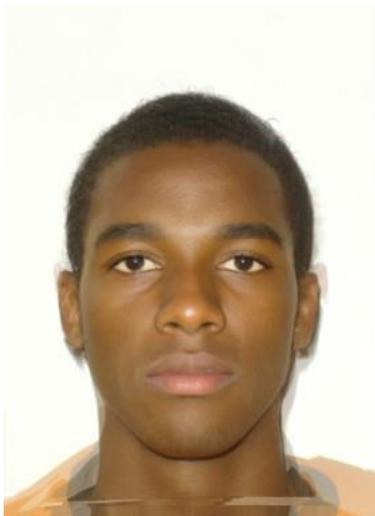
Branca
 Parda
 Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca
 Parda
 Preta

4.43 hpr_11

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca
 Parda
 Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca
 Parda
 Preta

4.44 hpr_12

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

◊ Branca ◊ Parda ◊ Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

◊ Branca ◊ Parda ◊ Preta

4.45 hpr_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.46 hpr_14

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.47 hpr_15

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.48 hpr_16

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.49 mbr_1

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.50 mbr_2

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.49 mbr_1
Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.49 mbr_1

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.52 mbr_4

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.53 mbr_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.53 mbr_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.54 mbr_6

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.53 mbr_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.53 mbr_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.56 mbr_8

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto? Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.57 mbr_8

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.57 mbr_9

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.58 mbr_10

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.57 mbr_9

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.57 mbr_9

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.60 mbr_12

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.61 mbr_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.61 mbr_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.62 mbr_14

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.61 mbr_13
Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.61 mbr_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.64 mbr_16

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.65 mbr_1

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.65 mpa_1

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.66 mpa_2

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.65 mpa_1

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.65 mpa_1

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.68 mpa_4

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.69 mpa_5
Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.69 mpa_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



O quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.70 mpa_6

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.69 mpa_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.69 mpa_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.72 mpa_8

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.73 mpa_9
Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.73 mpa_9

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.74 mpa_10

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.73 mpa_9
Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.73 mpa_9

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.76 mpa_12

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.77 mpa_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.77 mpa_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.78 mpa_14

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.77 mpa_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.77 mpa_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.80 mpa_16

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.81 mpa_1

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.81 mpr_1

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.82 mpr_2

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.81 mpr_1

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.81 mpr_1

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.84 mpr_4

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.85 mpr_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.85 mpr_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.86 mpr_6

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.85 mpr_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.85 mpr_5

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.88 mpr_8

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.89 mpr_9

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.89 mpr_9

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.90 mpr_10

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.89 mpr_9

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.89 mpr_9

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.92 mpr_12

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.93 mpr_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.93 mpr_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.94 mpr_14

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

4.93 mpr_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.93 mpr_13

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

4.96 mpr_16

Analise cuidadosamente a foto da pessoa abaixo e responda as DUAS questões apresentadas a seguir:



Quão fisicamente atraente você julga a pessoa da foto. Atribua uma nota, numa escala de 0 a 10, sendo que 0 (zero) significa nada atraente e 10 (dez) significa muito atraente.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nada atrativa Muito atrativa

Imagine-se um recenseador do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta

Imagine-se uma recenseadora do IBGE. Como você categorizaria essa pessoa?

Branca Parda Preta



5 Dados Sociodemográficos 2

Como você declara a sua cor/etnia?

- Branco
- Preto
- Pardo
- Amarelo

- Indígena
- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela

Qual a sua orientação sexual?

Por favor, assinale sua resposta abaixo.

- Heterossexual Gay Lésbica Bissexual Transsexual Outras

Caso tenha assinalado a opção 'outras' na questão anterior, descreva a sua resposta.

Qual e o seu grau de instrução?

Inclua o que você está cursando atualmente, se for o caso.

- Fundamental
- Médio
- Superior
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado

Em que cidade voce reside atualmente

6 Última página

Obrigada pelo seu interesse em participar da nossa pesquisa!

Seguem os contatos da pesquisadora, em caso de dúvidas contate: vaccarezzeleonora@gmail.com

APÊNDICE D - Questionário Utilizado no Estudo II

Questionnaire

1 Informações dos três dilemas

Você lerá três histórias e seus desfechos e, em seguida, responderá a algumas questões sobre cada uma delas. Na última parte questões sobre você mesma/o.

Clique no botão abaixo para prosseguir

2.1.1 Alta_Atra_Euro

A história de W.:



2.1.1.1 Dilema_W.



Certa manhã, W. viu um vagão descontrolado descendo os trilhos em direção a cinco operários. Ele observou que se caso o carro não fosse desviem cheio esses operários. Ele também observou que na passarela, ao seu lado, havia um homem estranho e que por acaso era corpulento. A única desses cinco trabalhadores era empurrando este estranho para baixo da ponte, já que seu corpo grande poderia parar o vagão. Ele sabia que o estrmas os cinco operários sobreviveriam.

2.1.1.2 Proporção_AAE

A partir do relato da conduta de W., responda as seguintes questões:

Em termos proporcionais, quão apropriada foi a ação de W. de empurrar o estranho para os trilhos, a fim de salvar os cinco operários?

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%
- 80%
- 90%
- 100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você tomar a mesma decisão que W. ?

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%

60%

70%

80%

90%

100%

2.1.2 Alta_Atra_Afro

A História de W.:



2.1.2.1 Dilema_W



Certa manhã, W. viu um vagão descontrolado descendo os trilhos em direção a cinco operários. Ele observou que se caso o carro não fosse desviado cheio esses operários. Ele também observou que na passarela, ao seu lado, havia um homem estranho e que por acaso era corpulento. A única desses cinco trabalhadores era empurrando este estranho para baixo da ponte, já que seu corpo grande poderia parar o vagão. Ele sabia que o estranho os cinco operários sobreviveriam.

2.1.2.2 Proporção_AAA

A partir do relato da conduta de W., responda as seguintes questões:

Em termos proporcionais, quão apropriada foi a ação de W. de empurrar o estranho para os trilhos, a fim de salvar os cinco operários?

0%

10%

20%

30%

40%

50%

60%

70%

80%

90%

100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você tomar a mesma decisão que W. ?

0%

10%

20%

30%

40%

50%

60%

70%

80%

90%

100%

A história de W.:



2.1.3.1 Dilema_W



Certa manhã, W. viu um vagão descontrolado descendo os trilhos em direção a cinco operários. Ele observou que se caso o carro não fosse desviem cheio esses operários. Ele também observou que na passarela, ao seu lado, havia um homem estranho e que por acaso era corpulento. A única desses cinco trabalhadores era empurrando este estranho para baixo da ponte, já que seu corpo grande poderia parar o vagão. Ele sabia que o estrmas os cinco operários sobreviveriam.

2.1.3.2 Proporção_BAA

A partir do relato da conduta de W., responda as seguintes questões:

Em termos proporcionais, quão apropriada foi a ação de W. de empurrar o estranho para os trilhos, a fim de salvar os cinco operários?

0%

10%

20%

30%

40%

- 50%
- 60%
- 70%
- 80%
- 90%
- 100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você tomar a mesma decisão que W. ?

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%
- 80%
- 90%
- 100%

A História de W.:

2.1.4.1 Dilema_W



Certa manhã, W. viu um vagão descontrolado descendo os trilhos em direção a cinco operários. Ele observou que se caso o carro não fosse desviado cheio esses operários. Ele também observou que na passarela, ao seu lado, havia um homem estranho e que por acaso era corpulento. A única desses cinco trabalhadores era

empurrando este estranho para baixo da ponte, já que seu corpo grande poderia parar o vagão. Ele sabia que o estranho os cinco operários sobreviveriam.

2.1.4.2 Proporção_BAE

A partir do relato da conduta de W., responda as seguintes questões:

Em termos proporcionais, quão apropriada foi a ação de W. de empurrar o estranho para os trilhos, a fim de salvar os cinco operários?

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%

- 60%
- 70%
- 80%
- 90%
- 100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você tomar a mesma decisão que W. ?

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%
- 80%
- 90%
- 100%

2.2.1 Alta_Atra_Afro

A História de O.:



O. estava andando na rua quando se deparou com uma carteira deitada no chão. Ao abrir a carteira, descobre que ela continha centenas de notas de motorista. Pelos cartões de crédito e outros itens da carteira, fica claro para O. que a carteira pertencia a uma pessoa rica. O., por outro lado, esta poderia tirar dali o pagamento de algumas dívidas. Então considerou enviar a carteira de volta para o dono sem o dinheiro, deixando-o para si me

2.2.1.2 Proporção_AAA

A partir do relato da conduta de O., responda as seguintes questões:

Para você, em termos proporcionais, quão adequada foi a decisão de O. ao ficar com o dinheiro que encontrou na carteira para obter uma gr

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%
- 80%
- 90%

100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você fazer a mesma escolha que O.:

0%

10%

20%

30%

40%

50%

60%

70%

80%

90%

100%

2.2.2 Alta_Atra_Euro

A História de O.:



2.2.2.1 Dilema_O



O. estava andando na rua quando se deparou com uma carteira deitada no chão. Ao abrir a carteira, descobre que ela continha centenas de notas de motorista. Pelos cartões de crédito e outros itens da carteira, fica claro para O. que a carteira pertencia a uma pessoa rica. O., por outro lado, esta poderia tirar dali o pagamento de algumas dívidas. Então considerou enviar a carteira de volta para o dono sem o dinheiro, deixando-o para si me

2.2.2.2 Proporção

A partir do relato da conduta de O., responda as seguintes questões:

Para você, em termos proporcionais, quão adequada foi a decisão de O. ao ficar com o dinheiro que encontrou na carteira para obter uma gr

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%
- 80%
- 90%
- 100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você fazer a mesma escolha que O.:

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%

80%

90%

100%

2.2.3 Baixa_Atra_Euro

A História de O.:



2.2.3.1 Dilema_O



O. estava andando na rua quando se deparou com uma carteira deitada no chão. Ao abrir a carteira, descobre que ela continha centenas de notas de motorista. Pelos cartões de crédito e outros itens da carteira, fica claro para O. que a carteira pertencia a uma pessoa rica. O., por outro lado, esta poderia tirar dali o pagamento de algumas dívidas. Então considerou enviar a carteira de volta para o dono sem o dinheiro, deixando-o para si me

2.2.3.2 Proporção_BAE

A partir do relato da conduta de O., responda as seguintes questões:

Para você, em termos proporcionais, quão adequada foi a decisão de O. ao ficar com o dinheiro que encontrou na carteira para obter uma gr

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%

40%

50%

60%

70%

80%

90%

100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você fazer a mesma escolha que O.:

0%

10%

20%

30%

40%

50%

60%

70%

80%

90%

100%

2.2.4 Baixa_Atra_Afro

A História de O.:



2.2.4.1 Dilema_O



O. estava andando na rua quando se deparou com uma carteira deitada no chão. Ao abrir a carteira, descobre que ela continha centenas de notas de motorista. Pelos cartões de crédito e outros itens da carteira, fica claro para O. que a carteira pertencia a uma pessoa rica. O., por outro lado, esta poderia tirar dali o pagamento de algumas dívidas. Então considerou enviar a carteira de volta para o dono sem o dinheiro, deixando-o para si me

2.2.4.2 Proporção_BAA

A partir do relato da conduta de O., responda as seguintes questões:

Para você, em termos proporcionais, quão adequada foi a decisão de O. ao ficar com o dinheiro que encontrou na carteira para obter uma gr

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%
- 80%
- 90%

100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você fazer a mesma escolha que O.:

0%

10%

20%

30%

40%

- 50%
- 60%
- 70%
- 80%
- 90%
- 100%

2.2.5 Alta_Atra_Euro_M

A História de C.:

2.2.5.1 Dilema_C



C. estava andando na rua quando se deparou com uma carteira deitada no chão. Ao abrir a carteira, descobre que ela continha centenas de notas e motorista. Pelos cartões de crédito e outros itens da carteira, fica claro que a carteira pertencia a uma pessoa rica. C., por outro lado, estava com tirar dali o pagamento de algumas dívidas. Então considerou enviar a carteira de volta para o dono sem o dinheiro, deixando-o para si mesma.

2.2.5.2 Proporção_AAE_M

A partir do relato da conduta de C., responda as seguintes questões:

Para você, em termos proporcionais, quão adequada foi a decisão de C. ao ficar com o dinheiro que encontrou na carteira para obter uma gr

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%
- 80%
- 90%
- 100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você fazer a mesma escolha que C.:

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%

80%

90%

100%

2.2.6 Alta_Atra_Afro_M

A História de C.:



2.2.6.1 Dilema_C



C. estava andando na rua quando se deparou com uma carteira deitada no chão. Ao abrir a carteira, descobre que ela continha centenas de notas motorista. Pelos cartões de crédito e outros itens da carteira, fica claro que a carteira pertencia a uma pessoa rica. C., por outro lado, estava com tirar dali o pagamento de algumas dívidas. Então considerou enviar a carteira de volta para o dono sem o dinheiro, deixando-o para si mesma.

2.2.6.2 Proporção_AAA_M

A partir do relato da conduta de C., responda as seguintes questões:

Para você, em termos proporcionais, quão adequada foi a decisão de C. ao ficar com o dinheiro que encontrou na carteira para obter uma gr

0%

10%

20%

30%

40%

50%

60%

70%

80%

90%

100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você fazer a mesma escolha que C.:

0%

10%

20%

30%

40%

50%

60%

70%

80%

90%

100%

2.2.7 Baixa_Atra_Euro_M

A História de C.:



2.2.7.1 Dilema_C



C. estava andando na rua quando se deparou com uma carteira deitada no chão. Ao abrir a carteira, descobre que ela continha centenas de notas motorista. Pelos cartões de crédito e outros itens da carteira, fica claro que a carteira pertencia a uma pessoa rica. C., por outro lado, estava com tirar dali o pagamento de algumas dívidas. Então considerou enviar a carteira de volta para o dono sem o dinheiro, deixando-o para si mesma.

2.2.7.2 Proporção_BAE_M

A partir do relato da conduta de C., responda as seguintes questões:

Para você, em termos proporcionais, quão adequada foi a decisão de C. ao ficar com o dinheiro que encontrou na carteira para obter uma gr

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%
- 80%

90%

100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você fazer a mesma escolha que C.:

0%

10%

20%

30%

40%

50%

60%

70%

80%

90%

100%

2.2.8 Baixa_Atra_Afro_M

A História de C.:



2.2.8.1 Dilema_C



C. estava andando na rua quando se deparou com uma carteira deitada no chão. Ao abrir a carteira, descobre que ela continha centenas de notas motorista. Pelos cartões de crédito e outros itens da carteira, fica claro que a carteira pertencia a uma pessoa rica. C., por outro lado, estava com tirar dali o pagamento de algumas dívidas. Então considerou enviar a carteira de volta para o dono sem o dinheiro, deixando-o para si mesma.

2.2.8.2 Proporção_BAA_M

A partir do relato da conduta de C., responda as seguintes questões:

Para você, em termos proporcionais, quão adequada foi a decisão de C. ao ficar com o dinheiro que encontrou na carteira para obter uma gr

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%
- 80%
- 90%
- 100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você fazer a mesma escolha que C.:

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%

80%

90%

100%

2.3.1 Alta_Atra_Euro_M

A História de L.:



2.3.1.1 Dilema_L



L. era uma médica. Ela tinha cinco pacientes, cada um deles estava prestes a morrer devido a uma falha em algum órgão específico. L. tinha completamente saudável. A única maneira de salvar a vida dos primeiros cinco pacientes foi transplantar cinco dos órgãos deste jovem (cont corpos dos outros cinco pacientes. L. sabia que se ela fizesse isso, o jovem morreria, no entanto os outros cinco pacientes viveriam.

2.3.1.2 Proporção

A partir do relato da conduta de L., responda as seguintes questões:

Em termos proporcionais, quão adequada foi a decisão de L. ao realizar este transplante para salvar a vida desses cinco pacientes?

0%

10%

20%

30%

40%

50%

60%

- 70%
- 80%
- 90%
- 100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você tomar a mesma decisão que L. ?

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%
- 80%
- 90%
- 100%

2.3.2 Alta_Atra_Afro_M

A História de L.:



2.3.2.1 Dilema_L



L. era uma médica. Ela tinha cinco pacientes, cada um deles estava prestes a morrer devido a uma falha em algum órgão específico. L. tinha completamente saudável. A única maneira de salvar a vida dos primeiros cinco pacientes foi transplantar cinco dos órgãos deste jovem (cont corpos dos outros cinco pacientes. L. sabia que se ela fizesse isso, o jovem morreria, no entanto os outros cinco pacientes viveriam.

2.3.2.2 Proporção_AAA

A partir do relato da conduta de L., responda as seguintes questões:

Em termos proporcionais, quão adequada foi a decisão de L. ao realizar este transplante para salvar a vida desses cinco pacientes?

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%
- 80%

90%

100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você tomar a mesma decisão de L. ?

0%

10%

20%

30%

40%

50%

60%

70%

80%

90%

100%

2.3.3 Baixa_Atra_Euro_M

A História de L.:



2.3.3.1 Dilema_L



L. era uma médica. Ela tinha cinco pacientes, cada um deles estava prestes a morrer devido a uma falha em algum órgão específico. L. tinha completamente saudável. A única maneira de salvar a vida dos primeiros cinco pacientes foi transplantar cinco dos órgãos deste jovem (cont corpos dos outros cinco pacientes. L. sabia que se ela fizesse isso, o jovem morreria, no entanto os outros cinco pacientes viveriam.

2.3.3.2 Proporção_BAE

A partir do relato da conduta de L., responda as seguintes questões:

Em termos proporcionais, quão adequada foi a decisão de L. ao realizar este transplante para salvar a vida desses cinco pacientes?

- 0%
- 10%
- 20%
- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%
- 80%
- 90%
- 100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você tomar a mesma decisão que L. ?

- 0%
- 10%
- 20%

- 30%
- 40%
- 50%
- 60%
- 70%
- 80%
- 90%
- 100%

2.3.4 Baixa_Atra_Afro_M

A História de L.:



2.3.4.1 Dilema_L



L. era uma médica. Ela tinha cinco pacientes, cada um deles estava prestes a morrer devido a uma falha em algum órgão específico. L. tinha completamente saudável. A única maneira de salvar a vida dos primeiros cinco pacientes foi transplantar cinco dos órgãos deste jovem (cont corpos dos outros cinco pacientes. L. sabia que se ela fizesse isso, o jovem morreria, no entanto os outros cinco pacientes viveriam.

2.3.4.2 Proporção_BAA

A partir do relato da conduta de L., responda as seguintes questões:

Em termos proporcionais, quão adequada foi a decisão de L. ao realizar este transplante para salvar a vida desses cinco pacientes?

0%

10%

20%

30%

40%

50%

60%

70%

80%

90%

100%

Em termos proporcionais, quais seriam as chances de você tomar a mesma decisão que L. ?

0%

10%

20%

30%

40%

50%

60%

70%

80%

90%

100%

3 Escala_IDM_IDR

A seguir são apresentadas algumas características que podem descrever uma pessoa: cuidadosa, compassiva, justa, amigável, prestativa, esforçada, honesta e gentil. Imagine como essa pessoa iria pensar, sentir e agir. 🤖

Quando você tiver uma imagem clara de como essa pessoa seria, responda as seguintes questões de acordo com a escala abaixo. Analise sua raça /etnia, assinale entre as opções de 1 a 5 sendo: "1" discordo totalmente, "3", nem concordo e nem discordo e "5", concordo totalm

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo em Parte	Concordo	Concordo Totalmente
Os tipos de coisas que faço no meu tempo livre (por exemplo, hobbies e atividades), claramente identifica como uma pessoa que tem essas características	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou ativamente envolvida/o em atividades que comunicam para os outros que eu tenho essas características	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Minha participação como membro de certas organizações transmite	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

aos outros que sou uma pessoa
que possui essas características.

Eu normalmente vistos roupas que
me identificam como alguém que
possui essas características.

Os tipo de livros e revistas que eu
leio me identificam como uma
pessoa que possui essas caracte-
rísticas.

Eu me sentiria bem em ser uma
pessoas que possui essas
características.

Eu desejo fortemente ter essas
características

Ter essas características não é tão
importante para mim.

Eu teria vergonha de ser uma
pessoa que possui essas
características.

Estou contente em pertencer a
minha raça/etnia.

A minha cor de pele é uma parte
importante para descrever quem
sou.

eu

Em minha vida diária, frequente-
mente eu penso o quanto é bom
pertencer a minha raça/etnia.

Em um grupo de pessoas que tem
a mesma cor de pele que a minha ,
sinto-me muito bem.

Eu encontro dificuldade de formar
vínculos com pessoas da mesma
cor de pele que a minha.

Eu tenho orgulho em pertencer a
minha raça/etnia.

Eu gosto de minha raça/etnia.

A minha raça/etnia é importante
para mim.

A minha cor de pele é determinante de quem eu sou.



Às vezes tenho sentimentos ruins com relação a minha raça/etnia.	<input type="radio"/>				
Às vezes fico insatisfeita/o com a minha cor de pele	<input type="radio"/>				
A cor de minha pele é uma parte importante para estabelecer o entendimento de como as pessoas me veem.	<input type="radio"/>				
Geralmente, penso e tenho ideias diferentes das/os outras/os de minha raça/etnia.	<input type="radio"/>				

4 Escalas

Indique quantas vezes as atitudes e comportamentos apresentados a seguir acontecem com você.

	Quase nunca	Ocasionalmente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre
Procuro agir de forma não preconceituosa porque é importante para mim.	<input type="radio"/>				
De acordo com meus valores, não é nada demais usar estereótipos.	<input type="radio"/>				
Sinto-me pessoalmente motivada/o a não ter crenças preconceituosas.	<input type="radio"/>				
Em função dos meus valores pessoais, acredito que é errado estereótipos.	<input type="radio"/> usar				
É importante para meu autoconceito não ser preconceituosa/o.	<input type="radio"/>				
Devido a normas do politicamente correto, procuro demonstrar não preconceituosa/o.	<input type="radio"/> ser				
Tento ocultar pensamentos preconceituosos para evitar as reações negativas dos outros.	<input type="radio"/>				
Ao agir de forma preconceituosa, fico preocupada/o se as pessoas ficar com raiva de mim.	<input type="radio"/> vão				

Procuro não parecer preconceituosa/o para evitar ser desaprovada/o pelos outros.

Procuro agir sem preconceito para

evitar as pressões dos outros.

5 Dados Sociodemográficos 2

Sexo:

- homem
- mulher

Como você declara a sua cor/etnia?

- Indígena
- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela

Qual a sua idade?**Qual a sua orientação sexual?**

Por favor, assinale sua resposta abaixo.

- Heterossexual Gay Lésbica Bissexual Transse

Caso tenha assinalado a opção 'outras' na questão anterior, descreva a sua resposta.

Você tem religião?

- não
- sim. Nesse caso, indique qual.

Assinale o número correspondente ao nível em que você avalia a sua religiosidade/espiritualidade, assumindo que o nível zer religioso/espiritualista e o nível 10 que você é altamente religioso/espiritualista

- 0
- 1
- 2
- 3

4

5

6

7

8

9

10

Indique a sua posição no espectro político, em consonância com a escala abaixo.

Esquerda

Centro

-
-

Direita

Nível de escolaridade máximo:

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Ensino superior

Pós-Graduação

Mestrado

Doutorado

Em que cidade você reside atualmente

Você pode utilizar esse campo para comentários, deixar seu e-mail, caso tenha interesse em receber novas pesquisas, ou os r



Compartilhe nosso estudo com sua rede de contatos:

<https://ww3.unipark.de/uc/jm/>